



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP

Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo

Beatriz Souza Pereira

**Programa Sesc de Esportes e Educação de Jovens na Região de Itaquera,
município de São Paulo - SP**

Dissertação (Mestrado)

Linha de pesquisa: Currículo, Conhecimento e Cultura.

São Paulo

2024

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP

Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo

Beatriz Souza Pereira

**Programa Sesc de Esportes e Educação de Jovens na Região de Itaquera,
município de São Paulo - SP**

Dissertação apresentada à banca
examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título de
MESTRA em Educação: Currículo.

Orientação: Prof. Dra. Nadia Dumara
Ruiz Silveira.

São Paulo

2024

IMPORTANTE: Ficha Catalográfica fornecida pela autora (deverá ser substituída pela Ficha Catalográfica fornecida pela biblioteca da sua instituição.)

P489p Pereira, Beatriz Souza.

Programa Sesc de Esportes e Educação de Jovens na Região de Itaquera, município de São Paulo - SP / Beatriz Souza Pereira. – 2024.

126 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, 2024

Orientação: Profa. Dra. Nadia Dumara Ruiz Silveira.

1. Educação. 2. Currículo. 3. Sesc. 4. Esporte Jovem. 5. Educação Física. I. Título.

CDD 370

Beatriz Souza Pereira

Programa Sesc de Esportes e Educação de Jovens na Região de Itaquera,
município de São Paulo - SP

BANCA EXAMINADORA

Dra. Nadia Dumara Ruiz Silveira
Orientadora

Dr. Fernando José de Almeida

Dra. Giovanna Benjamin Togashi

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.

(Paulo Freire)

Dedico este trabalho ao meu amado pai Manoel Cassiano e meu amado filho Emannuel (*in memoriam*), também, a todos os professores, colegas de profissão, amigos e familiares que me apoiaram incondicionalmente ao longo desta pesquisa, aprendizagem e prática educacional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente aos professores, colegas de profissão, amigos e familiares pelo apoio inestimável durante esta pesquisa, aprendizagem e prática educacional.

Agradeço aos meus colegas de profissão por compartilharem suas experiências e conhecimentos, as suas perspectivas e colaboração foram inestimáveis. Aos meus amigos, que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo apoio emocional e incentivo, quero expressar minha profunda gratidão.

Desejo expressar minha profunda gratidão a Deus, que tem sido meu sustento nas adversidades, impedindo que eu desistisse, nesta e em outras ocasiões.

Reconheço o papel do Sesc enquanto instituição, agradecendo pela oportunidade que me foi dada em concluir o mestrado acadêmico em Educação: Currículo. Agradeço em particular aos dirigentes da minha unidade em Itaquera e a todos os gestores e os colegas de área, nos últimos quase dez anos, pois até as dificuldades que enfrentei se converteram em força e resiliência.

É importante mencionar meus queridos Luciana Romão e Mauricio Micossi, que estiveram comigo desde os primeiros rascunhos deste sonho. Luciana, sua ajuda foi essencial, desde as discussões de textos no metrô até a paciência com meus atrasos devido à minha fobia de locais cheios. Sua assistência na busca por um advogado, na organização de documentos, dos trabalhos coletivos e em tantos outros detalhes foi inestimável. Mauricio, desejo que você encontre sucesso e realização na PUC/SP.

Meu amigo Caio Barone, pelas conversas, visitas ao hospital e até os pequenos gestos, como me trazer chocolates, foram de grande valor.

Alexandre Kesper e Jayne Cardeal, nossa amizade se fortaleceu de maneira notável. Sua presença em momentos de alegria e tristeza, seu apoio e compreensão fazem de vocês parte da minha família.

Um agradecimento especial ao meu amigo Carlos Ciampone, que foi um suporte inicial importante e continua sendo uma figura significativa em minha vida. Aos meus amados: Matheus Souza, Juliana Meirelles e Élisson Calil, meus irmãos eternos, agradeço por todo o apoio ao longo da vida.

Loi Claudino e Biel Alves, agradeço pela assistência tecnológica indispensável na realização desta dissertação, e pela amizade que se formou entre nós.

Agradeço também a Victor Monteiro, pelo apoio nos momentos ruins nesses dois anos de mestrado.

Estendo meu agradecimento a todos os professores da PUC-SP, cuja humanidade e sensibilidade foram um suporte constante durante estes dois anos de mestrado. Agradeço também a todos os colegas do Sesc neste curso, com quem compartilhei tantas ideias e aprendizados.

Leandro Capella, sua ajuda, apoio e confiança foram fundamentais. Amanda, mesmo não estando fisicamente ao meu lado, sua contribuição através de revisões e palavras de apoio foi crucial. Agradeço a todos os meus colegas do Sesc Itaquera, em especial: Anderson, Elder, Eldan, Raquel, Juliane, Marquinhos, Gobbo, Mau, Ju, Nanan e também ao Igor, que reacendeu meu sonho de seguir a carreira acadêmica.

Um agradecimento sincero à minha orientadora, Dra. Nadia Dumara Ruiz Silveira, por sua dedicação e orientação cuidadosa e amorosa neste processo desafiador e gratificante.

Fernando José de Almeida, Giovanna Benjamin Togashi, Marina Graziela Feldmann e Raquel de Melo Martins, membros da minha banca, sua contribuição foi inestimável. Agradeço por tudo.

Por fim, mas não menos importante, agradeço ao meu pai, Cassiano, e a todos os outros membros da família. As dificuldades enfrentadas também foram oportunidades de crescimento e aprendizado.

Continuo na jornada de evolução pessoal, na esperança de influenciar positivamente todos aqueles que encontro em meu caminho.

Este percurso de pesquisa, aprendizagem e prática educacional foi enriquecedor, graças a todos vocês. Obrigada!

PEREIRA, Beatriz Souza. **Programa Sesc de Esportes e Educação de Jovens na Região de Itaquera, município de São Paulo – SP**. 2023. 126p. Dissertação de Mestrado em Educação: Currículo – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2024.

RESUMO

A participação de adolescentes provenientes de áreas periféricas de Itaquera, Zona Leste do município de São Paulo, no Programa Sesc de Esportes (PSE) afeta o desenvolvimento integral desse segmento etário. Os indicadores que caracterizam essa vivência situam-se além do repertório motor esportivo, abrangendo o significado socioeducativo das atividades realizadas, considerando as particularidades da região. O objetivo desta pesquisa consiste em investigar as concepções do Programa Sesc de Esportes (PSE) na identificação de suas repercussões na vida de jovens que participam dos grupos de atividades esportivas, com o propósito de destacar a importância dos princípios e valores do Programa e o potencial transformador de suas ações. O estudo foi desenvolvido considerando abordagens teóricas relacionadas à concepção de educação e de currículo, tendo como referências autores como Paulo Freire, Edgar Morin, Branca Ponce e Maria da Glória Gohn. As reflexões sobre a relação entre a educação e o esporte são pautadas nas produções de Mauro Betti sobre a pedagogia do esporte. Itaquera, lócus da investigação, destaca-se pela implementação de modalidades de educação formal e não formal, considerando sua articulação com a prática do esporte na comunidade. A metodologia da pesquisa, pautada na abordagem qualitativa, inclui como procedimentos: estudo bibliográfico, análise de documentos e pesquisa de campo envolvendo participantes e egressos do Programa Sesc de Esportes (PSE), no período compreendido entre 2014 e 2023. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas com utilização de roteiro semi-estruturado, composto por perguntas fechadas e abertas. A análise dos dados tem como referência a fundamentação teórico conceitual pertinente às áreas da Educação e do Esporte, os objetivos da pesquisa como seus norteadores, tendo em vista sua contribuição frente às singularidades do lócus delimitado para realização da pesquisa.

Palavras-chave: Educação; Currículo; Sesc; Esporte Jovem; Educação Física.

ABSTRACT

The participation of adolescents from peripheral areas of Itaquera, in the East Area of São Paulo City, in the Sesc Sports Program (PSE) affects the comprehensive development of this age group. The indicators that characterize this experience extend beyond the sports motor repertoire, encompassing the socio-educational significance of the activities conducted, considering the particularities of the region. The objective of this research is to investigate the conceptions of the Sesc Sports Program (PSE) in identifying its repercussions on the lives of young people who participate in the sports activity groups, with the purpose of highlighting the importance of the principles and values of the Program and the transformative potential of its actions. The study was developed considering theoretical approaches related to the concept of education and curriculum, with references to authors such as Paulo Freire, Edgar Morin, Branca Ponce, and Maria da Glória Gohn. Reflections on the relationship between education and sports are based on the works of Mauro Betti concerning the pedagogy of sports. Itaquera, the locus of the investigations, stands out for the implementation of formal and non-formal education modalities, considering their articulation with sports practice in the community. The research methodology, based on a qualitative approach, includes: bibliographic study, document analysis as procedures and field research involving participants and alumni of the Sesc Sports Program (PSE), between 2014 and 2023. Data collection was conducted through interviews using a semi-structured script, consisting of closed and open questions. The data analysis is grounded in the theoretical-conceptual foundation relevant to the fields of Education and Sports, the research objectives as its guiding principles, considering its contribution to the uniqueness of the locus defined for the research.

Keywords: Education; Curriculum; Sesc; Youth Sports; Physical Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA: Área de Proteção Ambiental

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

CLT: Consolidação das Leis do Trabalho

ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente

EJV: Esporte Jovem Vôlei

EJF: Esporte Jovem Futebol

EJT: Esporte Jovem Tênis

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

ENF: Educação Não Formal

FUNDEB: Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação

ISEB: Instituto Superior de Estudos Brasileiros

LDB: Lei de Diretrizes e Bases

PNE: Plano Nacional da Educação

PSE: Programa Sesc de Esportes

Sesc: Serviço Social do Comércio

SUS: Sistema Único de Saúde

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa Sesc Itaquera	52
Figura 2 – Mapa de Itaquera	55
Figura 3 – Nuvem de Palavras	68

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Identificação pessoal e social dos entrevistados - PSE

69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
Justificativa.....	15
Objetivos.....	15
Objetivo Geral.....	16
Objetivos Específicos.....	16
Metodologia.....	16
1. EDUCAÇÃO E CURRÍCULO: ETIMOLOGIA E CONCEPÇÕES.....	19
1.1 Etimologia da Educação.....	25
1.2 Educação Formal, Não Formal e Informal.....	27
1.3 Desdobramentos teóricos da educação.....	31
2. ESPORTE E EDUCAÇÃO: SIGNIFICADOS E INTERSECÇÕES.....	36
2.1 A Pedagogia do Esporte.....	37
2.2 Esporte e Educação.....	40
2.3 Serviço Social do Comércio (Sesc).....	43
2.4 O Programa Sesc de Esportes.....	46
2.5 Educação e Esporte em Itaquera: Desafios e Perspectivas.....	50
3. PESQUISA DE CAMPO: PSE DE ITAQUERA E PERCEPÇÕES DOS PARTICIPANTES.....	52
3.1 Lócus da Pesquisa: Itaquera.....	54
3.2 Coleta de Dados e Perfis dos Participantes.....	61
3.3 Análise dos Dados e Categorias Articuladoras.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS.....	87
ANEXO 1.....	94
APÊNDICE 1.....	95
APÊNDICE 2.....	96
APÊNDICE 3.....	123

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como foco de interesse o Programa Sesc de Esportes (PSE) e seu significado no desenvolvimento de jovens, considerando, além da dimensão referente ao aspecto motor esportivo, o potencial socioeducativo inerente ao mencionado Programa. O objeto de estudo inclui as atividades do Programa Esporte Jovem na Unidade Operacional do Sesc Itaquera implementadas ao longo dos últimos nove anos (2014-2023), mesmo período e local no qual tenho exercido a função de educadora.

Em sua proposta pedagógica voltada para o público juvenil, o PSE enfatiza a relevância das estratégias educativas que consideram as particularidades das comunidades nas quais a unidade está inserida e se relaciona. Por meio desta investigação, verifica-se a contribuição do PSE, em suas especificidades na unidade de Itaquera, para um entendimento mais aprofundado acerca do papel educativo do esporte e de seu potencial transformador.

Parte-se da constatação de que o Sesc Itaquera está localizado em uma região de alta vulnerabilidade social na zona leste de São Paulo, operando em comunidades onde o acesso ao lazer e à cultura permanece limitado para uma parte substancial da população. Neste contexto, surgem relatos que denotam a transformação social catalisada pelo PSE, instigando a análise de mudanças pessoais e sociais advindas da participação dos jovens no Programa.

Alicerçada na minha vivência profissional como educadora físico-esportiva no PSE, esta pesquisa amplia os estudos acadêmicos sobre questões curriculares, conhecimento e cultura. O impulso para a concepção do projeto de pesquisa se deu em 2019, durante um encontro com discentes e egressos do Programa Esporte Jovem do Sesc Itaquera, no período de 2014 a 2023¹.

Durante o encontro, simultaneamente às atividades esportivas, foram coletados depoimentos espontâneos acerca da influência do PSE na vida dos participantes, em vários aspectos, o que revelou interpretações que justificaram a formalização de estudos por meio do projeto de pesquisa, aprovado para integrar o mestrado em

¹ Acesso no canal do SESC Itaquera no Youtube: Reencontro Esporte Jovem. Disponível em: <https://youtu.be/Ljswqser20Y> (acesso em 29 de abril de 2024).

Educação: Currículo, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em parceria com o Serviço Social do Comércio em São Paulo (Sesc-SP).

Destaca-se, nesse contexto, a importância do perfil dos estudantes atendidos pelo PSE, reconhecidos pelas competências com eles trabalhadas enquanto agentes comprometidos com mudanças, envolvidos em ações refletidas e protagonistas, por meio das experiências e aprendizagens desenvolvidas no âmbito esportivo.

A questão investigada reside na amplitude de modalidades esportivas e nos significados sociais e educacionais que estas têm sobre os jovens participantes no PSE.

A hipótese subjacente a este estudo supõe que o envolvimento dos jovens no PSE promove o desenvolvimento de sentimentos de pertencimento, o que pode ser observado nas situações pessoais que eles descrevem nas entrevistas realizadas como parte da investigação. Como demonstrado no Capítulo 3, os jovens expressam sentimentos que envolvem a noção de família, de melhora do convívio com as diferenças, de respeito aos demais ao não dizerem palavrões, cuidado com a limpeza da quadra, compreensão das diferenças de gênero e sexualidade, entre outros: elementos valiosos, que fortalecem o potencial de intervenção do PSE para a formação integral dos jovens. O esporte coloca-se como norteador para iniciar todas essas mudanças.

Em consonância com a missão do Sesc, busca-se destacar a importância da formação de agentes transformadores da sociedade, reiterando a perspectiva de Freire (1996) de que educar não é transmitir conhecimento, mas gerar as condições para a construção de novos conhecimentos.

O significado e importância desta pesquisa relaciona-se com a minha identidade e trajetória pessoal. Como mulher negra e nascida em uma região periférica, sou a terceira de seis filhos dos casamentos de meus pais. A minha história é um tema que perpassa as páginas subsequentes deste trabalho.

Minha experiência no Sesc se coloca além de uma mera oportunidade de trabalho, representando a realização de um sonho. Minha vida foi moldada por transformações de comunidade em Itaquera, região onde cresci. O Sesc, anteriormente visto como um privilégio inacessível, tornou-se parte integrante de

minha história. Essa experiência está intrinsecamente vinculada às minhas motivações e ao contexto deste estudo.

Com o passar do tempo, diversas mudanças ocorreram e novas oportunidades emergiram. Ao alcançar uma posição como educadora no Sesc, experimentei uma imensa satisfação. Esta foi a minha oportunidade não apenas de acessar as instalações às quais sempre almejei, mas também de imprimir um impacto positivo na vida de outras pessoas, auxiliando na transformação de suas histórias, assim como a minha foi transformada.

Gradualmente, percebi que minha atuação como educadora em um ambiente de educação não formal poderia se tornar referência para os jovens participantes do PSE. O Sesc São Paulo assume diversos papéis, sendo percebido pelos frequentadores como clube, local de trabalho, espaço de convivência familiar, provedor de refeições, local de lazer, fonte de cuidado e tranquilidade, entre outros sentidos humanizadores. No âmbito esportivo, esses significados foram mais amplamente compartilhados a partir de sua condensação no Manual de Referência do PSE de 2019, em que constam os diferenciais da abordagem educativa da instituição e suas ações em todas as unidades do estado.

Frente a esse cenário, fui instigada a realizar um processo de investigação para compreender de maneira mais aprofundada como o Sesc, enquanto instituição, influi significativamente na vida de jovens, particularmente em São Paulo e, mais especificamente, na região de Itaquerá. O enfoque reside em entender como nossos programas esportivos se caracterizam por seu sentido educacional ao envolver jovens, transcendendo a mera capacitação esportiva e incorporando significados em suas existências. Essa opção abrange tanto minha escolha profissional quanto a busca de atuação na luta pela garantia de direitos.

Refletindo sobre meus nove anos de atuação no Sesc Itaquerá e o papel de pesquisadora que assumi por meio de uma parceria que incluiu uma bolsa de estudos junto à PUC-SP, constato que essas experiências me transfiguraram e intensificaram as possibilidades de envolvimento em ações crítico-transformadoras. Com base neste entendimento, almejo contribuir para o fortalecimento contínuo do sentido socioeducativo do Sesc e com a possibilidade de atualização contínua do Manual de

Referência do PSE, considerando aspectos que enfatizem sua implementação em comunidades e áreas de desigualdade social e promovendo, com isso, a justiça curricular e social por meio da educação não formal.

Justificativa

Além das considerações expostas, esta investigação se justifica por seu propósito de refletir sobre o sentido da participação de jovens das comunidades da região de Itaquera no PSE, na perspectiva de valorizar as características territoriais e regionais, enfatizando a missão transformadora da instituição, do Programa e de seus educadores. Esta pesquisa pode robustecer os estudos curriculares, considerando suas interfaces nas dimensões socioculturais e do conhecimento sob a luz do Manual de Referência do Programa Sesc de Esportes e suas diretrizes:

Os alunos precisam pensar e refletir coletivamente, analisar, decidir, tomar decisões, trabalhar com o outro diferente dele em crenças, experiências, valores e habilidades, compreender as dificuldades dele e os outros, além de vivenciar e desenvolver diversas habilidades necessárias para o convívio social e cidadão (Sesc, 2019, p. 26).

A análise das entrevistas no terceiro capítulo revela tanto confirmações quanto algumas lacunas relacionadas à formação de autonomia, senso de pertencimento, potencial transformador e à emergência do agente transformador em estágios posteriores da vida desses jovens.

Objetivos

As contextualizações e problematizações anteriormente expostas constituem-se como indicadores da necessidade de formalizar as finalidades deste estudo em sentido amplo, na dimensão do objetivo geral e nas suas especificidades, como inserido a seguir na explicitação dos objetivos específicos.

Objetivo Geral

O objetivo desta pesquisa é analisar as concepções do Programa Sesc de Esportes (PSE) à luz da visão dos entrevistados a respeito dos resultados de suas práticas, ou seja, identificar as repercussões do Programa na vida de seus participantes, com o propósito de evidenciar a relevância dos princípios e valores característicos do PSE e o potencial transformador de suas ações socioeducativas.

Objetivos Específicos

a) Investigar bases teóricas referentes aos conceitos de Educação, Currículo, Prática de Esporte, Pedagogia do Esporte, além dos fundamentos programáticos inseridos no Manual de Referência do PSE.

b) Caracterizar as práticas do Programa Esporte Jovem de Itaquera, interpretando seus significados por meio de depoimentos de egressos e participantes atuais do PSE.

Metodologia

A pesquisa tem como base a abordagem metodológica de natureza qualitativa. Fundamenta-se no processo de coleta e análise de dados para atender à especificidade proposta de investigar a influência do Programa Sesc de Esportes (PSE) na formação educacional e compreender seus impactos no convívio social na região de Itaquera, zona leste da cidade de São Paulo.

Conforme Antonio Chizzotti (2006), a investigação qualitativa configura-se como um procedimento de indagação científica que objetiva a compreensão das experiências, significados e valores dos sujeitos investigados por meio da análise de dados descritivos e interpretativos. Focaliza-se na apreensão aprofundada e contextualizada dos fenômenos examinados, levando em consideração o ambiente social, cultural e histórico em que os dados são coletados. A recolha de dados em pesquisa qualitativa pode ser realizada por meio de entrevistas, análise documental, entre outros procedimentos.

A metodologia de pesquisa que contempla narrativas, conforme delineada por Chizzotti (*op. cit.*), constitui-se em uma abordagem de caráter qualitativo que emprega a comunicação textual como ferramenta para registro de interpretação e formas de registros discursivos, visando a extração de significados, identificação de padrões, entendimento das experiências vividas e compreensão da concepção sobre determinado contexto ou temática. Através dessa metodologia, visa-se corresponder aos pilares do Manual de Referência do PSE, bem como aos objetivos dessa pesquisa.

A pesquisa bibliográfica foi realizada com o intuito de compor o arcabouço teórico-conceitual, que será considerado como referência de sustentação do estudo, envolvendo conceitos como: periferia, juventude, esporte, justiça curricular e educação não formal. Este procedimento terá como referência principal os seguintes autores: Freire (1974, 1979, 1981, 1996, 2006), Panguam (1999), Chizzotti (2006), Ponce (2002, 2016), Betti (1991, 2009), Saul (2009), Reverdito (2009).

A análise documental é utilizada como procedimento de acesso a informações demográficas e estatísticas embasadas em dados do INEP, IBGE, entre outros, além de documentos de natureza institucional, incluindo o Manual de Referência do PSE. A assimilação de dados demográficos em pesquisas de caráter qualitativo pode potencializar a compreensão das experiências individuais e coletivas, além de identificar influências socioculturais e permitir a interpretação contextualizada dos resultados obtidos. Partindo da premissa de que a contextualização territorial oferece dados significativos acerca da população-alvo da pesquisa, tais como idade, gênero, etnia, nível educacional, ocupação, entre outros, é possível fornecer um panorama mais amplo sobre as peculiaridades do grupo de participantes por meio desses registros documentais.

Além dos procedimentos metodológicos anunciados, a proposta deste estudo inclui também a realização de uma pesquisa de campo por meio de entrevistas individuais, o que possibilita maior flexibilidade e profundidade na obtenção de informações.

As entrevistas foram conduzidas em 2023 por mim, na condição de pesquisadora, focando-me nos registros dos depoimentos coletados junto aos

participantes ou egressos do Programa. Considerando que, a cada ano, temos em média 35 alunos por curso, iniciamos com a idéia de quatro entrevistas, motivação substituída para um total de doze, dos quais um total de onze foram possíveis. Importante ressaltar que todas as respostas foram coletadas e armazenadas com absoluto sigilo, em conformidade com os princípios éticos que regem a pesquisa acadêmica.

A compreensão da identidade e contextos sociais nos quais os entrevistados estão inseridos permite desvendar diferenças e similitudes entre os participantes do Programa com base em variáveis tais como: origem étnica, condição socioeconômica ou grau de instrução. Essas variáveis podem retratar influências marcantes nas experiências, opiniões e comportamentos dos indivíduos, possibilitando um entendimento mais profundo das influências sociais e culturais que moldam suas perspectivas.

Embora a pesquisa qualitativa não tenha, em geral, a pretensão de generalizar os resultados para a totalidade da população, a inclusão de dados demográficos auxilia na interpretação e na compreensão de aspectos pertinentes a contextos ou segmentos populacionais específicos.

1. EDUCAÇÃO E CURRÍCULO: ETIMOLOGIA E CONCEPÇÕES

O referencial que compõe este capítulo objetiva explorar quatro tópicos centrais derivados do Manual de Referência do Programa Sesc de Esportes e suas implicações para a educação integral de jovens.

O primeiro tópico concerne ao desenvolvimento humano e à juventude. Examina a transição da infância para a adolescência, salientando as transformações expressivas nos aspectos físicos, cognitivos e psicossociais que influenciam as habilidades motoras e afetam as interações sociais dos jovens (Marques, 2018). O desenvolvimento humano, abordado sob o prisma da teoria sociointeracionista de Jean Piaget, coloca o indivíduo e seu entorno como agentes ativos no processo de aprendizagem (Piaget, 1999).

O segundo tópico se concentra na pedagogia do esporte e na educação. Nesse contexto, a prática esportiva é percebida como uma atividade pedagógica que pode contribuir para a formação integral dos estudantes, portanto, não se restringe apenas a movimentos motores, mas abrange ações permeadas por desejos, significados e propósitos (Reverdito, 2009). Adicionalmente, discute-se a importância da formação de professores de educação física e treinadores esportivos tendo em vista promover o desenvolvimento integral dos alunos.

O terceiro tópico aborda a análise do impacto social de projetos sociais esportivos, tal como o PSE. O objetivo é compreender conceitos e termos associados à desigualdade social, vulnerabilidade, inclusão e exclusão, desigualdade socioeconômica, classes sociais e outros elementos constituintes da denominada "questão social". A análise é desenvolvida sob a lente das quatro orientações teóricas propostas por Paugam (1999): dimensões objetiva, subjetiva, relacional e territorial.

O quarto tópico inclui as contribuições de Paulo Freire (1996) ao refletir sobre o significado sociopolítico da educação e da prática educativa de educadores, sob a perspectiva da autonomia dos alunos e do exercício do pensamento crítico, capaz de impulsionar ações transformadoras. Essa concepção de educação envolve também o conceito de justiça curricular e suas implicações no currículo escolar, na perspectiva

de que este seja equitativo para todos os alunos, independentemente de sua origem social, cultural, étnica ou econômica (Ponce, 2002).

Essas contribuições teórico-conceituais possibilitam uma visão ampla e crítica dos referidos tópicos, enfatizando sua relevância para a promoção do desenvolvimento integral dos jovens por meio da prática esportiva e da educação.

O processo de desenvolvimento humano é caracterizado por um ritmo contínuo de transformações físicas e psicológicas, as quais habilitam o indivíduo a experimentar a vivência de novos comportamentos e a reestruturar os existentes.

Uma manifestação desse processo é o desenvolvimento neuropsicomotor, que concerne à aquisição progressiva de habilidades motoras e cognitivas, de maneira a enfatizar o respeito às fases de desenvolvimento motor e psíquico com a devida estimulação a cada uma delas durante o processo de aprendizagem (Souza e Veríssimo, 2015). É fundamental salientar que as características distintas das abordagens metodológicas conferem qualidades específicas e têm repercussões significativas no processo de ensino e aprendizagem próprio de cada uma dessas fases.

Essas características influenciam diretamente na formação dos alunos e delineiam perfis diferenciados. Nesse sentido, com base nos princípios da pedagogia do esporte e apoiadas no pensamento complexo que norteiam o Manual de Referência do PSE, é necessário desenvolver uma metodologia adequada que oriente as ações e intervenções didáticas, contribuindo para a formação do perfil desejado de egresso para além do gesto motor, sem no entanto, o desconsiderar.

No Capítulo 3, de análise das entrevistas, vemos como muitos deles relatam mudanças não apenas físicas, mas também na sua auto-percepção de evolução enquanto humanos: entendem de onde partem, por exemplo, seus medos e preconceitos, o que eles causam nos demais e como mudar essas percepções e pré-conceitos sobre o que desconhecem.

O percurso de desenvolvimento de cada criança é singular, sendo moldado por fatores natos ao indivíduo, como genética, além de ambientais externos (Souza e Veríssimo, 2015). O interesse em elucidar os mecanismos da aprendizagem e do

desenvolvimento humano tem atraído acadêmicos de várias áreas do conhecimento, incluindo filosofia e psicologia (Barbosa e Munster, 2014).

Em relação a essa abordagem temática, destacamos a teoria sócio-interacionista de Piaget (1999). Segundo o autor, o desenvolvimento humano resulta de uma troca contínua entre o indivíduo e o seu meio, em que ambos desempenham um papel ativo no processo de aprendizagem. Este modelo enfatiza a coexistência e a interdependência entre o sujeito e o seu ambiente social, sublinhando o impacto dessas interações no curso do desenvolvimento humano.

Devido à sua atribuição como prática educativa, na qual ações e intervenções intencionais revestem-se de demandas pedagógicas, a pedagogia do esporte, tanto quanto da educação em geral, concilia teoria e prática através de sua aplicação simultânea no processo de ensinar. Portanto, os movimentos esportivos não são apenas gestos motores, mas ações impregnadas de desejos, sentidos e significados, que podem ser analisadas em um contexto mais amplo das ações humanas.

As pedagogias do esporte e da educação contemplam o *porquê*, o *para quê*, o *quê* e o *como* ensinar esporte, em diferentes cenários, para distintas faixas etárias:

Dentro da proposição de um panorama da Pedagogia do Esporte atual, de acordo com Freire (2000; 2003), devemos abandonar as idéias contaminadas pelo imediatismo e inatistas, sobretudo, canalizando mais investimentos para a pedagogia do esporte e incentivando estudos comprometidos com a ação educativa no e pelo esporte. Em relação aos problemas advindos do distanciamento apontado por Scaglia (1999) entre a teoria e a prática, segundo Matos (2006, p. 160), “a teoria é imprescindível para a práxis da PD porque uma verdadeira práxis pedagógica sem teoria acaba facilmente em arbitrariedade, no caos e em meras rotinas”. Essa relação deverá ser compreendida em complementaridade, na qual a ação orientada para a investigação (teoria) esteja alinhada à ação prática (práxis educativa). Para Matos (2006, p. 160), “a teoria sem práxis é vazia e práxis sem teoria é cega”. Santana (2005) e Balbino (2005) corroboram na perspectiva de romper com as abordagens reducionistas em pedagogia do esporte. O paradigma reducionista (simplicidade, estabilidade, objetividade) deverá dar lugar ao paradigma da complexidade (complexidade, instabilidade, intersubjetividade), em que o pensar e o agir estejam comprometidos com a condição humana do sujeito (Reverdito, 2009, p. 602).

A integração entre a educação física, esportes e pedagogia com o intuito de impulsionar o desenvolvimento holístico dos discentes compõe a complexidade que caracteriza a pedagogia do esporte em sua articulação com a educação. Tal

abordagem postula o esporte como atividade pedagógica capaz de contribuir para a formação integral dos alunos, além de se apresentar como fonte de prazer e entretenimento. Assim sendo, visa promover o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e social dos estudantes por meio da prática esportiva.

A abordagem pedagógica na prática esportiva, ou seja, a necessidade de uma formação esportiva articulada a princípios pedagógicos e a uma metodologia específica, é também enfatizada. Considera-se crucial que os educadores físicos e treinadores esportivos possuam formação comprometida com a promoção do desenvolvimento integral dos alunos.

Ressalta-se ainda que tal pedagogia deve levar em consideração as particularidades e necessidades dos estudantes, seus interesses, potencialidades e limitações. Possibilita, assim, que a prática esportiva considere as características de cada estudante, fomentando um ambiente de aprendizagem saudável e inclusivo.

A concepção humanista da educação coloca aos docentes o desafio de uma prática pedagógica que tenha como objetivo a formação plena dos estudantes enquanto sujeitos de transformação, ao vivenciarem uma ética crítica, competência científica e amorosidade autêntica:

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador (Freire, 1996, p. 32).

A análise do impacto social de projetos sociais esportivos, como o Programa Sesc de Esportes, auxilia na compreensão de conceitos como desigualdade social, vulnerabilidade, inclusão e exclusão, disparidades socioeconômicas, dentre outros elementos pertinentes à "questão social" que caracteriza a contemporaneidade. Conforme Paugam (1999), há quatro diretrizes teóricas que colaboram para essa análise social, incluindo as dimensões objetiva, subjetiva, relacional e territorial.

O referido autor explicita essas modalidades ao expor que a dimensão objetiva refere-se aos resultados tangíveis e quantificáveis do projeto, por exemplo, na redução da violência, melhorias na saúde e aumento da empregabilidade, tal como é

explicitado em mais detalhes no Capítulo 3, no qual analisamos as entrevistas de jovens egressos e alunos atuais do Programa Esporte Jovem, além de outros indicadores sociais.

A dimensão subjetiva, por sua vez, relaciona-se às experiências e percepções individuais dos participantes, tais como o incremento da autoestima, a sensação de pertencer a um grupo e a aquisição de novas habilidades. Já a dimensão relacional considera as mudanças nas relações sociais provenientes do projeto, como o fortalecimento das relações comunitárias e a criação de novas parcerias e redes de cooperação. Adicionalmente, veremos na análise das entrevistas que a dimensão territorial contempla alterações na dinâmica espacial da comunidade, como o uso dos espaços públicos, a revitalização de áreas abandonadas e a promoção de intervenções urbanas. Como exemplo, alguns dos egressos entrevistados nesta pesquisa citaram a experiência de promover ou participar, na condição de técnicos e educadores, de aulas de vôlei para jovens de regiões periféricas em outras instituições e espaços educativos – algo que eles mesmos interpretaram como parte do reconhecimento de si enquanto iniciantes nesse esporte no passado².

Paugam (1999) enfatiza ainda que a análise do impacto social de projetos sociais esportivos deve considerar essas quatro dimensões de maneira integrada, visando compreender as motivações e efeitos do projeto sobre a comunidade e seus participantes. Ademais, suas análises destacam a relevância de considerar o contexto histórico, social e cultural em que o projeto está inserido para compreender suas potencialidades e limitações na promoção de mudanças sociais.

No contexto das políticas públicas para a juventude, encontramos o trabalho com o esporte como uma das principais estratégias de intervenção. Principalmente pelo uso de argumentos educativos, existe a crença de que as atividades podem minimizar os efeitos negativos das crianças estarem nas ruas (Viana e Lovisolo, 2009). O esporte é visto como um antídoto para a ocupação do tempo livre, numa concepção que indica uma suposta linearidade entre a falta de lazer e o mundo do crime (Melo, 2005). Por outro lado, como instrumento de disciplina para evitar o envolvimento com as drogas e com a violência, ao invés de questionar as próprias bases que sustentam a desigualdade social, o esporte valida ações capazes de exercer, interpretando Abad (2007) noutro contexto, a força mediante a coerção, coação ou repressão (Nogueira, 2011, p. 104).

² Veja-se Capítulo 3 e Apêndice 2.

A prática pedagógica requer uma abordagem que tenha como perspectiva a libertação do indivíduo por meio da educação, com o objetivo de transformar a sociedade e promover a justiça social. A educação é um processo de conscientização que deve levar o estudante a compreender sua realidade, refletir sobre ela e agir para transformá-la (Freire, 2006).

Veremos adiante na análise das entrevistas que muitos alunos do Esporte Jovem relatam um entendimento e sensação de inferiorização social antes de entrarem no PSE e em suas primeiras incursões no Sesc Itaquera. Relatam também que o contato com os educadores, com outros alunos participantes e egressos do Programa abriu-lhes novos horizontes, trazendo possibilidades de ação profissional ou amadora em projetos e a perspectivas de mudança social e de vida.

A justiça curricular, conforme conceito utilizado por Ponce (2002), expressa a necessidade de conceituação do currículo escolar envolvendo a concepção de justiça e igualdade para todos os estudantes, independentemente de sua origem socioeconômica, cultural, incluindo a dimensão étnica. Esta abordagem opõe-se à ideia de que todos os alunos devem receber o mesmo conteúdo de ensino, independentemente de suas necessidades sociais e das características individuais.

Para Ponce (2002), a justiça curricular vai além da mera inclusão de tópicos socialmente relevantes e diversidade cultural no currículo escolar. Ela implica, sobretudo, em adotar práticas pedagógicas que respeitem e valorizem as individualidades dos alunos.

Essa perspectiva abrange a implementação de metodologias de ensino que contemplem as variadas formas de aprendizagem, a criação de um ambiente escolar acolhedor e respeitoso, e a garantia de condições equitativas de acesso e participação dos alunos no processo educativo. Além disso, a justiça curricular implica na participação ativa dos alunos no processo educativo, encorajando-os a contribuir com suas próprias perspectivas e experiências. Para alcançar tal feito, são necessárias práticas pedagógicas que promovam o diálogo, a reflexão crítica e a participação dos alunos na construção do conhecimento.

Por sua vez, Apple (1989) alerta que a justiça curricular deve estar em sintonia com as questões sociais e políticas específicas de cada contexto. Ressalta-se a

importância de se trabalhar com o conhecimento prévio e as experiências dos estudantes na construção de um aprendizado significativo e transformador. Nessa mesma linha, destaca-se a relevância da conscientização e da ação coletiva como meios para combater as desigualdades e injustiças presentes na sociedade, situando a justiça curricular como um instrumento crucial para essa tomada de consciência. Convém analisar a forma como a escola e o currículo refletem e reproduzem as relações de poder e desigualdades da sociedade, postulando a necessidade de trabalhar por uma educação mais justa e democrática.

Em suma, a justiça curricular é um conceito que sublinha a necessidade de um currículo escolar que respeite e valorize as distintas culturas e vivências dos estudantes. Da mesma forma, enfatiza a necessidade de uma educação que esteja ligada às questões sociais e políticas do contexto no qual se insere, posicionando-se como instrumento para a conscientização e transformação social.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a busca por justiça curricular é um desafio contínuo. Esta é uma luta essencial para promover uma educação de qualidade para todos, que considere as diferenças e especificidades individuais dos alunos, e também seja capaz de formar cidadãos conscientes, críticos, atuantes de forma transformadora na sociedade – o que nos remete às reflexões sobre etimologia e educação, a seguir.

1.1 Etimologia da Educação

A educação, em sua essência, é tão dinâmica quanto a linguagem, moldando-se e sendo moldada pelo contexto cultural e social que a rodeia. Essa característica fundamental é exemplificada pelo constante fluxo de mudança semântica que permeia nossa linguagem e, por consequência, a evolução das práticas e teorias educacionais.

Partindo da premissa que concebe interlocuções entre comunicação, educação e contexto social e cultural, pode-se visualizar a interatividade entre escola e sociedade. Na Grécia Antiga, considerada berço da educação ocidental, a literatura era vista como elemento fundamental da educação, um valor que, ainda hoje, é amplamente respeitado e reconhecido (Zilberman, 2009). Essa tradição, transmitida

de geração em geração, reflete o papel crucial da educação na formação social e política expressa na sua diversidade historicamente situada (Chartier, 1999).

Dessa forma, é imprescindível considerar que no Brasil, para muitos estudantes, a escola representa o espaço mais significativo da formação educacional, profissional e social. A concretização da educação crítica é a oportunidade que a escola pode e deve proporcionar aos alunos. A educação, nesse contexto, assume um papel que se situa além da mera transmissão de conhecimentos ao desenvolver o pensamento crítico e o exercício pleno da cidadania, como previsto na Constituição Brasileira de 1988 e nas deliberações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Brasil, 1996).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a educação passou por reordenamento em múltiplos eixos, marcando uma grande extensão do sistema educativo e dando espaço a novas percepções e direcionamentos para a educação formal, não formal e informal (Montenegro, 2022).

Essa progressão mostra a dinâmica da educação e seu movimento de ressignificações contínuas frente às necessidades e desafios socioculturais que marcam diferentes momentos da sociedade e seus percursos históricos.

Partindo da premissa de que o contexto social e econômico molda a educação, podemos ressaltar que no Brasil colonial, a estrutura econômica e social era fortemente sustentada pela grande propriedade e trabalho escravo. Este sistema favoreceu uma sociedade patriarcal onde os proprietários de terras detinham poder absoluto. Dessa forma, a cultura medieval europeia disseminada pelos jesuítas era adequada para atender às demandas dessa sociedade emergente. A estrutura social e o teor cultural estavam em sintonia, formando uma sociedade composta por latifundiários, senhores de escravos e uma aristocracia agrícola que governavam as massas analfabetas e submissas (Ribeiro, 1993).

A educação europeia até meados do século XIX era uma instituição elitista, restrita às classes sociais abastadas que permitiam que seus filhos se abstivessem de trabalhar. A realidade do analfabetismo predominante, observado no Brasil até o século XIX, reflete a realidade tanto da elite escravista da colônia como do posterior império brasileiro (Ribeiro, 1993). Durante o período colonial, a educação provida

pelos jesuítas não atendia às necessidades da colônia, pois se destinava apenas a transmitir conceitos básicos e não incluía a qualificação profissional.

As crianças pobres, em sua maioria negras, foram excluídas da educação escolar, sendo destinadas ao trabalho agrícola, enquanto as crianças da elite eram educadas por tutores privados. A educação neste período focava em disseminar os valores morais básicos, centrando-se na leitura, escrita e aritmética (Gouvêa, 2007).

Com a Lei das Instituições de 1834, a responsabilidade pela educação foi delegada às províncias, que eram encarregadas do ensino primário e secundário, enquanto o ensino superior era regulamentado pelo poder central. Durante este tempo, o currículo então correspondente ao ensino médio era humanista, refletindo a relutância da sociedade em relação à educação profissional. No entanto, a falta de recursos e um sistema tributário inadequado impediam que as províncias regulassem e promovessem efetivamente o ensino primário e secundário. A falta de investimento nesses níveis abriu caminho para a iniciativa privada e sua atuação principalmente no ensino médio, agravando ainda mais a seletividade e elitismo da educação nacional (Ribeiro, 1993).

1.2 Educação Formal, Não Formal e Informal

Tendo em vista a contextualização apresentada, cabe destacar que a educação formal se configura como um sistema de educação estruturado e cronologicamente graduado, que perpassa desde a escola primária até a universidade, abrangendo estudos acadêmicos e variadas especializações e instituições de treinamento técnico e profissional (Marandino, 2017).

Em contrapartida, a educação não formal se diferencia do sistema formal por suas proposições e formas de organização. Esta modalidade opera independentemente ou como parte de uma atividade mais ampla, um público previamente identificado e com objetivos específicos de ensino e aprendizagem. Já a educação informal ocorre no processo contínuo da convivência humana na qual os indivíduos assimilam atitudes, valores, procedimentos e conhecimentos da experiência cotidiana e de seu entorno, o que ocorre em ambientes como família, trabalho, lazer e diversas mídias de massa (Freire, 1979).

Esse contexto possibilita ressaltar a intensificação de pesquisas, debates e protagonismo no campo da educação não formal no Brasil a partir da década de 1990. Percebe-se nesse movimento a forte influência do pensamento de Paulo Freire, incluindo-se um intenso diálogo com suas contribuições relacionadas à educação popular e de jovens e adultos, na perspectiva do fortalecimento das lutas pelos direitos de diferentes segmentos etários.

Historicamente, tais pesquisas remetem aos grupos de militância no campo dos direitos humanos, educação popular e educação de rua ainda nas décadas de 1960 e 1970. Naquele momento, estudos sobre a educação não formal, tangenciaram a educação de jovens e adultos, despertando o interesse de teóricos de outros países, como Jaume Trilla, que se aproximou da produção teórica freireana quando esta chegava timidamente à Espanha dos anos setenta (Garcia, 2021).

Para entender a evolução da educação, cabe voltar às transformações sociais e econômicas que ocorreram no fim do Império e início da República brasileira. Essas transformações, marcadas pela abolição da escravidão e desenvolvimento do capitalismo industrial, remodelaram a paisagem econômica do Brasil, tornando-o mais industrializado e mais necessitado da promoção da educação profissional para as classes economicamente desfavorecidas (Romanelli, 1978).

No século XIX, o ensino secundário focava em preparar os alunos para o ensino superior a fim de atender aos anseios das classes dominantes, que buscavam o rápido reconhecimento social para seus filhos como "homens letrados do país" (Ribeiro, 1993). Nesse contexto, nos primeiros anos da República, várias propostas de reformas educacionais foram apresentadas, mas poucas foram efetivamente implementadas. As reformas propostas por Benjamin Constant em 1889 e outras subsequentes não foram postas em prática devido à falta de apoio político das elites, que entendiam tais propostas como uma ameaça à formação da juventude, baseada como era nos valores aristocráticos e rurais tradicionais (Ribeiro, 1993).

A emergência do capitalismo como uma nova configuração socioeconômica trouxe uma revolução em todas as formas de produção, pensamento e percepção da realidade. De acordo com esta nova ordem, o processo de formação ou educação dos indivíduos que a reproduziriam também foi afetado (Gomez, 2010), o que indica o

reconhecimento do seu caráter determinante em relação ao modo como os indivíduos compreendem e interagem no mundo.

Dentro deste contexto, foram disponibilizados conhecimentos científicos pautados em paradigmas clássicos, que englobavam a simplicidade, a dualidade cartesiana e uma concepção reduzida de realidade. Este paradigma foi adotado pela psicologia, e conseqüentemente, pelos modelos educacionais, tendo como referência uma concepção comportamentalista que priorizava a conduta humana por meio da importância dada ao observável, desconsiderando o pensamento e a consciência crítica. Nesse procedimento, o sujeito era entendido como um fenômeno da natureza, reduzido a um mecanismo causal e previsível (Pérez, 1996).

Estes modelos, seja o comportamentalista clássico ou baseado em paradigmas padrão, compõem o chamado paradigma científico clássico e, portanto, se encaixam na lógica de um processo de conhecimento reducionista, com aplicabilidade limitada a contextos culturais muito específicos (Gomez, 2010).

O entendimento das mudanças do desenvolvimento da educação brasileira nos permite identificar um marco por volta dos anos 1960, uma década que foi notável pela promulgação das primeiras diretrizes e leis educacionais, ademais da implementação de planos de educação (Fonseca, 2009). Cabe ressaltar que a ideia de planejamento na educação já estava amadurecendo desde os anos trinta, impulsionada por educadores comprometidos com valores como a democracia, o acesso universal à educação e à igualdade. Esse panorama incluiu o incentivo da qualidade metodológica do ensino básico, promovendo uma pedagogia individualizada que encorajava a atividade livre e espontânea dos alunos.

Vale destacar ademais os debates e fóruns internacionais realizados nas décadas de 1950 e 1960. Destacaram-se principalmente as conferências em Pointe Leicester e Santiago do Chile, respectivamente em 1961 e 1962, que estabeleceram metas decenais para a educação na América Latina. No entanto, intelectuais brasileiros reunidos no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) criticaram-nas, ressaltando que a educação não deveria se limitar somente a questões técnicas, mas envolver também o pensamento crítico dos alunos a partir da realidade política e

ideológica nacional, preparando-os, por conseguinte, para superar o atraso do país (Fonseca, 2009).

Em contrapartida, a percepção não estrutural do analfabetismo revelava uma visão distorcida dos analfabetos como indivíduos marginalizados. Com Freire (1979), o reconhecimento da existência de uma realidade que identificava os analfabetos como marginalizados – não apenas no espaço físico, mas considerando sua presença do ponto de vista histórico e sociocultural – foi um passo importante para a reforma da educação. Nesse ponto de vista, o analfabetismo se tornava uma questão estrutural, e não uma questão de opção pessoal. Essa visão estrutural do analfabetismo indicava que a solução para o problema não era a incorporação dos analfabetos à estrutura que causa a marginalização, mas uma transformação efetiva da estrutura desumanizante em que foram imersos (Freire, 1979)³.

A fase subsequente da educação brasileira, após o golpe militar de 1964, foi marcada por reformas educacionais com foco em objetivos econômicos e no modelo de desenvolvimento industrial do país. Novas leis foram promulgadas para reestruturar o ensino superior e os equivalentes ao ensino fundamental e médio, visando a formação de profissionais para impulsionar o desenvolvimento econômico e social do país.

A educação e a política de incentivo da ciência e tecnologia foram elevadas a um patamar central na agenda nacional, sendo consideradas fundamentais para a qualidade dos recursos humanos necessários ao novo modelo de desenvolvimento buscado (Ferreira Jr. e Bittar, 2006; Saviani, 1991). Dessa forma, podemos perceber que a evolução da educação no Brasil tem sido um processo contínuo de adaptação às mudanças sociais, econômicas e políticas.

Com a restauração da democracia, a Constituição de 1988 estabeleceu que a educação é um direito de todos e uma responsabilidade do Estado e da família. A Constituição tem como objetivo a promoção do desenvolvimento integral do indivíduo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. Além disso, garante o

³ Recupera-se a discussão de Paulo Freire sobre alfabetização e humanização é como questão relevante importante ao tema aqui tratado pois, como veremos adiante na análise das entrevistas, o sentimento de inferiorização social dos jovens na região de Itaquera é muito presente, fazendo com que este seja um tema de debate e diálogo constante no PSE, em especial no Esporte Jovemôlei.

direito à liberdade, igualdade, pluralismo de pensamento e uma remuneração adequada aos profissionais da educação.

Em sua amplitude, a educação popular impulsionou a concepção de que a ação educativa e pedagógica deve ser contextualizada. Nessa dimensão situam-se aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos, sobre os quais são construídas desigualdades, exclusão, segregação e injustiças em nossa sociedade.

Por isso, ressalta-se a importância de refletir sobre conceitos e práticas para transformar essas condições a partir da educação, entendida em suas múltiplas dimensões: formal, não formal e informal. Torna-se cabível a premissa de que a simples mudança educativa não transforma a sociedade, mas se a educação é concebida tendo em vista somente o processo de reprodução, a sociedade também não muda. Portanto, a educação é reconhecida como um exercício político e pedagógico (Montenegro, 2022).

Em suma, em diferentes momentos da história do Brasil, a educação passou por transformações que se alinharam com as mudanças na estrutura social, econômica e política do país. Desde o período colonial até os dias atuais, a educação tem desempenhado diferentes papéis em diferentes contextos. As interpretações e análises históricas permitem compreender as mudanças que caracterizaram o sistema educacional brasileiro e os desafios que ainda persistem, resultando em diversos processos de enfrentamento.

1.3 Desdobramentos teóricos da educação

Partindo da premissa de que a "práxis educativa", enquanto ciclo contínuo de ação e reflexão, é uma capacidade exclusiva do ser humano, Freire (1979) argumenta que essa prática distingue a humanidade, apontando para a necessidade da compreensão crítica da realidade que não se apresenta de imediato. A aproximação inicial do ser humano com o mundo se dá de maneira espontânea e ingênua.

Nesse sentido, o esporte desempenha um papel fundamental na promoção da convivência e sociabilidade entre os indivíduos. Por meio da prática esportiva, os participantes têm a oportunidade de interagir e colaborar em um ambiente coletivo. O

vôlei, em particular, é um esporte que enfatiza a importância da coletividade, uma vez que requer a cooperação e o trabalho em equipe para alcançar os objetivos do jogo.

Os jogadores precisam se comunicar, coordenar movimentos e tomar decisões em conjunto, o que fortalece os laços sociais e promove a integração entre os membros do time. Além disso, sua natureza competitiva proporciona oportunidades para desenvolver habilidades sociais, como o respeito mútuo, a solidariedade e a liderança, contribuindo para uma convivência harmoniosa e uma maior sociabilidade dentro e fora do ambiente esportivo.

Pensando no que aponta Freire (1979) há, assim, nos esportes e mais especificamente no vôlei, um grande potencial de mediatização entre os educandos e a realidade, potencial este que passa pelo sentimento de ação coletiva, de entendimento dos corpos em movimento consciente e coordenado para um objetivo comum.

A partir dessa análise, destaca-se a conscientização como processo que vai além da apreensão espontânea da realidade, envolvendo uma compreensão articulada a uma postura epistemológica frente ao objeto de conhecimento. A conscientização se configura como imprescindível nesse processo.

Observa-se a relevância da conscientização no campo educacional, sendo que toda ação educativa necessita, portanto, ser precedida por uma atitude de reflexão sobre os seres humanos e uma análise do contexto de vida do indivíduo a ser educado. Sem essa reflexão, corre-se o risco de que os métodos educacionais reduzam o ser humano à condição de objeto, ao invés de permitir aos educandos serem sujeitos ativos do processo de aprendizado. Como veremos com mais detalhes no Capítulo 3, o processo educativo reflexivo dentro do PSE levou, por exemplo, alguns egressos do Esporte Jovem a transitarem do papel de educandos para o de educadores em outras instituições de ensino, uma vez graduados.

Freire (1979) também defende que a educação deve ser um processo dialógico capaz de desenvolver a conscientização e atitudes críticas frente à realidade social. Para isso, é preciso educar para que o indivíduo faça escolhas e tome decisões, o que contribui para a sua libertação, em vez de simplesmente subjugá-lo ou adaptá-lo a uma sociedade pré-estabelecida.

Torna-se importante ainda considerar as reflexões de Freire (1979) sobre a opressão, sendo relevante questionar: quem, melhor que os oprimidos, está preparado para compreender o terrível significado de uma sociedade opressora? A luta pela liberdade é uma luta de amor, oposta à ausência de amor, que se encontra nas ações de violência dos opressores. É preciso entender que durante a fase inicial do combate, em lugar de lutar pela liberdade, os oprimidos tendem a converter-se eles mesmos em opressores ou em “sub-opressores”.

O vôlei, no caso desta pesquisa, pode ser um mediador para a compreensão das relações entre jogadores e relações humanas, que transcende a dicotomia entre opressores e oprimidos. Nas interações dentro de uma equipe de vôlei, surgem relações complexas que extrapolam essa dualidade, incluindo outras relações intermediárias. Nas entrevistas, percebemos que os alunos-jogadores analisados adquiriram uma compreensão diversificada sobre questões como gênero, classe social, raça e pertencimento à comunidade⁴.

Essas experiências proporcionam *insights* sobre a diversidade e complexidade das relações humanas, destacando a importância do diálogo, da cooperação e do respeito mútuo dentro e fora das quadras. O vôlei, portanto, pode servir como uma plataforma para explorar e compreender as nuances das interações sociais e promover uma maior conscientização sobre questões sociais relevantes.

A revolução que transforma uma situação concreta de opressão, lançando o processo de libertação, deve ainda enfrentar este fenômeno. É imprescindível reafirmar que a liberdade dos oprimidos não será alcançada simplesmente ao inverter os termos da contradição, mudando-se apenas os polos. A verdadeira libertação depende de um “homem novo”: nem o opressor, nem o oprimido, mas um homem em processo de libertação (Freire, 1979).

Considerando as reflexões anteriores, é possível afirmar que a articulação de pesquisas ligadas à militância nos direitos humanos, educação popular e de rua, com as interpretações de Paulo Freire sobre a opressão, representa uma mudança paradigmática no campo educacional. Essas pesquisas apontam para a realidade da opressão, argumentando que os oprimidos, em sua luta pela liberdade, podem muitas

⁴ Veja Capítulo 3.

vezes, inadvertidamente, assumir a posição de opressores. Essa conexão intensifica a relevância do pensamento freireano para a compreensão da educação na contemporaneidade.

A concepção de liberdade expressa por Freire (1979) constitui a base de uma educação que só pode ser efetiva e eficaz se os educandos participarem dela de maneira livre e crítica. Essa é uma premissa fundamental para a organização dos "Círculos de Cultura", que substituem a escola tradicional, reúnem um coordenador e representantes do povo em um trabalho comum de conquista da emancipação.

Ainda pela argumentação do autor, o diálogo é imprescindível nesse processo que visa a passagem dos indivíduos de uma compreensão predominantemente mágica da realidade para uma compreensão essencialmente crítica. Torna-se necessário, nesse processo, a incorporação de um método ativo de educação, de um diálogo crítico, e a ressignificação do conteúdo dos programas de educação.

Dessa forma, os indivíduos são incentivados a se reconhecerem como criadores de cultura, assumindo um papel ativo na transformação da realidade ao seu redor. A conscientização é, portanto, vista como essencial para a aprendizagem efetiva e para ajudar o indivíduo a se perceber como sujeito da história e cumprir essa vocação no exercício da cidadania.

Se considerarmos como objetivo principal do PSE a promoção da formação de grupos dedicados à prática esportiva, abrangendo atividades competitivas, demonstrativas ou simplesmente de prática, então os valores fundamentais subjacentes a essas atividades incluem o estímulo ao lazer, à participação, à inclusão, ao pleno exercício da cidadania e à busca por uma melhor qualidade de vida.

Nesse contexto, o PSE assume um papel significativo de se comprometer com a disseminação dessas premissas. Na prática de vôlei no Esporte Jovem em Itaquera, por exemplo, o respeito à diversidade de corpos, gênero, raça e classe é incentivada em rodas de conversa e no dia-a-dia, quando surgem questionamentos ou conflitos envolvendo os educandos.

Os alunos trazem também questões muito variadas de suas realidades sociais: dúvidas de saúde, de relacionamento familiar e pessoal, das matérias escolares, que são debatidas em quadra e, portanto, acompanham frequentemente os exercícios

técnicos do esporte. Jogar juntos significa também se entender como time e comunidade.

2. ESPORTE E EDUCAÇÃO: SIGNIFICADOS E INTERSECÇÕES

Nesse capítulo exploram-se os conceitos de esporte e educação, considerando os seus significados e intersecções. Considera-se que, no contexto da educação, atividades físicas como dança, artes marciais, jogos e ginástica representam uma rica fonte de aprendizado cultural e contribuem para a autorreflexão dos alunos. Essas atividades ajudam a cultivar uma perspectiva aberta e livre de preconceitos em relação a diversas expressões culturais e sociais (Brasil, 1997). Logo, reitera-se:

Sendo o esporte um dos maiores fenômenos sócio-culturais da contemporaneidade, mostra-se relevante sua prática e reflexão na educação formal, uma vez que Paes (2001) aponta a importância da escola na democratização do acesso ao esporte, desde que sistematizado como um conteúdo da Educação Física. O autor afirma que as discussões e avanços acadêmicos têm sido intensos na área da Educação Física Escolar, ficando, entretanto, distantes do cotidiano do professor que atua na escola (Galatti, Paes e Darido, 2010, p. 752).

A legislação educacional do país reforça a responsabilidade do Estado em assegurar o acesso a atividades esportivas e valorizar a diversidade cultural. Isto é sustentado por várias leis, incluindo a Constituição Federal, o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o Plano Nacional de Educação e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A BNCC desempenha um papel vital em padronizar e aperfeiçoar o ensino de esportes, fornecendo um roteiro prático para as escolas (Flor e Tropia, 2018). Apesar disso, os benefícios dos esportes raramente são discutidos no meio acadêmico. Uma análise mais profunda pode revelar que estas atividades oferecem importantes contribuições para o desenvolvimento psicossocial do estudante em várias áreas, como saúde física, desenvolvimento motor e cognitivo, sociabilidade e desenvolvimento psicoemocional.

Os esportes promovem o desenvolvimento físico e a colaboração entre colegas, também proporcionam o enfrentamento de desafios físicos e mentais que contribuem para o desenvolvimento social. Este aspecto destaca a necessidade de maior consideração e adaptação dos esportes no contexto escolar.

Os esportes têm um grande impacto nos campos sociocultural, político, econômico, educacional e de entretenimento, assumindo uma presença dominante na vida contemporânea. Em um ambiente educacional, devem ser visto não apenas como produto de consumo, mas também como um instrumento de aprendizagem que promove princípios como emancipação, participação e colaboração. Essa abordagem exige uma análise crítica das motivações comerciais e midiáticas dos esportes e incentiva sua compreensão como fenômeno cultural (Sedorko e Finck, 2016).

Os professores devem procurar formas de integrá-los ao contexto social mais amplo, fomentando uma abordagem educacional reflexiva e evitando a pedagogia funcionalista e conservadora que é frequentemente empregada. A prática e o ensino de esporte em diferentes contextos, incluindo o escolar, de lazer e de alto desempenho, devem ser influenciados e informados por fatores socioculturais e pelo contexto pedagógico em que ocorrem (Sedorko e Finck, 2016).

2.1 A Pedagogia do Esporte

A influência de Mauro Betti na pedagogia do esporte pode ser rastreada ao longo de sua carreira acadêmica, e suas reflexões sobre a Educação Física escolar continuam a ser extremamente relevantes. Betti (2009) argumentou vigorosamente pela necessidade de ultrapassar uma visão idealista da Educação Física, que se concentrava unicamente nos elementos da cultura corporal de movimento, como os da disciplina.

Em continuidade, o autor propôs uma abordagem sistêmica à Educação Física, que buscou integrar a cognição e a corporeidade de forma a tornar a disciplina uma ação pedagógica com a cultura corporal (e não meramente um discurso sobre esta).

Dessa forma, reforçou a importância da Educação Física como um campo de conhecimento e intervenção profissional-pedagógica, com o objetivo de proporcionar uma apropriação crítica da cultura corporal de movimento. Ele ressaltou, ainda, a necessidade de associar o "saber movimentar-se" e o "saber sobre" o movimento, promovendo a formação de cidadãos capazes de usufruir, compartilhar, produzir, reproduzir e transformar os modos culturais da motricidade humana.

A partir dessa análise, evidencia-se que Betti também participou ativamente no debate brasileiro sobre a concepção da Educação Física como disciplina científica. Suas produções acadêmicas apresentam diferentes posições, ressaltando a necessidade de formular teorias que possibilitem entender e explicar os objetos da Educação Física de maneira dialética.

Em acréscimo, Betti (2009) abordou a importância da pesquisa na Educação Física escolar, destacando a relevância das análises qualitativas, como os estudos etnográficos e a pesquisa-ação, para o avanço dos estudos da disciplina. As reflexões do referido autor enfatizam a perspectiva da pesquisa-ação, que busca conhecer e atuar, aproximando pesquisadores e professores da educação básica.

É preciso destacar que no campo da Educação Física, reconhece-se a importância do currículo para promover não apenas habilidades motoras, mas também influenciar positivamente o ambiente escolar, incentivando o relacionamento compartilhado, objetivos comuns e respeito às individualidades e aptidões de cada estudante.

A possibilidade de um componente curricular contribuir para ativar um ou mais parâmetros de eficácia escolar é outro aspecto a ser explorado na dinâmica entre a escola, seus componentes curriculares e a eficácia escolar. No caso investigado neste estudo, os dados apontam que a EF e os demais tempos e espaços de práticas corporais têm participação na configuração do clima escolar. Do mesmo modo, podemos considerar que a ideia de terminalidade construída a partir do engajamento dessa escola em competições esportivas contribuiu para a construção de objetivos e visões compartilhados. Todavia, há que se destacar que talvez o sucesso dessa disciplina e das diferentes oficinas oferecidas no ambiente escolar pode estar vinculado ao fato do currículo possibilitar experiências para todos e, ao mesmo tempo, oferecer diferenciadas experiências que caminham na direção do gosto e/ou da aptidão (Soares, Neto e Ferreira, 2013, p. 309).

Essas análises reforçam o argumento central que sustenta a importância das contribuições de Betti para a Pedagogia do Esporte, especialmente no contexto brasileiro. Partindo da premissa de que o esporte é um fenômeno cultural, Betti (2009) ressalta, ademais, a necessidade de uma pedagogia que permita a compreensão crítica da cultura do movimento. A Educação Física, como participante do sistema universitário brasileiro, deve incorporar práticas científicas típicas desse meio, o que

inclui a valorização da ciência e da pesquisa como fundamentais para a intervenção nessa área.

Dessa forma, é desejável e possível aprimorar a prática pedagógica da Educação Física através do ensino, aprendizagem e treinamento dos esportes coletivos, bem como melhorar o entendimento sobre a relação entre teoria e prática na Educação Física.

Isso pode ser alcançado se considerarmos as concepções sobre as relações de poder presentes na cena educativa e a participação ativa dos educandos em seu projeto e execução, bem como se levamos em conta a necessidade de direcionar todo o processo em favor de uma transformação que libere os sujeitos da opressão mantida pela educação tradicional (Guidetti, 2020). Tais considerações e intervenções sociais por alunos egressos ao Programa, são encontradas no Capítulo 3 desta pesquisa.

As reflexões expostas explicitam que a Educação Física tem potencial para ser uma disciplina transformadora e empoderadora, tanto para indivíduos quanto para a sociedade em geral. Até chegar a esse ponto, no entanto, é essencial que continuemos a desenvolver e aprimorar as práticas e teorias pedagógicas na área.

Podemos citar o jogo como elemento principal das ações educativas do PSE, como presente em seu Manual de Referência. No contexto esportivo, o Programa visa aprimorar a habilidade dos jogadores e jogadoras de compreenderem as dinâmicas de jogo para dele participarem de forma mais eficaz e eficiente.

É relevante ressaltar que o jogo, por sua natureza lúdica, pode ser empregado como método e estratégia, tornando as atividades esportivas mais agradáveis e inclusivas. Isso proporciona diversas experiências positivas, incentivando a continuidade da prática esportiva ao longo da vida.

Por conseguinte, acreditamos que os estudos em pedagogia do esporte devem direcionar nossas práticas de ensino esportivo, visando não apenas transmitir conhecimentos técnicos e teóricos, mas também promover o prazer pela prática esportiva e expandir suas possibilidades para todos os interessados.

No recorte desta pesquisa, o vôlei no Esporte Jovem representa essa dimensão do jogo e da própria Educação Física.

2.2 Esporte e Educação

Podemos considerar o esporte como parte eficaz da modalidade de Educação Não Formal (ENF). Esta análise parte da premissa de que a Educação Física é uma área de conhecimento e uma intervenção profissional-pedagógica que visa promover a apropriação crítica da concepção de cultura corporal de movimento.

Dessa forma, o esporte, quando inserido em contextos de educação não formal, além de contribuir para a formação de cidadãos capazes de usufruir, compartilhar, produzir, reproduzir e transformar os modos culturais da motricidade humana⁵, também pode se transformar em um meio para o desenvolvimento integral do indivíduo – se estiver num contexto de perspectiva de educação e cultura libertadoras e críticas.

Quanto aos conceitos de educação formal, não formal e informal, seguimos o exposto por Eichberg (2010).

Para o autor, a educação formal é caracterizada por metas de aprendizado, cronograma (incluindo período e currículo) e ambiente de aprendizado (como o espaço físico da escola). Essa modalidade é deliberada, direcionada e sujeita a avaliação formal, com uma abordagem específica da teoria à prática. Nela, o suporte à aprendizagem segue uma estrutura hierárquica, onde o professor, com sua expertise, lidera o processo de ensino para alunos que ainda não a possuem. O professor conduz questionamentos e avaliações, enquanto o aluno responde e é avaliado. Certificados ou diplomas são objetivos do processo educacional formal, sendo a instituição escolar o quadro estrutural central.

A educação não formal é predominantemente caracterizada pela sua ocorrência fora dos contextos institucionalizados de ensino. Embora possa apresentar objetivos de aprendizagem, estes geralmente se manifestam de forma mais implícita do que explícita. Ademais, a estruturação da educação não formal em termos de tempo, local e apoio ao aprendizado pode variar consideravelmente. Embora possua uma natureza intencional, seu propósito primordial não é exclusivamente a aquisição de conhecimento, mas sim a realização de atividades significativas, muitas vezes em ambientes não educacionais, como locais de trabalho ou clubes. É digno de nota que a

⁵ Conceito que abarca o movimento humano em todas as suas expressões

educação não formal, por não estar ancorada em certificações, não conduz, em geral, a certificações formais. Ao invés disso, sua essência reside na valorização dos processos não formais de aprendizagem.

Por fim, a educação informal se manifesta no cotidiano, ocorrendo entre indivíduos em interações informais, tais como brincadeiras, atividades lúdicas, experiências familiares, ambiente de trabalho e momentos de lazer. É frequentemente associada à autoeducação, ao desenvolvimento da dignidade pessoal e à desinstitucionalização. A aprendizagem informal se realiza primordialmente por meio da prática e da experiência direta, não sendo geralmente estruturada ou intencional. Não há uma hierarquia rígida entre professores e alunos, pois o conhecimento é construído através do diálogo e da troca entre os indivíduos, embora essa dinâmica de aprendizado mútuo possa variar em termos de equilíbrio e participação.

Como visto no capítulo anterior, o reconhecimento e a valorização da educação não formal como uma componente essencial do processo educacional ganharam destaque no Brasil a partir da década de 1980. Esse reconhecimento foi impulsionado pela crise global do sistema formal de educação e pela pressão do mercado, que passou a comercializar modelos de exercícios físicos e esportes como produtos, ampliando assim as perspectivas de aprendizagem. Esta mudança coincidiu com a emergência da sociedade civil como um setor econômico e social influente, ao lado dos setores público e privado. Tal reconhecimento valorizou a abordagem do "Esporte para Todos", destacando sua base de aprendizado popular, oficialmente reconhecida como educação não formal (e informal) (Eichberg, 2010).

Neste contexto, o esporte vai além do desenvolvimento físico e da classificação da educação. A prática esportiva tem potencial para promover habilidades cognitivas, sociais e emocionais, contribuindo para que os indivíduos se tornem cidadãos ativos, críticos e engajados em suas respectivas comunidades.

A Educação Física, ao explorar a conexão entre corpo e conhecimento, busca entender as técnicas corporais não apenas como habilidades mecânicas, mas como expressões culturais e históricas, que refletem as tradições e valores da sociedade. Evita-se, com isso, a simplificação e generalização dessas práticas, como expressam certas interpretações reconhecidas, ao se explicitar que:

Nesse sentido, uma das perguntas principais que vêm norteando estudos no campo da EF é sobre como é possível fundamentar teoricamente a relação entre corpo-conhecimento. Uma discussão mais apressada corre o risco de reificar isso que se chama de significados das práticas corporais. Garganta (1998) e depois Daolio (2002) exploram justamente a ideia de “técnicas do corpo”, de Marcel Mauss, que consiste em conceber o corpo como o primeiro instrumento do homem: “as diferentes formas de utilização do corpo que permitem lidar eficazmente com os constrangimentos impostos pelas características das respectivas modalidades desportivas” (Garganta, 1998, p. 22). O autor entende que é o processo de padronização (que torna a técnica reproduzível) que constitui a técnica como uma forte componente cultural. Para além da eficiência da ação, é um controle do resultado dessa ação. Esses autores comparam as técnicas corporais com as demais técnicas da humanidade (de cozimento, plantio, *etc.*). Esses procedimentos vão ganhando tradicionalidade por atender a determinadas sociedades localizadas no tempo histórico. O grande problema é a reificação e naturalização dessas técnicas. A PE avança até o entendimento de que os contextos culturais vão receber o arcabouço de gestos esportivos a partir de suas possibilidades de interpretação, seus significados. Mas essa propriedade linguística do corpo careceria de uma fundamentação (Ghidetti, 2020, p. 10).

No contexto brasileiro, a Educação Física tem sido debatida como uma disciplina científica. Betti (2009) discute esse aspecto e enfatiza a necessidade de formulações teóricas que possam compreender e explicar os objetos da Educação Física de maneira dialética.

O debate sobre o sentido, formas e objetivos da educação, enfatizando o papel do esporte como ferramenta educacional em modelos não formais foi tratado por Montenegro (2022). Esse autor fornece um contexto internacional para a discussão sobre educação formal e não formal, destacando a Conferência Internacional sobre Educação realizada em 1967, em Williamsburg, Virginia, nos Estados Unidos, cujas discussões sobre a complexidade que caracteriza os espaços educativos não formais ainda são pertinentes para o entendimento dos educadores do Programa Esportivo no Sesc Itaquera. Problematisa, ainda, os termos formal, não formal e informal, que são frequentemente usados de maneira controversa e cujas definições estão longe de ser consensuais.

No contexto latino-americano, a divisão entre educação não formal e informal, está fortemente associada a iniciativas educativas de natureza política e com objetivo de transformação social. Isto inclui o uso do esporte como via educacional em modelos não formais, como é o caso do Sesc-SP, e consequentemente da unidade de Itaquera.

Por fim, traz uma reflexão crítica sobre a educação não formal, problematizando a noção de desenvolvimento, a qual muitas vezes é assumida sem considerar as condições contextuais específicas nas quais tal processo ocorre (Montenegro, 2022). A partir dessa análise, podemos concluir que o esporte é visto não apenas como uma atividade física, mas como uma ferramenta educativa potente no contexto de educação não formal, que muito contribui para o desenvolvimento humano em seu contexto social e histórico específico.

2.3 Serviço Social do Comércio (Sesc)

O Sesc (Serviço Social do Comércio) foi fundado em 1946, após a promulgação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) no Brasil. A CLT determinava que as empresas comerciais deveriam oferecer assistência social, cultural e educacional a seus trabalhadores, o que levou à criação do Sesc como uma instituição que se dedicasse a oferecer esses serviços.

A instituição é de caráter privado, inspirada a partir de um projeto cultural e educativo do empresariado brasileiro no setor de comércio, bens, serviços e turismo. Sua ação é marcada pelo caráter inovador nas áreas de educação, lazer, cultura e arte, com o cuidado em preconizar acesso, bem-estar e qualidade de vida no atendimento à população de todo o Brasil.

Inicialmente, o Sesc era voltado principalmente para a oferta de serviços de saúde e educação, como atendimento médico, odontológico e cursos de alfabetização. Com o tempo, a instituição expandiu: atualmente, o Sesc é uma das maiores instituições brasileiras de promoção social e cultural, oferecendo serviços em diversas áreas para trabalhadores do comércio e seus familiares em todo o país.

A instituição conta com unidades em diversas cidades, disponibilizando cursos, exposições, espetáculos teatrais e musicais, exhibições de cinema, atividades esportivas, entre outros. Ao longo de sua história, o Sesc se consolidou como uma instituição de grande relevância na promoção da cidadania e da inclusão social, destacando-se pela valorização da cultura brasileira e contribuindo significativamente para o desenvolvimento e bem-estar dos trabalhadores do comércio e suas famílias.

A partir da década de 1990, o Sesc-SP organizou o Programa de Desenvolvimento Físico-Esportivo cujo principal objetivo é realizar ações de caráter educativo que estimulem a ampliação das experiências relacionadas aos esportes e às atividades físicas, conscientizando a população sobre a importância dessas práticas na vida cotidiana.

Nessa direção, o Programa Sesc de Esportes (PSE) pode ser considerado uma potente ferramenta institucional de promoção do desenvolvimento humano, contribuindo para a formação integral dos indivíduos enquanto agentes sociais ativos críticos e protagonistas (Sesc, 2019).

A unidade Sesc Itaquera, que faz parte das 44 unidades do estado de São Paulo (considerando as especializadas), está instalada em uma área de 350 mil metros quadrados (mais de 200 mil metros quadrados de áreas verdes), foi projetada na década de 80 e inaugurada em 29/10/1992 (possui, portanto, 32 anos de funcionamento). Desde sua origem, oferece aos frequentadores vivências no âmbito cultural e esportivo, protagonizando o desenvolvimento sociocultural de seus participantes.

O espaço não se limita apenas aos trabalhadores do setor de comércio de bens, serviços e do turismo e seus dependentes, mas é aberto para qualquer grupo de participantes, independentemente de sua classe social e características identitárias.

O público atendido pela unidade vai muito além da zona leste da cidade. Acolhe majoritariamente pessoas de bairros vizinhos, mas conta também com agendamentos escolares e com público de outras regiões, muitas vezes a longas distâncias. Muitos são os que frequentemente buscam essa unidade interessados na variedade de atividades que vão de *shows*, palestras e teatros aos toboáguas do parque aquático. Já o público que frequenta os cursos, em sua maioria, faz parte das vilas e bairros do entorno, como a Gleba do Pêssego, Nove de Julho, Cidade Líder, São Mateus, entre outros.

O desenvolvimento físico-esportivo no Sesc-SP é um processo de educação permanente, com incentivo à prática esportiva autônoma e consciente. O projeto dissemina ideias sobre a importância da inclusão da atividade física diária enquanto possibilidade de conquista da qualidade de vida (Sesc, 2019).

A instituição tem como premissa uma concepção diferenciada de Esporte enquanto fenômeno de múltiplas possibilidades. Considera as manifestações da cultura corporal realizadas por crianças, jovens, adultos e idosos como uma forma de educar os cidadãos de maneira não formal, difundindo princípios como integração e respeito à diversidade e inclusão social.

Neste sentido as atividades físico-esportivas desenvolvidas no Sesc inspiram-se no movimento mundial do Esporte para Todos:

“O Esporte para Todos está relacionado com a cultura, cultura corporal, cultura de movimento e com a identidade popular. Valoriza os jogos e as brincadeiras tradicionais, o envolvimento democrático da comunidade e a vida social. O seu conteúdo é mais abrangente do que as modalidades esportivas formatadas sob regras formais, convencionais e internacionais, ou de caráter comercial. O ponto de partida são jogos e brincadeiras populares e regionais, o envolvimento comunitário e a não necessidade de uma justificativa utilitária e funcionalista para o esporte” (Melher, 2021, p.45).

Segundo Melher (2021), o conceito de "Esporte para Todos" representa uma oportunidade singular de desafiar os paradigmas convencionais enraizados no âmago do esporte, moldados por uma teia intrincada de influências históricas, políticas e econômicas, especialmente durante os tumultuosos tempos da Revolução Industrial.

Ao abraçar e legitimar o "Esporte para Todos", não estamos simplesmente delineando uma nova categoria, mas redefinindo a própria essência do esporte. Trata-se de adotar uma perspectiva ousada, que reconhece o esporte como uma expressão cultural intrinsecamente acessível e inclusiva, concebida e praticada pela e para a comunidade.

Neste contexto, surge a percepção de uma miríade de práticas esportivas alternativas, além das dominantes, como verdadeiras manifestações das culturas corporais populares. Essas formas, por demasiado tempo marginalizadas ou subestimadas, são reconhecidas como legítimas e enriquecedoras dentro do discurso esportivo convencional.

Ao valorizar o "Esporte para Todos", almejamos não apenas ampliar o escopo do campo esportivo, mas também celebrar a riqueza e a diversidade inerentes às atividades físicas e competitivas. Em vez de restringir, buscamos transcender as

limitações tradicionais, incorporando e exaltando a vastidão de expressões esportivas existentes, numa ode à verdadeira inclusão e reconhecimento da pluralidade humana.

A partir dessa premissa as ações pedagógicas abordam os conteúdos em três dimensões – conceitual, atitudinal e procedimental –, que estimulam as crianças a aprender a ser, conviver, saber e fazer no e por meio do esporte (Betti, 1991).

Nesse sentido, a educação integral é aquela que se propõe a ensinar não somente as expressões corporais, mas também as expressões verbais. Amplia-se e se fortalece, com isso, o pensamento do aluno, tendo em vista a construção da sua autonomia moral, o respeito às suas emoções e o enriquecimento da sua integração social.

Reforçamos que, segundo Betti (2009), a pedagogia do esporte não se limita apenas ao ensino de habilidades técnicas ou táticas, mas tem como objetivo a formação integral do indivíduo, considerando suas dimensões biológicas, psicológicas, sociais e culturais.

O referido autor defende a importância da prática esportiva como um meio para o desenvolvimento humano, enfatizando valores como cooperação, responsabilidade, respeito mútuo e ética, destacando a necessidade de se promover uma cultura esportiva crítica, que questione os padrões dominantes e busque a inclusão social por meio do esporte.

A pedagogia do esporte é entendida, portanto, como uma prática transformadora que contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

2.4 O Programa Sesc de Esportes

O PSE é uma importante iniciativa do Sesc, que tem como objetivo maior o desenvolvimento da prática esportiva como forma de promoção da saúde, integração social e desenvolvimento pessoal.

O Programa é composto por diversas atividades, como aulas de natação, musculação, ginástica, lutas, dança, entre outras. Essas atividades são disponibilizadas a diversas faixas etárias, de crianças a idosos, respeitando os

diferenciais de habilidades e níveis de condicionamento físico. As atividades são desenvolvidas por profissionais qualificados, que oferecem suporte adequado para que os participantes atinjam seus objetivos de forma segura e eficiente.

Além de promover a prática esportiva, o Programa também busca difundir valores como respeito, solidariedade, disciplina e cooperação, que são essenciais tanto para os esportes quanto para a vida em sociedade. Em síntese, o PSE é uma importante iniciativa para o incentivo à prática esportiva e para a promoção da qualidade de vida dos brasileiros.

O Programa tem como plano de ação a continuidade da prática esportiva, de modo a perpassar as diferentes faixas etárias com processos pedagógicos que visam a formação integral. Ou seja, ali a prática esportiva privilegia a diversidade de experiências para que os alunos tenham discernimento na hora de escolher as modalidades com as quais possuem maior afinidade, sentindo-se motivados a continuarem a prática esportiva para além do espaço da instituição.

Elaborou-se, em 2019, um Manual de Referência, que foi publicado pela Gerência de Desenvolvimento Físico Esportivo e se baseia na ação de projetos permanentes e pré-existentes do setor físico-esportivo.

Esse documento reúne os principais fundamentos conceituais e conjunto de procedimentos que devem ser devidamente inseridos no planejamento e realização das atividades que compreende o Núcleo Físico-Esportivo. Dessa forma, serve como parâmetro de orientação, referência e consulta, garantindo a viabilização das etapas que compõem as atividades do Programa e garantindo a qualidade e eficácia das realizações produzidas através de critérios e dinâmicas comuns.

De acordo com o Manual, na adolescência o atendimento do PSE é realizado através do Esporte Jovem, que por sua vez é subdividido em dois grupos de acordo com a faixa etária: Esporte Jovem 10 a 13 anos e Esporte Jovem 13 a 16 anos.

Este projeto está voltado para a turma Esporte Jovem 13 a 16 anos. Nesta etapa é fundamental considerar as respectivas necessidades dos jovens, pois neste momento acontece a transição da diversidade de práticas esportivas para a especificidade da modalidade esportiva de maior interesse, já que as escolhas que eles farão após essa iniciação dependerão das experiências que tiveram ao longo deste processo. Assim, este programa tem como característica promover um processo pedagógico adequado a fim de

propiciar uma formação integral e a continuidade entre as faixas etárias (Sesc, 2019, p. 81).

A abrangência de atividades oferecidas pelo Núcleo Físico-Esportivo para além do PSE, como debates, rodas de conversas e outras manifestações culturais, propiciam um processo de construção de currículo diversificado. Este traz o esporte como foco, porém abrangendo diferentes caminhos e direcionamentos que consideram as características territoriais onde estão inseridos os participantes.

Essa concepção se justifica pela percepção de que o acesso escolar pode não suprir a variabilidade complementar de interesses e expectativas da realidade do público jovem, que exige um olhar para além de currículos formais engessados e formados por diretrizes de ensino generalistas (Scaglia, 2013).

Assim, considera-se necessário que os educadores e as instituições do entorno estejam atentos à realidade como referência para compor a proposta curricular de formação dos jovens. Cabe ressaltar a importância de uma aprendizagem significativa, que leve em consideração as características dos alunos, suas necessidades, interesses, realidade de vida, dentre outras especificidades dos seus espaços de convivência.

No sentido de aproximação com a realidade dos alunos, o jogo é considerado pelo PSE como importante meio de aprendizagem, por ser um recurso imbuído de valores sociais e culturais.

A expectativa é de que o jovem desenvolva um perfil capaz de construir, reconstruir e refletir sobre sua participação na sociedade através do jogo, para que projete e desenvolva habilidades de resolver, entender e expressar-se por meio de um amplo acervo de possibilidades de enfrentamento dos desafios do cotidiano, colocando-se no lugar do outro para conviver com ética, cidadania e respeito às diferentes circunstâncias.

São, portanto, objetivos específicos da proposta didático-metodológica-operacional do Esporte Jovem:

“Ensinar conhecimentos específicos da(s) modalidade(s); Promover a cultura esportiva; Desenvolver a autonomia do (a) aluno (a); Desenvolver valores e habilidades para a vida e Iniciar e envolver os (as) alunos (as). O conteúdo

para atingir esses objetivos devem envolver: Modalidades esportivas e familiares; Competições; Diversidade de conteúdo, Ambientes lúdicos e experiências Intergeracionais” (Sesc, 2019).

O Programa Esporte Jovem 13 a 16 no Sesc Itaquera é constituído atualmente das modalidades tênis, vôlei e futebol soçaite. Todas as modalidades são mistas e também contam com a absorção de alunos de outros programas educativos, egressos do Curumim, Esporte Criança, Juventudes, o que demonstra a assertividade da continuidade desses jovens na unidade através do esporte.

Em 2014, ano de minha admissão no Sesc-SP, a realidade do Esporte Jovem em Itaquera me pareceu bem peculiar, uma vez que a procura pelos cursos era grande e, em sua maioria, de meninos atraídos pelo futebol soçaite. Três vezes por semana, de quarta à sexta, das 14h às 16h, cerca de 40 alunos formavam essa turma, orientados por dois professores e dois estagiários.

Algumas dessas peculiaridades, na época, se destacaram. Detalhes do grupo mostravam um pouco da realidade na qual eu estava inserida como educadora: alguns alunos vinham direto da escola para o Sesc, muitos relatavam estar com fome, a maioria com vestimenta inadequada e até com dificuldades de higiene pessoal. Aos poucos, entendendo o meio no qual o Sesc Itaquera se encontra foi possível compreender melhor as motivações desses alunos para comparecerem às aulas assiduamente.

O famoso “lanche”, oferecido após 1h30 de aula, era para muitos a primeira e por vezes a única refeição do dia. A falta de orientação sobre possibilidades de crescimento pessoal e social, os incontáveis desabafos sobre problemas pessoais e a constante procura dos educadores para conselhos sobre diversos assuntos da vida demonstravam uma carência além das habilidades motoras. Estas, inclusive, vale destacar, já chegavam nesta etapa de crescimento esportivo fora dos parâmetros esperados para a maioria deles (peso, índice de massa corporal e altura aquém do desejado).

Com uma abordagem educativa diferenciada, voltada para o desenvolvimento social para além do foco físico-esportivo, de 2014 até o presente, foi possível notar algumas mudanças significativas nos alunos: a motivação em continuar fazendo parte do grupo; uma maior participação feminina com respeito mútuo; a sensação de

pertencimento e fortalecimento para o convívio social; as competições vistas de maneira integral, com organização e autonomia desenvolvida pelos próprios alunos; a amizade construída entre eles para além dos cursos.

Diante desse quadro, e de acordo com as orientações do PSE, nota-se a importância da educação integral, principalmente em comunidades, onde o papel do educador pode ter um significado amplo como projeto educativo social através do esporte.

2.5 Educação e Esporte em Itaquera: Desafios e Perspectivas

A presença de um bom professor na vida de jovens nas comunidades de grandes cidades pode ser significativa, pois muitas vezes esses jovens enfrentam desafios sociais, econômicos e culturais que afetam seu desempenho acadêmico e suas oportunidades futuras. Diante desse cenário, referencio alguns autores que abordam essa questão e contribuem para o avanço do conhecimento com suas produções: Paulo Freire (1996), Michael Apple (1989), Beatriz Leite (2010) e Ana Maria Saul (2009).

Paulo Freire (1996) destaca a importância de uma educação libertadora, que possibilite aos estudantes desenvolverem sua consciência crítica e serem capazes de compreender e transformar sua realidade. O papel do professor é, assim, o de criar um ambiente de diálogo e reflexão que permita aos estudantes se tornarem sujeitos ativos de sua própria aprendizagem.

Michael Apple (1989) argumenta que os professores têm o poder de influenciar a forma como os estudantes percebem sua posição na sociedade e como entendem a relação entre escola e mundo exterior. Defende a importância de um currículo que esteja conectado com as questões sociais e políticas de cada lugar, o qual permita aos estudantes compreenderem e questionarem as desigualdades presentes na sociedade.

Beatriz Leite (2010) destaca a importância do papel crítico do professor na educação ao afirmar que "[...] o professor tem o papel de ser um mediador consciente que, por meio do diálogo, da escuta e da reflexão, acompanha o processo de

aprendizagem e ensino, ajudando os alunos a construir sentidos e significados para o esporte, a vida e a sociedade" (*op.cit.*, p. 35). Ou seja, o professor não deve ser apenas um transmissor de conhecimento, mas sim um facilitador do processo de construção do conhecimento crítico pelos alunos.

Para Ana Maria Saul (2009), o professor deve ser capaz de estimular nos alunos a capacidade de pensar criticamente sobre a realidade, questionar as desigualdades sociais e buscar soluções transformadoras para os problemas enfrentados pela sociedade. Nessa perspectiva, o professor é um agente de mudança e transformação social, por isso deve estar engajado em um projeto educativo comprometido com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Nesse sentido, a influência dos professores na vida de jovens nas comunidades de grandes cidades pode ser muito significativa, especialmente se ele adotar uma postura crítica e reflexiva, reconhecer as diferenças culturais e linguísticas dos estudantes, criar um ambiente de diálogo e transformação social – o que se coloca como desafio nos projetos de educação esportiva realizados em Itaquera, considerando suas diferentes modalidades, conforme apresenta-se a seguir.

3. PESQUISA DE CAMPO: PSE DE ITAQUERA E PERCEPÇÕES DOS PARTICIPANTES

Itaquera, um distrito localizado na porção leste do município de São Paulo, tem uma história que se entrelaça com os conceitos de educação formal e não formal. Este capítulo explora as várias dimensões da educação em Itaquera, destacando a importância desses conceitos na formação de sua cultura, economia e identidade.

Figura 1 – Mapa Sesc Itaquera



Fonte: ISUU, 2015.

Como já mencionado nos capítulos anteriores, a educação não formal tem origens no final do século XIX e início do século XX, destacando-se nos anos 1960 com essa nomenclatura. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a crise constitutiva da escola levou a uma busca por outras formas de educação, entre elas a educação não formal. Esta engloba várias dimensões, como aprendizagem política, capacitação para o trabalho, organização comunitária, compreensão do mundo e educação mediada pela mídia (Fernandes, Lima e Miranda, 2017).

Considerando as reflexões de Gohn (2006) e trazendo-as para o contexto específico desta pesquisa, a educação não formal em Itaquera é caracterizada pelo compartilhamento de experiências em espaços coletivos e interações cotidianas. Diferentemente da educação formal, que opera dentro de uma estrutura formalmente

definida e reconhecida, a educação não formal nessa região se manifesta através de encontros e atividades comunitárias.

A complexidade e a diversidade dessa modalidade educativa exigem uma compreensão diferenciada da natureza e dos objetivos do processo educacional. Nela, tanto o educador quanto o educando são agentes ativos na construção do saber, refletindo uma abordagem colaborativa. Isso se distancia da visão tradicional de educação, vinculada a uma transmissão unilateral – indesejada por nós – de conhecimento.

Esta pesquisa examina territórios previamente explorados, mas busca fornecer uma perspectiva distinta e singular, como proposto por Duarte (2002). A meta não é gerar descobertas inteiramente novas, mas trazer um novo ângulo para observar e interpretar essa realidade específica, fundamentada em experiências e conhecimentos diferenciados.

A metodologia que leva a seus resultados finais enfatiza o processo de coleta e análise dos "fatos da realidade", conforme articulado por Duarte (2002). A seleção do objeto de estudo e a escolha da metodologia são componentes essenciais do processo de pesquisa, como considerado nos procedimentos utilizados no percurso investigativo.

Como procedimento de coleta de dados, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, de acordo com Fraser e Gondim (2004). Essa estratégia possibilitou uma relação intersubjetiva entre pesquisadora e entrevistados, na busca da compreensão de significados e valores atribuídos pelos indivíduos sobre suas experiências pessoais.

A partir dos objetivos delineados na Introdução, analisa-se a repercussão e a influência das ações vivenciadas por jovens do Programa Esporte Jovem quando na faixa etária de 13 a 16 anos. Ressalta-se a importância dessa faixa etária (13-16), que se caracteriza como uma fase de transição da adolescência à juventude, com demandas específicas que a diferenciam substancialmente das proposições voltadas ao esporte para adultos, e que congrega, ademais, um público expressivo no Sesc Itaquera.

A flexibilidade na condução da pesquisa pautou-se na atribuição de um papel ativo aos entrevistados durante o processo de interpretação e análise das entrevistas. Consideramos na análise uma série de elementos que respondem aos nossos objetivos específicos, remetem aos pilares curriculares do Programa e permitem a triangulação, conforme indicado por Fraser e Gondim (2004), entre olhar da pesquisadora, objetivos de pesquisa e os alicerces programáticos explicitados no Manual de Referência do PSE.

Reconhecendo que diferentes abordagens de pesquisa possuem diferentes pontos de vista, como discutido por Duarte (2002), optou-se pelo entendimento de que as entrevistas têm como parâmetro de referência as definições acima citadas. Analisou-se 11 entrevistas com alunos egressos e outros ainda participantes do Programa, com perfis diferentes e respeitando a autodeclaração para gênero e raça.

A análise teve como referência autores renomados por suas produções pertinentes ao objeto de estudos, como Duarte (2002) e Fraser e Gondim (2004), viabilizando considerações pertinentes ao percurso investigativo e fortalecendo os resultados obtidos.

3.1 Lócus da Pesquisa: Itaquera

O lócus da pesquisa destaca-se pela identificação de suas especificidades ao caracterizarmos Itaquera como distrito localizado na zona leste de São Paulo, com uma história que remonta à inauguração da Estação Ferroviária em 6 de novembro de 1875 (Magalhães, 2022). De acordo com Oliveira (2002), a controvérsia sobre sua verdadeira idade levou a comunidade a adotar essa data como aniversário oficial, embora as primeiras referências remontem à Carta de Sesmaria de 1686.

Em 1820 ocorreu a primeira menção ao assentamento de Itaquera, com a presença de um rancho simples e precário conhecido como "Casa Pintada", onde os viajantes paravam para descansar e abastecer-se de mantimentos. O bairro foi originalmente uma aldeia indígena e seu nome significa "pedra que racha", ou então "pedra dura", em tupi-guarani, devido à presença de muitas pedras na região⁶.

⁶ Não existe um consenso histórico sobre essa etimologia, mas essas duas variações são aceitas.

De acordo com D'Andrea (2012), a história do bairro remonta a 1620, quando surgiram algumas das primeiras referências à Fazenda Itaquera, localizada nos limites do Assentamento de São Miguel. Dois séculos e meio depois, deu-se a inauguração da mencionada estação de trem. A malha ferroviária teve um grande impacto, permitindo o transporte dos moradores para outras regiões e o envio de mercadorias ali produzidas para o centro de São Paulo. Foi ao redor da estação que se consolidou um próspero centro comercial, como demonstrado na Figura 2, abaixo:

Figura 2 – Mapa de Itaquera



Fonte: Google Maps.

Em 1919, foram realizados dois grandes loteamentos em Itaquera: um urbano, chamado Vila Carmosina, e outro denominado Colônia, de condição rural e habitada principalmente por imigrantes japoneses, que constituíram a maioria dos habitantes desse bairro em 1922 (Felippini, 2020). Segundo o autor, Itaquera se desenvolveu principalmente por meio de loteamentos e vilas, seguindo uma forma clássica de urbanização.

De acordo com Leme, Gimenez e Santana (2016), os imigrantes japoneses começaram a se estabelecer nas áreas rurais da região a partir da década de 1920. A principal atividade econômica dessas famílias era o cultivo de pêssegos em uma extensa área próxima à Floresta do Carmo. Ao longo do século XX, os processos econômicos gradualmente substituíram as áreas agrícolas por vilas e loteamentos.

Grandes fluxos populacionais, especialmente do Nordeste, se estabeleceram em Itaquera devido aos terrenos de baixo custo e à estação de trem, que permitia o deslocamento até o centro.

Assim, a configuração semirrural da região se tornou uma reserva de terras a ser incorporada aos circuitos periféricos de valorização, refletidos nos loteamentos e vilas, cujos terrenos eram vendidos para a população de baixa renda. Esse processo foi lento e ocorreu principalmente entre as décadas de 1940 e 1970 (Leme, Gimenez e Santana, 2016)

No início da ditadura militar, Itaquera era um bairro periférico não consolidado, com pouca infraestrutura urbana. Sua população era composta por operários e trabalhadores assalariados do comércio e serviços. Muitos desses moradores pagavam prestações para realizar o sonho da casa própria. Urbanisticamente, os terrenos vazios, resultado da especulação imobiliária, contrastavam com muitas ruas de terra e precariedade (Damiani, 1993).

Na década de 1970, surgiram as primeiras favelas na região (Iwakami, 2010). No início dos anos 1980, o bairro de Itaquera voltou a atrair a atenção do poder público com a construção de grandes conjuntos habitacionais.

No entanto, a história de Itaquera também foi marcada por tragédias e perdas humanas (Ramalhoso, 2020). No ano de 1987, ocorreu um trágico acidente ferroviário próximo à estação, resultando na morte de mais de sessenta pessoas, principalmente trabalhadores, crianças, afrodescendentes e nordestinos. Esse foi o pior desastre ferroviário da história de São Paulo, evidenciando a negligência do Estado brasileiro. Após a tragédia, a vida continuou como se nada tivesse acontecido e os trens voltaram a circular no dia seguinte, mostrando falta de consideração pelas vidas perdidas e indiferença em relação à segurança e ao bem-estar dos moradores da região (Baumgaertner, 2022).

Em meio a essas circunstâncias, a chegada do metrô em 1988 foi considerado um novo marco na história de Itaquera. A inauguração da estação Corinthians-Itaquera melhorou a conectividade do bairro com o centro da cidade, embora não tenha resolvido completamente o problema da segregação socioespacial. No entanto, a estação fortaleceu seu *status* como um centro importante na zona leste de São

Paulo (Baiardi, 2017). Além disso, em 1995 foi inaugurada a Avenida Jacu-Pêssego, sob a administração do então prefeito Paulo Maluf. Essa avenida atravessa o bairro de ponta a ponta e representou outro marco importante para a mobilidade da região (Campos, 2017).

Assim, de acordo com Nisida *et. al.* (2015), a história da urbanização em Itaquera seguiu um caminho não convencional. Em vez de instalar primeiro a infraestrutura e depois permitir que os moradores se estabelecessem, aconteceu o contrário. As pessoas chegaram primeiro em busca de moradia, seguidas pela infraestrutura estatal e, finalmente, pela iniciativa privada, que buscava aproveitar a localização valorizada graças à intervenção estatal.

Apesar desse desenvolvimento, persiste a falta de serviços públicos adequados, como escolas, hospitais e postos de saúde, gerando pressão por parte da população. Até hoje, a provisão desses serviços continua deficiente, deixando os moradores em uma situação desfavorável.

Itaquera merece atenção e valorização. É importante que o desenvolvimento do bairro seja real para todos. Abaixo estão alguns dos principais desafios enfrentados pela região ao longo dos anos muitos desses problemas são recorrentes e alguns não recebem a devida atenção da administração municipal para serem resolvidos.

A Avenida Afonso de Sampaio e Souza, uma das principais vias da região, enfrenta desafios significativos, incluindo a preocupação dos residentes em relação à prostituição invadindo áreas residenciais do Parque do Carmo, levando-os a realizar rondas em grupo para prevenir tal situação. Além disso, a avenida carece de infraestrutura adequada, com problemas recorrentes de buracos, sinalização de solo deficiente, calçamento precário e iluminação inadequada, demandando atenção urgente das autoridades.

Acerca das questões de saúde é imprescindível aprimorar a prestação de serviços nos postos de saúde da localidade, com especial ênfase à Unidade Básica de Saúde (UBS) de Itaquera, situada na Rua Américo Salvador Novelli. Uma das reclamações predominantes diz respeito à demora no atendimento para agendamento de exames nesta unidade. Ademais, destaca-se a necessidade de reformas no Hospital Planalto, de importância significativa na região.

Como outras partes da cidade, Itaquera enfrenta desafios em relação à segurança pública, mas também conta com diversos projetos e iniciativas para melhorar a segurança e a qualidade de vida da população, sendo uma região com forte presença do comércio, com diversas lojas e serviços ao longo de suas principais avenidas. Além disso, o bairro abriga uma grande concentração de indústrias, especialmente nas áreas de eletrônicos e metalurgia.

A região abrange em média 600 mil habitantes, da qual 25% são jovens (150 mil) e, destes, 42% são pardos e negros (IBGE). Portanto, determinar-se jovem em Itaquera é algo muitas vezes hostil, pois significa estar à margem do exercício da cidadania.

Uma das atrações do bairro é o Estádio do Corinthians, que sediou jogos da Copa do Mundo de 2014. A construção do Estádio trouxe consigo uma enorme valorização dos imóveis e terrenos da área, o que causou a expulsão de proprietários de baixo poder aquisitivo, forçada pela especulação imobiliária. Ampliou-se, entretanto, a região como local de lazer e entretenimento.

Sobre a educação, cito a instalação do *campus* da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) próximo ao Sesc, uma vez que quando se pensa numa universidade pública não se pensa só sobre a construção do *campus*, mas também na consolidação de políticas públicas para a inclusão nele das pessoas de seu entorno.

Embora seja uma grande conquista, o *campus* ainda está em fase de implementação. Previsto para ser inaugurado em 2014, até agora só dispõe de prédio administrativo e da Faculdade de Geografia em funcionamento. Os estudantes enfrentam dificuldades de espaço devido à estrutura precária e muitas vezes ocupam áreas destinadas aos funcionários. Por trás desse problema enfrentado pelos alunos e professores, há uma história de décadas de esforços da comunidade local para trazer o ensino superior público para o extremo leste de São Paulo.

Outro dado relevante de educação na região é o aumento proporcional das matrículas no turno diurno, em comparação com o turno noturno ao longo da última década. Um estudo do MEC mostra que a maioria dos alunos do Ensino Médio é composta por jovens e adultos acima da idade prevista para esse nível de ensino, frequentando a escola à noite e residindo em áreas urbanas. Uma análise do mercado

de trabalho na região metropolitana de São Paulo indica que os trabalhadores com idades entre 16 e 24 anos enfrentam jornadas excessivas, até 42,7% acima do permitido por lei, o que gera conflitos com a atividade escolar e leva muitos jovens a abandonarem os estudos (FEDEP-SP, 2003, p. 79, *apud*. Costa, 2018).

De acordo com o Censo Escolar de 2020, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), as regiões periféricas do Brasil enfrentam desafios notáveis no âmbito da educação juvenil. Alguns dados relevantes incluem:

- A prevalência de analfabetismo entre jovens (idade entre 15 e 24 anos) é superior nas regiões periféricas em comparação com as áreas urbanas centrais.
- Nas regiões periféricas, a taxa de conclusão do ensino médio é mais baixa em relação às áreas urbanas centrais.
- As instituições de ensino público nessas regiões tendem a possuir infraestrutura insuficiente, frequentemente enfrentando questões como a falta de docentes e a remuneração inadequada dos professores em exercício.
- Fatores externos, como a violência e o tráfico de drogas, também exercem influência negativa sobre a educação de jovens nas áreas periféricas.

Em um panorama de 2007, o Estado de São Paulo é a "maior rede de ensino público do Brasil", com números expressivos que incluem 5.350 escolas estaduais, 250.000 professores e 1.500.000 alunos do Ensino Médio. Entretanto, os resultados obtidos pelos alunos da 3ª série do Ensino Médio são alarmantes: 70% deles estão abaixo do nível básico em Matemática e 40% em Português.

Esses dados refletem especialmente a realidade da zona leste da cidade de São Paulo, onde há grande concentração de população jovem. Itaquera tem atualmente 22 escolas municipais (DR Leste¹), 8 estaduais e 10 particulares, 2 Escolas Técnicas Estaduais, com uma terceira em construção⁷.

A zona leste é a maior região administrativa da cidade de São Paulo em termos de área territorial, abrangendo aproximadamente 221 km², quase 25% do

⁷ Dados presentes no site da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo. Não incluo aqui informações de outros bairros próximos ao Sesc Itaquera, como São Mateus e Guanainazes.

território total da cidade. Esta região é subdividida em 32 distritos, incluindo Penha, Tatuapé, São Miguel Paulista, Itaquera, entre outros.

Com uma população de cerca de 4,3 milhões de habitantes, é a zona mais populosa de São Paulo. É servida por diversas linhas de metrô, trem e ônibus, facilitando a conexão com outras partes da cidade.

No que se refere à infraestrutura, possui uma variedade de serviços públicos e privados, incluindo escolas, hospitais, centros comerciais, parques, teatros e cinemas. Economicamente, a região hospeda um número expressivo de indústrias, especialmente nos setores de eletrônicos, automóveis e alimentos, além de apresentar um comércio próspero, com ampla variedade de lojas e serviços.

No aspecto cultural e de lazer, destaca-se pela rica oferta de espaços, como 58 bibliotecas públicas, 13 bosques de leitura, 18 museus/casas históricas, 19 casas de cultura, 9 escolas de arte, 18 teatros, além de espaços variados de cultura como o próprio Sesc Itaquera. A proximidade geográfica do Sesc Itaquera a diversas instituições culturais, tais como a biblioteca Milton Santos, a Casa de Cultura de São Mateus e a Casa de Cultura Raul Seixas, propiciam um público comum que circula entre esses espaços.

Essa coexistência oferece uma oportunidade única para estabelecer parcerias colaborativas, com o Sesc desempenhando um papel central na articulação dessas relações. Tais colaborações têm o potencial de enriquecer a formação dos participantes do programa Esporte Jovem, proporcionando-lhes uma experiência cultural mais abrangente.

Em uma região caracterizada por sua extensão geográfica e desafios socioeconômicos, o acesso à informação muitas vezes representa um obstáculo significativo. Assim, a cooperação entre essas instituições pode facilitar o acesso dos jovens a oportunidades educativas e de lazer que vão além de seus contextos imediatos, permitindo-lhes explorar e se conectar com valores e expressões culturais mais amplos.

A região também possui áreas verdes importantes, como o Parque Ecológico do Tietê e a Área de Proteção Ambiental (APA) do Carmo, o qual engloba o Parque do Carmo, Reserva Ecológica da Fazenda do Carmo e o próprio Sesc Itaquera. A

presença da APA desempenha um papel importante na contenção da especulação imobiliária e na garantia de espaços verdes de qualidade para a população, além de abrigar projetos educativos variados. A participação ativa das associações de bairro no conselho da APA demonstra a importância de se incluir a manutenção da APA como parte das demandas das comunidades locais por mais espaços de qualidade.

Vale destacar, ademais, que a zona leste desempenhou um papel crucial no estabelecimento das políticas públicas de saúde que foram posteriormente expandidas para todo o Brasil. O Sistema Único de Saúde (SUS), em grande medida, teve suas origens em movimentos e iniciativas que surgiram nessa região⁸. Essa contribuição demonstra a relevância histórica e a influência dos movimentos sociais da região no desenvolvimento de políticas públicas também no campo da saúde.

É dentro de tal contexto histórico e cultural, cheio de carências e abandono, mas profundamente combativo, que a educação local vai se estabelecendo.

3.2 Coleta de Dados e Perfis dos Participantes

A coleta de dados foi realizada com entrevistas de roteiro semiestruturado (Apêndice 1), nas quais consta a solicitação inicial de informações de identificação sobre a trajetória e o engajamento dos entrevistados no Programa Sesc de Esportes (PSE), e outras questões abertas pertinentes ao objetivo específico deste procedimento.

As entrevistas foram realizadas com jovens, maiores de 18 anos, egressos e/ou integrantes do Esporte Jovem do PSE, incluindo participantes no período de 2014 a 2023. A coleta das informações ocorreu presencialmente, visando capturar a natureza da experiência vivida e, assim, caracterizar conhecimentos e práticas associadas aos seus respectivos significados.

A definição dos entrevistados considerou como pré-requisito que fossem residentes em Itaquera e possuísem registro de participação contínua no PSE por um período mínimo de doze meses, compreendido entre os anos de 2014 e 2023.

⁸ Como trazido nesta reportagem em meio eletrônico: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/zona-leste-o-berco-do-sus/> (acesso em 29 de abril de 2024).

Em observância às normas éticas, a seleção dos participantes desta investigação legitimou-se com base no princípio de que estes indivíduos assumissem voluntariamente sua participação nas entrevistas, a partir da apresentação do projeto da pesquisa com explanação de seus objetivos e procedimentos previstos para sua realização. Todos os sujeitos foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme apresentado no Apêndice 2.

O agendamento previsto para realização das entrevistas contemplou os procedimentos explicitados anteriormente e estas ocorreram após a formalização do aceite da instituição na qual a pesquisa foi realizada, por meio da assinatura de Autorização por gestor responsável, conforme consta do Anexo 1.

As principais percepções dos sujeitos entrevistados sobre o Programa Sesc de Esportes são sintetizadas tomando como base as categorias presentes no Manual de Referência, abaixo explicitadas:

- Incentivo à Prática Esportiva e Descoberta de Novos Interesses: muitos entrevistados foram atraídos pelo Programa por meio de divulgação em escolas ou convites de amigos, resultando na descoberta e no desenvolvimento de um gosto por esportes como vôlei e handebol, que antes não faziam parte de suas rotinas.
- Impacto Positivo no Bem-Estar e Superação de Dificuldades Pessoais: vários participantes destacaram como o Programa os ajudou a superar momentos difíceis, como a perda de entes queridos ou problemas de saúde mental. O esporte é reconhecido como fator importante que possibilita manter a mente e o corpo ativos.
- Desenvolvimento de Habilidades Sociais e Formação de Amizades: o Programa fomenta a formação de fortes laços de amizade, desenvolvendo a interatividade social. Os participantes mencionaram a importância das relações construídas no Programa, enfatizando como o ambiente acolhedor e de apoio mútuo contribuiu para seu desenvolvimento pessoal.
- Crescimento Pessoal e Autoconhecimento: um percentual expressivo de entrevistados relataram um crescimento pessoal significativo, incluindo

melhoria da autoestima, autoconhecimento e desenvolvimento de senso de identidade e propósito. Essas mudanças foram atribuídas à disciplina, ao trabalho em equipe e às lições aprendidas durante as atividades esportivas.

- Impacto na Escolha de Carreira e Educação: alguns participantes relataram que o programa influenciou suas escolhas educacionais e profissionais. Dentre os interesses mencionados situam-se áreas como Educação Física e Fisioterapia.
- Percepção de Falta de Divulgação e Sugestões de Melhorias: alguns entrevistados destacaram que não tinham conhecimento prévio sobre o programa e sugeriram que haja maior divulgação, especialmente para alcançar jovens que possam se beneficiar de tais atividades. Foi mencionado também a necessidade de melhorias, como ajustes nos horários das atividades e estratégias para equilibrar o treinamento entre participantes de diferentes níveis de habilidade.
- Desafios e Obstáculos: Enquanto a maioria expressou sentimentos e percepções positivas sobre o Programa, também foram destacados como desafios a proposição de ações que considerem as dificuldades pessoais e a necessidade de equilibrar compromissos com o Programa.

As entrevistas foram realizadas individualmente com um total de onze participantes, entendendo que este seria um número suficiente para análise e cumprimento dos objetivos desse estudo. Também de acordo com o tempo disponível para coleta e análise dos dados. Todos os sujeitos foram simbolicamente identificados com cores, de modo garantir o requisito ético de anonimato.

As entrevistas oferecem uma visão mais ampliada sobre o impacto do PSE nas vidas dos participantes, destacando aspectos de desenvolvimento pessoal e social, bem como sua relação pessoal com a Educação Física, conforme descrito a seguir, de modo sucinto⁹.

⁹ Introduzimos sinteticamente os principais aspectos dos depoimentos dos entrevistados, para posteriormente realizar uma análise mais abrangente de seus conteúdos. As entrevistas estão disponíveis integralmente no Apêndice 2.

Sujeito 1: Azul

- Perfil e Contexto: Azul, um jovem de 19 anos, encontrou no vôlei uma forma de superar a dor da perda da mãe e lidar com o preconceito relacionado ao seu peso. Valoriza a inclusão no esporte e sua diversidade, percebendo como esses aspectos repercutem na vida cotidiana.
- Educação Física e Valores: o esporte funcionou como um meio de autoaceitação para Azul, ajudando-o a superar estereótipos e a desenvolver um senso de pertencimento e autoestima. Azul se sente valorizado e reconhecido, especialmente quando usa a camiseta do time, o que simboliza sua transformação e aceitação.

Sujeito 2: Verde

- Perfil e Contexto: Verde, uma jovem de 21 anos, descobriu o Sesc e o vôlei durante um momento de transição da adolescência para a vida adulta. A experiência no PSE lhe proporcionou uma consciência mais ampla sobre suas perspectivas futuras de ser.
- Educação Física e Valores: a entrevistada ressalta a importância do aprendizado e do desenvolvimento pessoal através do esporte, mencionando como essa prática a ajudou a se tornar uma pessoa mais focada e disciplinada.

Sujeito 3: Roxo

- Perfil e Contexto: Roxo, aos 21 anos, buscou no Sesc a continuidade de sua prática no vôlei, encontrando um ambiente acolhedor e diversificado, que a ajudou a superar as barreiras sociais e econômicas de seu entorno.
- Educação Física e Valores: o esporte foi um catalisador para seu desenvolvimento pessoal e acadêmico, ajudando-a a enfrentar desafios como o vestibular e a motivá-la a ser a primeira em sua família a ingressar em universidade pública.

Sujeito 4: Amarelo

- Perfil e Contexto: Amarelo, um jovem de 18 anos, iniciou no Programa Sesc de Esportes buscando uma atividade que o ajudasse a lidar com a obesidade e a ansiedade. Através do vôlei, encontrou um meio de superar essas barreiras.
- Educação Física e Valores: o esporte representa uma ferramenta de transformação para Amarelo, proporcionando-lhe melhorias físicas e psicológicas, além de desenvolver habilidades sociais e combater a solidão.

Sujeito 5: Lilás

- Perfil e Contexto: Lilás, de 18 anos, foi motivado pela irmã e por influência de vivências culturais a frequentar o PSE. Originalmente praticante de futebol, ele encontrou no vôlei um esporte que lhe proporcionou aprendizados e crescimento pessoal.
- Educação Física e Valores: o Programa lhe ensinou sobre coletividade e respeito mútuo, ajudando-o a controlar seu temperamento e a se comunicar melhor. Essas lições foram além das quadras, influenciando positivamente sua vida social.

Sujeito 6: Dourado

- Perfil e Contexto: Dourado, uma jovem de 18 anos, encontrou no vôlei um escape para rever seu estilo de vida sedentário e encontrar no esporte um meio para melhorar sua saúde e bem-estar geral.
- Educação Física e Valores: a participante destaca como o vôlei lhe proporcionou uma nova perspectiva sobre trabalho em equipe, envolvendo valores como disciplina e respeito. Essas aprendizagens se estenderam para outros espaços de convivência, como escola e lar.

Sujeito 7: Laranja

- Perfil e Contexto: Laranja, com 20 anos, estudante universitário bolsista, praticava diversos esportes antes de focar no vôlei.
- Educação Física e Valores: motivado pela paixão pelo vôlei e pelo ambiente acolhedor do Sesc, destacou a aprendizagem em disciplina, respeito e interação social. Desenvolveu paciência, respeito por gêneros e orientações sexuais, e uma nova percepção sobre as mulheres no esporte.

Sujeito 8: Preto

- Perfil e Contexto: Preto, 20 anos, trabalha na Federação Paulista de Taekwondo e estuda fisioterapia.
- Educação Física e Valores: entrou no programa por interesse em vôlei e pela influência de amigos, destacando o tratamento respeitoso e carinhoso dos instrutores. Desenvolveu respeito, controle de impulsos e um comportamento mais centrado e amigável.

Sujeito 9: Branco

- Perfil e Contexto: Branco, 21 anos, trabalha em logística e pratica vôlei.
- Educação Física e Valores: motivado pela oportunidade de jogar vôlei e fazer amizades. O entrevistado superou a timidez, aprendeu a valorizar amizades e desenvolveu novas habilidades sociais e comunicativas.

Sujeito 10: Marrom

- Perfil e Contexto: Marrom, 18 anos, bolsista em Educação Física.
- Educação Física e Valores: inicialmente atraído pela curiosidade, encontrou paixão no vôlei e amizades significativas. Crescimento em autoconfiança, habilidades sociais, destacando o respeito mútuo.

Sujeito 11: Vermelho

- Perfil e Contexto: Vermelho, 18 anos, de família com renda de um salário mínimo.
- Educação Física e Valores: inspirado por um desenho animado de vôlei oriundo da TV japonesa, descobriu no PSE uma forma de superar dificuldades pessoais. Desenvolveu extroversão, liderança, empatia e encontrou um propósito na vida profissional.

Ao realçar as palavras mais comuns nas entrevistas, criei uma representação visual chamada "nuvem de palavras" através do aplicativo Infogran. Essa ferramenta moderna possibilita a identificação dos principais temas ou tópicos de discussão em um conjunto de dados ao exibir as palavras mais frequentes. Isso permite identificar tendências, padrões e associações entre os termos, facilitando a análise exploratória dos dados e, portanto, aprofundando a compreensão dos questionários.

A nuvem de palavras apresentada a seguir é uma representação visual das palavras-chave e termos mais recorrentes nas transcrições das entrevistas, o que permite identificar rapidamente os temas e tópicos mais discutidos.

Observou-se que o termo "Vôlei" se destaca significativamente, o que é esperado dado o recorte de grupo entrevistado neste estudo, mas indica também sua importância nas experiências compartilhadas pelos participantes. Este esporte desempenhou o papel significativo de ferramenta de inclusão, aprendizado e superação.

Além disso, outros termos como "Programa", "esporte" e "professores" também foram notavelmente destacados, sugerindo a importância da estrutura e do apoio oferecidos pelo PSE, bem como a influência dos educadores nas jornadas pessoais dos entrevistados. Por fim, palavras como "mãe", "amigos" e "preconceito" também aparecem significativamente na nuvem de palavras, revelando aspectos pessoais e sociais que influenciaram as experiências dos participantes.

Figura 3 – Nuvem de Palavras



Fonte: elaboração própria.

Quanto aos sentimentos expressos nas transcrições, foram consideradas três categorias, que agrupam os significados de positividade, neutralidade e negatividade:

- Positivo: a maioria expressa sentimentos positivos em relação ao Programa, demonstrando que os participantes tiveram experiências majoritariamente favoráveis e valorizaram o impacto das vivências em suas vidas.
- Neutro: há também uma proporção significativa de segmentos neutros, que são mais descritivos e não expressam sentimentos de conotação positiva ou negativa.
- Negativo: uma minoria dos entrevistados expressa sentimentos negativos, como a perda de entes queridos. Embora tenham utilizado o esporte oferecido no Sesc Itaquera como meio de superar essa perda, eles associam esses eventos de forma inseparável.

Abaixo consta uma tabela que ilustra a descrição e caracterização dos entrevistados, a qual seguiu o critério de autodeclaração racial e de gênero. Em alguns casos, a pessoa entrevistada se autodeclarou do gênero masculino, mas referiu a si mesma, em todos os momentos, no feminino. Entende-se que este exemplo ilustra uma identidade de gênero em elaboração, que foi respeitada e mantida nas transcrições (Apêndice 2).

Tabela 1 – Identificação pessoa e social dos entrevistados, Programa Sesc de Esportes

Sujeito	Idade	Gênero	Renda	Educação	Esporte Praticado
Azul	19	Masculino	1-3 salários mínimos	Ensino Médio	Vôlei
Verde	21	Feminino	1-3 salários mínimos	Superior (Incompleto)	Vôlei, Handebol
Roxo	21	Feminino	1-3 salários mínimos	Superior (Jornalismo)	Vôlei, Handebol
Amarelo	18	Masculino	<1 salário mínimo	Ensino Fundamental, Técnico	Vôlei
Lilás	18	Masculino	2 salários mínimos	Estudante	Vôlei, Tênis
Dourado	18	Feminino	1-3 salários mínimos	Ensino Médio	Vôlei
Laranja	20	Masculino	1-3 salários mínimos	Superior (Bolsista)	Vôlei
Preto	20	Masculino	1-3 salários mínimos	Superior (Cursando)	Vôlei, Futebol, Rugby
Branco	21	Masculino	1-3 salários mínimos	Médio Completo	Vôlei
Marrom	18	Masculino	1-3 salários mínimos	Educação Física (Bolsista)	Vôlei
Vermelho	18	Masculino	1 salário mínimo	Médio Completo	Vôlei

Fonte: elaboração própria

Os valores morais e éticos elucidados pelos entrevistados, conforme delineado anteriormente, ressaltam elementos intrínsecos ligados a princípios basilares, tais como o fomento da autoestima, o aprimoramento das habilidades sociais, a valorização da empatia e o fortalecimento de valores como respeito, disciplina e cooperação.

A partir dessa premissa, a análise de dados foi direcionada para a identificação de quatro aspectos distintos, os quais convergem para os pilares delineados no Manual de Referência do Programa Sesc de Esportes, a saber: inclusão, construção coletiva, diversidade, educação integral e autonomia.

Essa abordagem visa atender aos objetivos estabelecidos neste estudo, que se concentra na análise das percepções dos entrevistados sobre os resultados de sua participação no PSE, identificando os impactos dessas experiências em suas vidas e

ênfatizando a importância dos princípios e valores que norteiam o Programa, bem como o potencial transformador de suas iniciativas socioeducativas.

3.3 Análise dos Dados e Categorias Articuladoras

A análise dos dados revelou que os participantes do estudo reconhecem o papel e a evolução do trabalho no PSE na formação de sua autonomia ao tomar decisões sobre suas práticas esportivas, refletindo a compreensão de seu senso de pertencimento à comunidade esportiva local. Essa autonomia foi percebida também como um importante fator na promoção do engajamento dos indivíduos como agentes transformadores de sua própria saúde e bem-estar.

Além disso, os dados trazidos pelas entrevistas sugerem que indivíduos com maior autonomia tendem a ter um maior potencial de intervenção em questões relacionadas à promoção da atividade física e à melhoria da qualidade de vida em suas comunidades.

A interpretação dos dados apresentados revelou a conexão entre autonomia, senso de pertencimento, capacidade transformadora e potencial de intervenção como quatro categorias fundamentais para compreender o impacto do esporte na vida dos participantes e na promoção de mudanças positivas. Essas categorias foram examinadas à luz das informações fornecidas pelo documento orientador do PSE.

Embora outras descobertas sejam mencionadas nas narrativas, elas tendem a ser mais dispersas. Assim, as categorias mencionadas acima são aquelas que mais claramente atendem aos objetivos da pesquisa. A seguir, oferece-se uma análise detalhada das categorias selecionadas para a interpretação dos resultados.

Autonomia

A autonomia, segundo a perspectiva de Paulo Freire (1996), pode ser entendida como a capacidade dos indivíduos agirem de forma consciente e crítica, tomando decisões e assumindo responsabilidades sobre suas próprias vidas e ações, bem como pela compreensão das vivências na sociedade. A autonomia está

intrinsecamente ligada à práxis, ou seja, à capacidade de refletir sobre a realidade, compreender suas contradições e transformá-la de forma consciente e coletiva.

Por realidade entende-se aqui o cenário decorrente da descrição e compreensão da realidade concreta da vida material do trabalho, da sustentabilidade do seu ambiente, assim como dos embates sociais na direção da construção da liberdade, da qualidade de vida e de justiça social.

Assim, a autonomia não se limita à liberdade individual, mas implica também em uma dimensão ética e política, na qual os sujeitos são capazes de exercer sua liberdade em harmonia com os interesses coletivos e em busca da construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Tal é o espaço da construção da autonomia.

Analisando as entrevistas sob o prisma da orientação metodológica base dessa pesquisa, foram selecionados trechos dos entrevistados que corroboram os dados trazidos. Os trechos confirmam que o valor descrito pelo Manual de Referência do PSE como autonomia está em consonância com o descrito no pensamento de Paulo Freire, entendendo e abordando o esporte como um veículo de educação para a liberdade através da fundamentação no conhecimento, na clareza e na reflexão crítica.

Nesse contexto, a autonomia se manifesta ainda como a habilidade dos agentes sociais de analisar, avaliar, decidir, promover e organizar sua própria participação, assim como a de outros, em diversas práticas esportivas. Autonomia implica na valorização do processo de ensino e aprendizagem de conteúdos esportivos que capacitem os alunos a desenvolver competências e habilidades para a prática esportiva, considerando e contextualizando influências externas, sejam midiáticas, políticas, culturais ou sociais. É crucial, portanto, a construção coletiva de conhecimento, que transcende a mera aquisição de técnicas e táticas, para que se tornem praticantes autônomos do esporte.

Os alunos aprendem a estabelecer regras, torneios, materiais e jogos, a se preparar fisicamente e a manter a saúde, além de internalizar os valores morais e éticos do esporte. O foco não é apenas competir contra outros, mas também colaborar e jogar com eles. Eles também têm o direito de conhecer os seus direitos em relação à prática esportiva. O ensino do esporte no Sesc promove relações de cidadania e

respeito, permitindo aos alunos uma prática que estimula a autonomia para a conscientização e a apropriação dos diversos espaços. Segundo a análise, a autonomia como proposta pelo Manual de Referência do PSE foi de fato contemplada.

Com referência ao cumprimento do propósito de formar jovens cujos valores de autonomia fossem instigados por meio da participação no PSE, apresento a seguinte constatação do entrevistado, aqui denominado como Azul: um indivíduo de 19 anos, solteiro, de etnia branca e com uma renda familiar situada entre 1 e 3 salários-mínimos. Ele cursa o ensino médio em uma instituição pública e participa do PSE há oito anos.

Azul descreve sua experiência quando questionado sobre o impacto do PSE em sua vida e sua percepção sobre autonomia e esporte da seguinte maneira: *“Eu não me sinto melhor que os outros, entendi justamente que somos todos diferentes, altura, peso, cor, sei lá, muita coisa, mas aqui eu entendi que não precisava usar um rótulo”*.

Por outro lado, a perspectiva apresentada pela entrevistada, referida aqui como Verde, de 21 anos de idade, do sexo feminino, solteira, negra, matriculada em uma instituição de ensino superior particular, tendo frequentado anteriormente o ensino médio em uma instituição pública e participado do PSE de 2015 a 2017, ressalta que o PSE: *“Ajudou a pensar sempre positivo em relações as coisas, eu não tive muita orientação antes, eu fui a primeira pessoa a se formar na minha família”*, destacando que a sua participação no Esporte Jovem teve *“um significado [...], eu não me tornei atleta profissional, não, mas eu acho que me tornei uma pessoa, assim, mais focada, mais disciplinada e responsável”*.

Os depoimentos relativos à autonomia continuam a fornecer novas perspectivas sobre o assunto, como evidenciado por Roxo, 21 anos de idade, do sexo feminino, solteira e de origem étnica branca. Roxo completou o ensino médio em uma instituição pública e prosseguiu para o ensino superior em Jornalismo na Universidade de São Paulo (USP). Sua família possui uma renda familiar situada entre um e três salários-mínimos. Ela participou do PSE por um período de três anos, concentrando-se principalmente nas modalidades de vôlei e handebol durante o período de 2019 a 2021. Ela comenta: *“Eu comecei a fazer vôlei no Sesc com a intenção de continuar*

minha prática, eu colocava meu corpo pra funcionar e minha mente, também, era tudo muito gostoso, e o lanche então!”.

Outro participante da pesquisa, identificado como Amarelo, 18 anos de idade, é do sexo masculino, solteiro, pardo e trabalha em um restaurante. Ele completou o ensino fundamental e médio técnico em uma escola pública e pertence a uma família com uma renda mensal de um salário-mínimo. Ele respondeu da seguinte forma: *“Eu consegui emagrecer, eu consegui mais disposição e descobri até coisas que eu não sabia que podia fazer, eu encontrei algo que me acalmasse”.*

O testemunho de Amarelo reflete a profundidade das experiências vivenciadas no âmbito do PSE, demonstrando como estas contribuíram para uma maior compreensão de si mesmo, o reconhecimento dos próprios limites e capacidade de superação. Além disso, destaca que a participação no Programa lhe proporcionou uma sensação de serenidade, juntamente com um aumento na disposição para emagrecer e a revelação de outras qualidades pessoais até então não percebidas em sua vida.

Pertencimento

O sentimento de pertencimento, conforme conceituado por Milton Santos (2006), é compreendido como a sensação de conexão, identificação e vínculo emocional que os indivíduos estabelecem com um local específico, grupo social ou comunidade.

Nessa perspectiva, o pertencimento transcende a mera associação física ou geográfica, incorporando uma dimensão afetiva e simbólica que reflete a integração e inserção do indivíduo em um contexto particular, no qual ele se reconhece como uma parte ativa e integrante. A construção desse sentimento é fundamental para a formação da identidade individual e coletiva, além de contribuir para o fortalecimento dos laços sociais e o fomento do bem-estar emocional e psicossocial dos indivíduos.

Nesse sentido, o Manual de Referência do PSE ressalta a relevância da construção coletiva como um princípio orientador. Essa construção coletiva é entendida como a prática democrática, que ocorre no espaço das aulas de esporte, onde as crianças são incentivadas a tomar decisões em conjunto, levando em

consideração seus interesses e necessidades, e assumindo responsabilidades pelas escolhas realizadas em conjunto.

No contexto dos relatos, dispostos na íntegra no Apêndice 2, os participantes do PSE ressaltam a importância do sentimento de pertencimento nas experiências vivenciadas. Azul, 18 anos expressa: *"Aqui eu sinto que é o que fazemos pelo time, não pela nossa imagem e levei isso pra vida. Julgar menos, observar mais e confiar que todos somos capazes. Quando eu uso minha camiseta, com meu apelido, é como se eu estivesse mais forte, maior, mais pleno, me sinto importante"*. Verde, 21 anos destaca: *"Você tem uma, como eu posso falar, tipo meio que uma filiação ali, a gente tinha um grupo bacana, eu gostava dos professores que estavam ali, então além do vôlei, era uma coisa divertida"*. Essas falas evidenciam o senso de pertencimento construído dentro do ambiente do Programa, onde os participantes se sentem parte de uma comunidade unida e acolhedora.

Os relatos de Roxo e Amarelo corroboram essa percepção. Roxo, 21 anos afirma: *"Eram pessoas que me motivavam, era um ambiente de amor, era um ambiente de acolhimento. Eu realmente amava aquele lugar e eu amo até hoje, eu sentia uma paz muito grande quando eu tava lá dentro "*. Enquanto Amarelo, 18 anos, complementa: *"No Sesc eu encontrei algo que ocupasse minha mente para que eu não ficasse em casa de bobeira. O Esporte Jovem me possibilitou conhecer pessoas diferentes e me aproximar de outras pessoas e fazer amizades"*.

Além disso, Lilás, 18 anos, destaca a atmosfera acolhedora do ambiente do Sesc: *"É um lugar muito acolhedor, tem tantos professores, tantos alunos"*. E Dourado, 18 anos, resalta a importância do senso de coletividade e responsabilidade: *"Deveríamos respeitar as regras. Por exemplo, não deixar sujeira na quadra. Então sempre fizemos o nosso melhor para tentar não quebrar essas regras. Muitas vezes, se alguém fizesse alguma coisa fora disso, toda a equipe pagaria, esse senso de coletividade eu levei pra minha casa, pra escola"*.

Os depoimentos de Laranja e Preto também enfatizam a formação de laços afetivos e o apoio mútuo entre os participantes. Laranja, 20 anos, comenta: *"Sobre ser educado, respeitar os outros e entender que as pessoas não são suas inimigas na vida"*. Enquanto Preto, 20 anos, destaca: *"Todo mundo se sentia acolhido"*.

Branco, 21 anos, compartilha sua experiência de integração e construção de amizades dentro do Programa: *"Conforme eu fui ficando, fui me integrando e fazendo bastante amizade, que foi o que mais me motivou a continuar"*. Ele destaca a importância do Sesc em sua vida, mesmo após não fazer mais parte do Programa ativamente: *"Hoje eu não faço mais parte do Programa, mas ainda mantenho contato com os novos alunos"*. Essa continuidade do contato demonstra o impacto duradouro das relações estabelecidas no ambiente do Sesc.

Já Marrom, 18 anos, destaca a profundidade das amizades formadas: *"As amizades que eu conheci, que estão até hoje, aqui eu fiz, tenho dois melhores amigos que eu trato como irmãos"*. Ele enfatiza o acolhimento recebido pelos colegas: *"Depois de um tempo todo mundo me acolheu, todo mundo foi incrível"*. Esses laços afetivos são ainda mais significativos em uma região economicamente carente, onde as oportunidades de interação social podem ser limitadas.

Por fim, Vermelho, 18 anos, destaca a influência positiva das pessoas e do ambiente do Sesc em sua decisão de continuar participando do Programa: *"Quando eu entrei aqui eu me maravilhei com pessoas legais, com professores muito bons, com um ambiente legal e foi isso que me motivou a voltar"*. Ele ressalta a importância das amizades construídas dentro do Programa, que o transformaram e o apoiam: *"As amizades me transformaram aqui dentro, eu fiz amigos de verdade, amigos reais, que vão estar sempre comigo, amigos que me apoiaram muito e que eu sempre também vou estar apoiando"*. Esses relatos enfatizam como o sentimento de pertencimento é fortalecido pela interação e apoio mútuo entre os participantes do Programa.

Essas narrativas evidenciam como o PSE não apenas proporciona oportunidades para a prática esportiva, mas também promove o desenvolvimento de vínculos sociais significativos e a construção de um ambiente inclusivo e acolhedor, onde os participantes se sentem valorizados e integrados, contribuindo para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e o bem-estar emocional dos envolvidos.

Agente Transformador

Na educação brasileira, o termo "agente transformador" refere-se a indivíduos, grupos ou instituições que desempenham um papel ativo na promoção de mudanças e transformações significativas no contexto educacional e social. Esses agentes possuem o compromisso e a capacidade de gerar impacto positivo na comunidade educativa, buscando promover a equidade, a justiça social e a melhoria da qualidade da educação. Eles podem incluir professores comprometidos com práticas inovadoras e inclusivas, gestores escolares visionários, líderes comunitários engajados, movimentos sociais e organizações da sociedade civil que lutam por uma educação mais democrática e acessível, entre outros. Em suma, os agentes transformadores são aqueles que buscam ativamente promover mudanças e contribuir para o avanço da educação em direção a uma sociedade mais justa e igualitária.

Seguindo essa definição, a associação ao princípio norteador do PSE se dá de maneira que o agente transformador pode ser identificado nos trechos em que transparece a necessidade de se criarem condições e oportunidades para a participação de todos no aprendizado do esporte, bem como na importância de adaptar as práticas de acordo com as necessidades específicas de cada local e indivíduo.

Além disso, a ênfase na inclusão de todos os participantes, independentemente de suas habilidades, capacidades ou limitações, reflete a atuação de agentes transformadores que buscam promover a equidade e a justiça social no contexto educacional. O agente transformador está presente na preocupação de se garantir que todos os alunos tenham acesso igualitário e bem-sucedido às atividades esportivas, contribuindo para a transformação e melhoria da prática educacional. O PSE emerge como um verdadeiro agente transformador na vida dos seus participantes, como evidenciado em depoimentos emocionantes que compartilham experiências e mudanças significativas. Azul, 19 anos, testemunha como o PSE o retirou das ruas e da inatividade doméstica, fornecendo-lhe uma ferramenta para superar preconceitos através do esporte.

No relato de Verde, 21 anos: *“Não aprendi só esporte, era de uma forma divertida, então eu tinha prazer de ir até lá jogar vôlei, mesmo que eu não jogasse,*

mesmo que eu errasse bastante, mas eu saia dali com algum aprendizado... Ensinavam o vôlei mas também ensinavam questões ali da vida, tinha questões no grupo né, relações de grupo que aí a gente aprendia muito sobre convivência, aprendia a lidar um com o outro, aprendia a superar limites em questões de competição, de jogo, até mesmo em questão pessoal mesmo". Percebemos que o aprendizado proporcionado pelo Programa vai além das habilidades esportivas, alcançando aspectos da convivência em grupo e superação pessoal. Roxo, 21 anos, destaca que o esporte é uma via para plantar a semente da possibilidade, mesmo quando se está ali apenas para jogar.

Por sua vez, Amarelo, 18 anos, reconheceu uma transformação completa em sua vida, passando de um momento difícil para uma nova motivação, enquanto Lilás, 18 anos, ressalta como a convivência com diferentes pessoas ajudou na disciplina.

Os depoimentos continuam a revelar o impacto do PSE, como evidenciado por Laranja, 20 anos, que relata ter aprendido a ser mais educado e a combater preconceitos: *"Então eu cheguei aqui e aprendi muito... Eu levei muito isso pra minha vida também, a questão de educação, de ser mais educado, de falar menos palavrão e tudo mais, porque aqui também tem esses negócios de questão verbal, que a gente aqui trabalha muito mais com educação! Ouvir que o preconceito machucava as meninas e gays, me fez sentir mal, meio que culpado e então eu aprendi a mudar".* E Preto, 20 anos, que encontrou segurança não apenas nas quadras, mas em todos os aspectos de sua vida: *"Eu era muito inseguro dentro de quadra e hoje eu tenho muito segurança, e isso refletiu não só dentro da quadra, mas em qualquer lugar que eu vou".*

Branco, 21 anos, compartilha como o Programa mudou sua perspectiva sobre amizade e influenciou sua vida fora das quadras. Já Marrom, 18 anos, destaca a importância do respeito mútuo e o impacto positivo até mesmo nas finanças, considerando as bolsas de estudo que conseguiu através do vôlei.

Por fim, Vermelho, 18 anos, descreve sua jornada pelo PSE como um verdadeiro resgate, onde encontrou não apenas habilidades esportivas, mas também aprendeu valores como respeito, determinação e responsabilidade: *"Eu acho que uma palavra que pode definir muito minha passagem pelo PSE é resgate. Eu me resgatei*

aqui dentro.... Não foi só o vôlei que eu aprendi, eu aprendi com os professores a conversar, a sempre debater com respeito, sempre correr atrás dos meus sonhos, incentivaram a gente a fazer vestibular, não falava só sobre o vôlei. O vôlei me mostrou como é a vida, mas não só o vôlei, os professores, eles mudaram a minha vida”.

Esses relatos ilustram vividamente como o PSE atua como um agente transformador na vida dos participantes, fornecendo não apenas habilidades esportivas, mas também promovendo valores sociais e pessoais essenciais para o desenvolvimento integral dos indivíduos.

Potencial de intervenção

Em especial nas intervenções educacionais, potencial de intervenção, para Freire (1996), são ações que promovem a conscientização, a participação crítica e a transformação social. Ele destaca a necessidade dos educadores desenvolverem uma práxis pedagógica que vá além da transmissão de conteúdos, buscando estimular a reflexão, a autonomia e a capacidade de ação dos educandos.

Nesse sentido, o autor destaca o potencial de intervenção da educação como uma ferramenta para a superação das injustiças sociais e a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Essa expressão implica na análise cuidadosa das possibilidades de atuação e impacto de determinadas intervenções no campo educacional, levando em consideração fatores como a relevância dos objetivos propostos, a adequação às necessidades específicas do contexto, a viabilidade de implementação e os recursos disponíveis.

Portanto, o potencial de intervenção envolve a identificação de estratégias eficazes e sustentáveis que possam contribuir para o alcance de metas educacionais e para a promoção de uma educação de qualidade, equitativa e inclusiva. O que nos leva aos dois pilares restantes do Manual de Referência do PSE, *diversidade* e *educação integral*. A valorização da diversidade e a promoção de uma educação que reconheça e aproveite as diferenças entre as pessoas estão alinhadas com a importância da conscientização e da convivência crítica com as diferenças sociais

através de uma educação que vai além das diferenças de raça, gênero e habilidades, buscando promover a compreensão mútua e a aprendizagem compartilhada.

Assim, a ideia de educação integral abrange diversos aspectos do comportamento humano, como o cognitivo, social, afetivo, emocional e moral, reflete a abordagem holística da educação. Defende, assim, uma prática educativa que considera o ser humano em sua totalidade, buscando fortalecer não apenas o aspecto intelectual, mas também o emocional, moral e social dos alunos.

O potencial de intervenção da educação, conforme ressaltado aqui, é manifestado de maneira notável nos relatos trazidos para análise. Azul, 19 anos, destaca como se tornou um ponto de apoio para outros, refletindo a conscientização e a participação crítica incentivadas pelo Programa. Sua transformação pessoal o levou a assumir um papel ativo na comunidade, demonstrando a capacidade da educação em estimular mudanças sociais positivas.

Da mesma forma, Verde, 21 anos, menciona como as reflexões proporcionadas pelo PSE o instigaram a pensar além do óbvio, evidenciando a busca pela autonomia e pela capacidade de ação. Ele relata que as discussões após as aulas estimulavam a reflexão, contribuindo para seu desenvolvimento pessoal e profissional: *“Eu lembro que no final das aulas tinha uma rodinha e a professor falava alguma coisa sobre o que tinha acontecido em aula, então eu sempre saía dali com alguma pulga atrás da orelha para poder ficar pensando, eu acho que isso foi bem legal”*. A influência do Programa em sua escolha de carreira profissional, Educação Física, também é um exemplo claro do potencial de intervenção da educação em orientar trajetórias de vida e promover a transformação social.

O depoimento de Roxo, 21 anos, corrobora essa ideia, destacando como os valores disseminados pelo PSE vão além do esporte, influenciando aspectos psicológicos e comportamentais. Suas palavras ressaltam a importância de desenvolver habilidades socioemocionais, como resiliência e respeito, as quais contribuem para uma formação integral dos indivíduos. Seu ingresso na Universidade de São Paulo (USP) é um testemunho vivo do impacto transformador do Programa na vida dos participantes, abrindo portas para oportunidades antes inimagináveis.

“A gente mesmo se transforma em pessoas melhores, passa a ajudar as pessoas dentro de casa, a não xingar, não falar palavrões, a não chegar atrasado, então eram valores pequenininhos que eram colocados em todos os jogos pra gente. Isso vai mudando a gente, porque é uma comunidade periférica e algumas coisas podem não ser passadas pra gente, são informações que não chegam, como o acesso a universidades... e isso me inspirou muito. Vendo aquilo, eu pensava: gente eu consigo ser mais!.... escolhi a USP”.

Da mesma forma, Laranja, 20 anos, compartilha como o PSE o levou a questionar preconceitos e a respeitar as diferenças de gênero, demonstrando uma mudança significativa em sua visão de mundo. Ele relata como aprendeu a dialogar e a compreender diferentes perspectivas, características essenciais para uma convivência crítica e democrática. Sua atuação como técnico e líder comunitário após sair do PSE revelam como ele busca disseminar os valores adquiridos no Programa para além das quadras, promovendo uma educação integral e inclusiva.

Branco, 21 anos, destaca como o PSE o ajudou a se tornar um exemplo e um ponto de apoio para outros, refletindo a capacidade do Programa de inspirar e capacitar os participantes para a ação transformadora. Sua iniciativa de criar um projeto social baseado nos princípios do PSE demonstra como ele busca disseminar os valores do Programa em sua comunidade, promovendo uma educação libertadora e emancipatória. “[...] *através do PSE eu consegui me descobrir [...]. E foi uma coisa que partiu aqui do Sesc, porque se eu não conhecesse o PSE, eu não ia saber lidar com isso, de cuidar de um time, de criar um grupo... E eu não ia ter levado o que eu aprendi aqui pra fora, entende? Então, hoje, eu sou o que eu sou graças ao PSE e ao Sesc*”.

Por fim, Marrom e Vermelho, ambos com 18 anos, compartilham como o PSE os capacitou a promover mudanças positivas em suas vidas e na vida dos outros, evidenciando o potencial de intervenção da educação na construção de uma sociedade mais justa e democrática. *“Hoje em dia eu tô dando aula, tô correndo atrás e me mexo pra isso, quero fazer essas transformações que o vôlei e o Esporte Jovem fizeram pra mim, pra mais gente, porque é muito bom isso, você vê uma pessoa que*

tem futuro e consegue auxiliar ela pra aquele futuro que você enxerga acontecer” (Marrom).

Suas experiências como educadores comunitários e modelos de resiliência e superação são exemplos inspiradores do poder transformador da educação quando aliada à prática da liberdade e à promoção da conscientização e da participação crítica. *“Eu vou pegar tudo isso que eu absorvi no vôlei e levar para o mundo.... Aqui aprendi a ser resiliente, a ser paciente, esperar a minha vez chegar, esperar a minha hora, ver como organizar as coisas... e ajudar os outros da minha maneira, mas sempre a buscar incentivar a melhorar, buscar sempre evoluir”* (Vermelho).

Em suma, os relatos dos participantes evidenciam de maneira concreta o potencial de intervenção da educação na promoção de mudanças sociais e transformações significativas. Inspirados pelos princípios da conscientização, participação crítica e construção de uma sociedade mais igualitária, os sujeitos demonstram como o Programa foi além do ensino esportivo, influenciando suas escolhas pessoais, carreiras profissionais e atitudes perante o mundo.

Ao disseminarem valores como respeito, inclusão e superação, os agentes transformadores contribuem para a construção de uma educação integral e emancipatória, capaz de impactar positivamente não apenas suas vidas, como também as comunidades em que estão inseridos. Assim, o potencial de intervenção da educação, conforme preconizado por Paulo Freire, encontra na prática do PSE um exemplo vivo de como a educação pode ser uma ferramenta poderosa para a promoção do desenvolvimento humano e social.

Considerando o objetivo geral do Manual de Referência do PSE – fomentar a aprendizagem e o aprimoramento em modalidades esportivas por meio de práticas sistematizadas – e seus objetivos específicos, que incluem: o ensino de conhecimentos específicos das modalidades; a facilitação do aprendizado e prática esportiva considerando suas particularidades; a promoção da cultura esportiva e o desenvolvimento da autonomia dos alunos; a busca por desenvolver valores e habilidades para a vida; envolvimento dos alunos no cenário das competições esportivas e permitir a reflexão sobre os diversos tipos de competição existentes.

Considerando também os objetivos que guiaram esta pesquisa através da análise das percepções dos sujeitos entrevistados sobre os resultados do PSE, a identificação de suas repercussões na vida dos participantes e a evidência da importância dos princípios e valores do Programa, conclui-se que todos os aspectos foram abordados de alguma forma.

Ainda assim, também foram apontadas sugestões de aprimoramentos pelos entrevistados, que variam de possibilidades aparentemente viáveis a outras mais complexas.

Essas propostas abrangem uma ampla gama de aspectos, desde a ampliação das competições até o suporte emocional aos atletas, passando pela melhoria na divulgação do Programa e ajustes no cronograma das atividades.

As sugestões de aprimoramento captadas na análise das entrevistas refletem a importância de repensar, adaptar e aprimorar constantemente o PSE para maximizar seu impacto e benefícios para a comunidade local. Embora o Manual de Referência tenha sido cumprido em vários aspectos, como o ensino de habilidades específicas das modalidades e o estímulo à cultura esportiva, algumas áreas importantes, como vulnerabilidade social, violência e saúde mental, não foram abordadas de forma direta.

Sendo assim, sugere-se a inclusão de novos conteúdos programáticos que permitam abordar essas questões de maneira mais ampla, enriquecendo ainda mais as práticas educacionais do Programa. Essas sugestões refletem a constante busca por aprimoramento e adaptação do PSE para atender às necessidades emergentes da comunidade e, com isso, promover uma educação esportiva mais inclusiva e abrangente. De acordo com a interpretação das entrevistas, destaca-se:

Verde, 21, sugere mais competições para aumentar a motivação e a possibilidade de separar as turmas por níveis ou idades, para melhor atender a diferentes necessidades dos participantes. Roxo, 21, acredita que o Programa necessita de mais divulgação, especialmente nas escolas periféricas, para alcançar mais jovens e expandir seu impacto positivo.

Também, Branco, 21, espera uma maior divulgação do Programa, fortalecendo o foco em desenvolvimento pessoal além do esporte, ademais da melhoria na infraestrutura e oferta de lanches. Amarelo, 18, aponta a necessidade de que o

Programa incorpore questões psicológicas relacionadas ao esporte, como a ansiedade e o nervosismo, sugerindo que seja ampliado o suporte emocional aos atletas.

Lilás, 18, menciona a necessidade de ajustes no cronograma para adaptar-se melhor aos horários dos participantes, observando que muitos enfrentam desafios logísticos para atender as exigências das atividades e seus requisitos. Nesse sentido, Dourado, 18, sugere a diversificação dos horários das atividades esportivas para torná-las acessíveis a um público maior, considerando as limitações de horário de muitos estudantes. Preto, 20, cita o aprimoramento da estrutura física e o retorno dos treinos físicos intensivos.

Marrom, 18, defende a diminuição do número de alunos por turma para um treino mais focado, com melhor aproveitamento do tempo de aula e adaptação das alturas de rede para treinos mistos. Por fim, Vermelho, 18, cita a ampliação da divulgação do Programa e ampliação do tempo de treino.

Percebe-se, portanto, que o PSE tem se mostrado efetivo na consecução de seus objetivos. No entanto, a análise das sugestões de melhoria apresentadas pelos entrevistados ressalta a importância de uma abordagem contínua de aprimoramento e adaptação para atender às necessidades dinâmicas da comunidade.

Ao incorporar as recomendações dos participantes, o Programa pode fortalecer sua capacidade de oferecer uma educação esportiva mais abrangente e inclusiva, alinhada com seus valores e princípios. Assim, a busca por excelência e inovação torna-se um compromisso constante, visando sempre maximizar os benefícios proporcionados aos participantes e à comunidade em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como *locus* o Programa Sesc de Esportes (PSE) em Itaquera e aborda sua influência no desenvolvimento de jovens. Ainda que o PSE tenha como objetivo primeiro a dimensão esportiva, também carrega e desenvolve grande impacto socioeducativo na vida de seus participantes.

A pesquisa, fundamentada em minha vivência de nove anos (2014-2023) como educadora na unidade de Itaquera, reforçou a relevância das atividades esportivas na vida desses jovens, especialmente em uma região de São Paulo onde o acesso à cultura e lazer ainda é restritivo para grande parte da população.

Dentro desse panorama, os relatos coletados durante o encontro com discentes e egressos entre 2014 e 2019 revelam transformações pessoais e sociais significativas impulsionadas pelo PSE. Essas descobertas, juntamente com minha experiência e a proposta pedagógica do PSE, foram essenciais para a construção desta pesquisa incorporada ao mestrado na PUC-SP em colaboração com o Sesc São Paulo.

A pesquisa focou na atuação do Serviço Social do Comércio (Sesc), uma instituição que surgiu em resposta às necessidades de assistência social, cultural e educacional para trabalhadores do comércio. Desde sua origem, o Sesc tem se dedicado a oferecer uma variedade de serviços, incluindo saúde, educação e atividades culturais e esportivas. Sua expansão levou à criação de inúmeras unidades em várias cidades, atendendo não apenas aos trabalhadores do comércio e seus familiares, mas também ao público em geral.

A pesquisa destacou a importância do Programa de Desenvolvimento Físico-Esportivo do Sesc São Paulo, focado na educação através de esportes e atividades físicas. A unidade do Sesc Itaquera foi identificada como uma referência chave devido à sua oferta diversificada de atividades, contribuindo para o desenvolvimento sociocultural dos frequentadores.

O impacto do Sesc na promoção da cidadania, inclusão social e cultura brasileira foi concretizado e evidenciado, com uma ênfase especial no papel do esporte na educação integral dos indivíduos. A pesquisa reafirma que as atividades do Sesc não são limitadas a uma classe social específica, mas são acessíveis a todos,

refletindo a missão inclusiva e constante da instituição como uma verdadeira política pública de cultura, saúde e educação.

Os participantes do PSE relataram várias experiências positivas. Muitos chegaram até ele através da divulgação em escolas ou convites de amigos, levando à descoberta e desenvolvimento do interesse por esportes. Ademais, ajudou os participantes a superarem desafios pessoais, como perdas familiares ou problemas de saúde mental, oferecendo um espaço para manter a mente e o corpo ativos.

O Programa promoveu o desenvolvimento de habilidades sociais e ampliação do círculo de amizades, com os participantes destacando a importância das relações construídas. Muitos experimentaram um crescimento pessoal significativo, incluindo melhor autoestima e desenvolvimento de um senso de identidade e propósito. Alguns participantes relataram que a vivência ali influenciou suas escolhas educacionais e profissionais, despertando interesse em áreas como Educação Física e criação de programas sociais pelo esporte em suas comunidades.

Os entrevistados sugeriram maior divulgação do PSE nas comunidades, além de melhorias operacionais, como ajustes nos horários das atividades. Estes relatos destacam a eficácia do Programa em promover a saúde, integração social e desenvolvimento pessoal, ressaltando a importância da instituição para o desenvolvimento social e cultural na periferia da cidade de São Paulo.

A investigação, baseada no Manual de Referência do PSE e na dinâmica pedagógica e sociocultural do Sesc Itaquera, objetivou fortalecer estudos curriculares, tendo em vista suas conexões com aspectos socioculturais. Importante ressaltar que os participantes do PSE são identificados como agentes de mudança, preparados e cientes de suas capacidades, adquiridas por meio de aprendizados no ambiente esportivo.

Este estudo teve como interesse entender a profundidade dos impactos e os significados da participação dos jovens nos programas do PSE. A hipótese da pesquisa foi confirmada indicando que o envolvimento no Programa fortaleceu o sentimento de pertencimento comunitário, da autonomia do indivíduo, do potencial transformador de seus egressos e participantes atuais.

No âmbito pessoal, minha trajetória como mulher negra, nascida em uma região periférica, com a posterior integração ao Sesc como educadora são referências centrais na pesquisa. Reconhecendo o Sesc como mais que um local de trabalho, um espaço transformador, tanto para mim quanto para a comunidade, este estudo buscou entender como suas atividades esportivas influenciam significativamente a vida dos jovens de Itaquera, extrapolando o mero treinamento esportivo.

Considero uma grande conquista minha experiência no Sesc Itaquera e a possibilidade de assumir o papel de pesquisadora, viabilizada pela parceria do Sesc-SP com a PUC-SP, cujas vivências não apenas me transformaram, mas também ampliaram as perspectivas de envolvimento em ações transformadoras do ponto de vista acadêmico e profissional.

Este estudo pretende fortalecer as práticas esportivas através dos valores socioeducativos do Sesc e possibilitar atualizações no PSE, levando em conta a aplicação de novos saberes em áreas de desigualdade social e a promoção de justiça social por meio da educação.

REFERÊNCIAS

ANDER-EGG, Ezequiel. **Avaliação de Serviços e Programas Sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

ANDRADE, Carolina. **A importância de um grande equipamento de lazer na Comunidade de São Paulo**: O Sesc Itaquera e os jovens que vivem em seus arredores. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2010.

APPLE, Michael. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artmed, 1989.

BAIARDI, Yara. Os dilemas espaciais na transformação do espaço no entorno de estações de metrô: o caso da estação Corinthians-Itaquera (SP). In: **Anais do XVII ENANPUR**, Sessão Temática 3: produção e gestão do espaço urbano. São Paulo, 2017.

BARBOSA, Gardenia de Oliveira; MUNSTER, Mey de Abreu van. O Efeito de um Programa de Equoterapia no Desenvolvimento Psicomotor de Crianças com Indicativos de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 20, n. 1, p. 69-84, jan.-mar., 2014.

BAUER, Karin; FREIRE, Maria. Paulo Freire e Edgar Morin: a complementaridade de um diálogo possível. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 60, n. 1, p. 316–327, 2021.

BAUMGAERTNER, Jaqueline Flória. **A produção do espaço a partir dos megaeventos**: desdobramentos da Copa 2014 no bairro de Itaquera-SP. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

BERGER, Artur; GINCIENE, Guy; LEONARDI, Tiago. Pedagogia do Esporte e o referencial socioeducativo: diálogos entre a teoria e a prática. **Movimento**, v. 26, p. 260-63, 2020.

BETTI, Mauro. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

_____. **Pedagogia do esporte**: pressupostos para a prática pedagógica. São Paulo: Autores Associados, 2009.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

_____. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013.** Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 6 ago. 2013.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física.** Brasília: MEC, 1997.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Brasília: MEC, 2018.

CAMPOS, Diego Monteiro Gomes de. **Potencialidades para criação do Território de Interesse da Cultura e da Paisagem (TICP) Jacú Pêssego, zona leste da cidade de São Paulo.** 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

CARO, S. M. P.; GUZZO, R. S. L. **Educação Social e Psicologia.** Campinas: Editora Alínea, 2004.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os Séculos XIV e XVIII.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 2006.

COHEN, E.; FRANCO, R. **Avaliação de Projetos Sociais.** Petrópolis: Vozes, 1993.

COSTA, Gilvan Luis Machado. O ensino médio no Brasil: desafios à matrícula e ao trabalho docente. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 94, n. 236, p. 185–210, jan. 2013.

D'ANDREA, Tiarajú. **Itaquera, muito além da Copa do Mundo 2012.** São Paulo: Diplomatieque, 2012.

DAMIANI, Amélia Luisa. **A cidade (des) ordenada:** concepção e cotidiano do conjunto habitacional Itaquera I. 1993. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

EICHBERG, Henning. **The People of Democracy: Understanding Self-Determination on the Basis of Body and Movement.** 5. ed. Århus: Klim, 2004

_____. **Bodily Democracy: Towards a Philosophy of Sport for All.** Londres: Routledge, 2010.

ESTADÃO. **Criminalidade bairro a bairro** [S.l], (2020). Disponível em: <https://infograficos.estadao.com.br/cidades/criminalidade-bairro-a-bairro/>. Acesso em: 04 out. 2020.

FERNANDES, Renata Sieiro; LIMA, Livia; MIRANDA, Antonio Carlos. Abordagens teórico-metodológicas em educação não formal e animação sociocultural. **Revista de Educação PUC-Campinas**, vol. 22, núm. 3, pp. 497-513, 2017.

FERREIRA Jr., Amarílio; BITTAR, Marisa. **Proletarização e sindicalismo de professores na ditadura militar (1964-1985)**. São Paulo: Edições Pulsar & Terras do Sonhar, 2006.

FELIPPINI, Anissa Veronica Santos. **“Razões Finaes”**: a disputa judicial por terra entre Rodrigo Pereira Barretto e o Convento de Nossa Senhora do Carmo (1850-1919). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

FLOR, Cristhiane Carneiro Cunha; TROPIA, Guilherme. Um olhar para o discurso da Base Nacional Comum Curricular em funcionamento na área de ciências da natureza. **Horizontes**, v. 36, n. 1, p. 144–157, 2018.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar história**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

FRASER, Marcia Tourinho; GONDIM, Sonia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 14, n. 28, p. 139–152, mai 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996

_____. **Pedagogia da esperança**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues; DARIDO, Suraya Cristina. Pedagogia do Esporte: livro didático aplicado aos Jogos Esportivos Coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n.3, p.751-761, jul./set. 2010.

GARCIA, Valéria Aroeira. Discurso do Dr. Jaume Trilla Bernet no ato de outorga a Paulo Freire do título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Barcelona em 1988. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 32, 2021.

GHIDETTI, Filipe Ferreira. Pedagogia do Esporte e Educação Física: a convergência na busca da autonomia em relação aos significados culturais do esporte. **Movimento**, v. 26, p. 260-34, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMEZ, Francisco. El nuevo paradigma de la complejidad y la educación: una mirada histórica. **Polis**, Santiago, v. 9, n. 25, p. 183-198, 2010.

GOHN, M. DA G.. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 14, n. 50, p. 27–38, jan. 2006.

GOUVÊA, Maria C. Soares. A escolarização da criança brasileira no século XIX: apontamentos para uma re-escrita. **Revista Educação em Questão**, 28 (14), p. 121-146, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4467> . Acesso em 24 abr. 2024.

IAOCHITE, Roberto Tadeu (Org.) **Teoria social cognitiva e Educação Física: diálogos com a prática**. São Paulo: CREF4/SP, 2018.

IWAKAMI, Luiza Naomi. Habitação Social: Ocupação No Espaço Da Cidade. **Revista Belas Artes**, 2010, vol. 3, no 2.

JIMENEZ, Marco Raúl. La Educación Popular En El Siglo XXI. Una Resistencia Intercultural Desde El Sur Y Desde Abajo. **Prax. Saber**, Tunja, v. 6, n. 12, pág. 97-128, julio de 2015.

KLEIN, Delci Heinle; FRÖHLICH, Marcelo Augusto; KONRATH, Raquel Dilly. Base Nacional Comum Curricular – BNCC: documento em análise. **Revista Acadêmica Licenciatura**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 65–70, 2016.

LEITE, Beatriz. **Pedagogia do Esporte: Aprender e ensinar com sentido**. Campinas: Papirus, 2010.

LEME, Maria Cristina da Silva; GIMENEZ CAMARGO, Patrícia; SANTANA, Marcelo C. The Japanese Presence in São Paulo in the District of Liberdade and in the Rural Fields of the District of Itaquera. **CIAS discussion paper**

MAGALHÃES, Gladys. **Memória**: conheça a história de Itaquera. Gazeta de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.gazetasp.com.br/estado/memoria-conheca-a-historia-de-itaquera/1106935/>. Acesso em: 3 jul. 2023.

MARANDINO, Martha. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? **Ciência & Educação** (Bauru) [online]. 2017, v. 23, n. 4.

MARQUES, Elder; SIMÕES, Antonio. **Projetos sociais**: a contribuição do esporte para a inclusão de crianças e adolescentes. Curitiba: Appris, 2018.

MELHER, Luciana Itapema Alves. Esporte para Todos: um ensaio sob a ótica de Henning Eichberg. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**/ No 13, dezembro 2021.

MIRANDA, Antonio Carlos. FERNANDES, Renata Sieiro; LIMA, Livia Moraes Garcia; Abordagens teórico-metodológicas em educação não formal e animação sociocultural. **Revista de Educação da PUC-Campinas**, vol. 22, núm. 3, p. 497-513, set./ dez. 2017.

MONTENEGRO, Ricardo. De la educación “formal” a la “no formal” como práctica psicosocial transformadora en Chile. **Andamios**, Cidade do México, v. 18, n. 46, p. 331-355, agosto 2022.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma e reformar o pensamento. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

DO NASCIMENTO, Valdriano Ferreira; FARIAS, Isabel Maria de Sabino; RAMOS, Evódio Maurício Oliveira. Análise de prosa enredada na pesquisa com os cotidianos: um jeito de ver o currículo e dizer. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v20, n59, p.1-16, 2019.

NISIDA, Vitor Coelho; VANNUCHI, Luanda Villas Boas; ROSSI, Luis Guilherme Alves; BORRELLI, Julia Ferreira de Sá; LOPES, Ana Paula de Oliveira. A inserção urbana dos empreendimentos do programa Minha Casa Minha Vida na escala local: uma análise do entorno de sete conjuntos habitacionais. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 63, 2015.

NOGUEIRA, Quefren Weld Cardozo. Esporte, desigualdade, juventude e participação. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 103-117, jan./mar 2011.

OLIVEIRA, Kelly Adriano de. **Entre o lúdico e a luta**: Leandro de Itaquera, uma escola de samba na cidade de São Paulo. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciência Social: Antropologia Social) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

PAUGAM, Serge. O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais: uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. In Sawaia, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social** (pp. 67-86). Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PÉREZ, Daniel Gil, Contribución de la historia y de la filosofía de las ciencias al desarrollo de un modelo de enseñanza/aprendizaje como investigación. **Enseñanza de las Ciencias**, v. 11, n. 2, p. 197-212, 1993.

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PONCE, Branca Jurema. O Tempo no Mundo Contemporâneo: o tempo escolar e a justiça curricular. **Educação & Realidade**, v. 41, n. 4, p. 1141–1160, 2016.

_____. (org.). **Currículo, conhecimento e cultura**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

RAMALHOSO, Wellington. Pandemia escancara crise de moradia no Brasil, mas produzir casa adequada para todos é possível e urgente. **Ecoa**. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/moradia-digna-e-prioridade-para-refazer-cidades-pos-covid/#cover> Acesso em: 24 abr 2024.

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da Desigualdade**. São Paulo: Rede Nossa São Paulo, 2019.

REVERDITO, Riller Sila; SCAGLIA, Alcides José. **Pedagogia do Esporte**. São Paulo: Phorte, 2009.

REVERDITO, Riller Sila; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo César. **Pedagogia do Esporte - Aspectos Conceituais da Competição e Estudos Aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013.

RIBEIRO, Sérgio Costa. A educação e a inserção do Brasil na modernidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 84, p. 3-96, fev. 1993.

ROMANELLI, Otaíze de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930-1973)** Petrópolis: Vozes , 1978.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SAUL, Ana Maria. **A Formação do Professor Reflexivo: Contribuições para a prática docente**. São Paulo: Cortez, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1991.

SCAGLIA, Alcides José *et al.* O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. **Movimento**, v. 19, n. 4, p. 227-249, out./dez. 2013.

SEDORKO, Clóvis Marcelo e FINCK, Silvia. Sentidos e significados do esporte no contexto da educação física escolar. **Journal of Physical Education**, 27(1), e2745.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO DE SÃO PAULO. **Manual de Referência do Programa Sesc de Esportes**. São Paulo: Gerência de Desenvolvimento Físico Esportivo, 2019.

SOARES, Antonio; MILLEN NETO, Alvaro; FERREIRA, Alexandro. A pedagogia do esporte na educação física no contexto de uma escola eficaz. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 2, p. 297–310, abr. 2013.

SOUZA, Juliana de; VERISSIMO, Maria de O. Ramalho. Desenvolvimento infantil: análise de um novo conceito. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, 2015.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 1994.

_____. **Educação para a democracia**. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 1997.

ZILBERMAN, Regina. Que literatura para a escola? Que escola para a literatura? **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 5, n. 1, p. 9-20, jan./jun. 2009

ANEXO 1

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

Dcl Unidade Itaquera/001

APÊNDICE (1)

São Paulo, 20 de julho de 2023

Ao
Prof. Dr. Antonio Carlos Alves dos Santos
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP (CEP - PUC/SP)

Autorização para realização de pesquisa

Informamos a V.Sa. que está autorizado à pesquisadora Beatriz Souza Pereira, aluna do curso de pós-graduação Stricto Sensu em Mestrado em Educação: Currículo da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, a realização e o desenvolvimento da pesquisa intitulada "Implicações do Programa Sesc de Esportes na educação integral de jovens na região de Itaquera - SP (2016 a 2023)", sob orientação do Prof^a. Dra. Nadia Dumara Ruiz Silveira

Declaramos conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.


Carmen Roberta Lobo
Gerente em Exercício
Sesc Itaquera

APÊNDICE 1**Roteiro De Entrevistas – Alunos do PSE – Sesc Itaquera****IDENTIFICAÇÃO**

Nome: _____

Idade: _____ Gênero _____

Estado Civil: _____

Etnia - se declara como: () preto () branco () pardo () amarelo () outro: _____

Ocupação Atual: _____

Escolaridade:

() Ensino Fundamental – 1ª a 4ª

() Ensino Fundamental – 5ª a 8ª

() Ensino Médio

() Ensino Técnico / profissionalizante

() Ensino Superior / Completo () Incompleto () Qual?

Obs.: Instituições freqüentadas / Públicas ou privadas: _____

Profissão Pretendida: _____

Renda familiar atual: () menos de um salário mínimo () de um a três salários mínimos () mais de três salários mínimos

Atividade esportiva anterior e atual: _____

Ano(s) e modalidade(s) que fez ou faz parte do Programa Sesc de Esportes na unidade de Itaquera: _____

Motivação para iniciar e se manter do Programa Sesc de Esportes na unidade de Itaquera: _____

Questões Abertas:

1. De que maneira você teve conhecimento sobre o Programa Sesc de Esportes no Sesc Itaquera?
2. Qual o significado da participação no PSE em sua vida?
3. Que sugestões você tem em relação às possibilidades de aprimoramento do PSE?

APÊNDICE 2

Transcrição Das Entrevistas – Alunos do PSE – Sesc Itaquera

Sujeito 1. Pseudônimo: Azul. 19 anos. Masculino. Solteiro. Branco. Renda família de 1 a 3 salários mínimos. Ensino médio em Instituição pública. 8 anos no PSE. Atualmente jogo Vôlei. Mas já joguei tênis e futebol no Sesc Itaquera, às vezes brinco de outras coisas, mas gosto mesmo de vôlei.

Eu conheci o PSE através de divulgação na minha escola, gostei de vir aqui, conheci o lugar e nunca mais saí. Eu me sinto à vontade, conheço os funcionários, os lugares da unidade, me sinto em casa.

Eu soube do Programa por amigos, mas só me senti de fato “convidado”, tipo, tive certeza que poderia ser pra mim, quando foram na escola, levaram o folheto, eu levei pra minha mãe. Ela me levou no início e fiquei muito tempo, ainda estou, 8 anos aqui, já.

O PSE me ajudou a passar por uma fase muito difícil. Depois que eu perdi minha mãe, jogar vôlei me ajudou a manter a cabeça fora dos problemas e medos, o corpo fora de casa. Perdi minha mãe em 2020, eu já estava no vôlei, mas antes eu já tinha participado do Programa.

O PSE me ajudou a ficar menos tempo na rua sem fazer nada, menos tempo dentro de casa sem praticar exercício. Eu sempre gostei de praticar esportes, mesmo sendo uma pessoa muito fora do padrão, então o que me motivou a ficar foram meus amigos, que sempre me ajudaram a me entrosar mais no esporte e a melhorar muito a jogabilidade. Eu não me sinto mais fora do padrão, porque quando eu era acima do peso, não jogava muito esporte. Os meninos ficavam me zoando, praticamente, mas agora que eu sei jogar, quase ninguém me zoa mais. Eu me apossei da ferramenta do esporte para vencer esse preconceito.

Eu não me sinto melhor que os outros, entendi justamente que somos todos diferentes, altura, peso, cor, sei lá, muita coisa, mas aqui eu entendi que não precisava usar um rótulo desses, do gordo, do alto, do baixo, aqui é justamente a diferença que nos faz fortes. O mais rápido é um bom líbero, o alto é um bom bloqueador, mas isso não define a pessoa, eu mesmo sou pesado, mas defendo muito bem, e aqui entendi que poderia ser líbero também. A professora me fez treinar como meio de rede, e foi muito bom cortar, bloquear, entrar pra sacar. Aqui eu sinto que é o que fazemos pelo time, não pela nossa imagem, levei isso pra vida. Julgar menos, observar mais e confiar que todos somos capazes.

Eu, por mim, acho que não precisa melhorar nada, tá tudo perfeito do jeito que tá. Os professores são excelentes, os alunos que vêm também são excelentes, tem uma grande estrutura de quadra, então não precisa melhorar nada, horário, alimentação, tudo ok, me sinto muito pertencente ao Programa.

Depois que comecei a jogar vôlei me sinto reconhecido. Quando eu uso minha camiseta, com meu apelido, é como se eu estivesse mais forte, maior, mais pleno, me sinto importante. Agora tenho sido procurado pra ajudar a quem chega, isso é muito gratificante. Não mudaria nada.

Sujeito 2. Pseudônimo: Verde. 21 anos. Feminino. Solteira. Preta. Ensino superior incompleto (particular). Em instituição pública até Ensino Médio. Renda familiar de 1 a 3 salários mínimos. 3 anos no PSE. Vôlei e handebol de 2015 a 2017.

Conhecia o Sesc, mas sempre achei que era algo que não era pra mim, mas foram na minha escola, explicaram que era pra todos. Não fui logo de cara não, só quando uns amigos da minha sala falaram que estavam indo e tinha vôlei, que era legal, eu resolvi ir. Treinava longe e o Sesc Itaquera era muito mais perto para mim, mas eu nunca tinha escutado sobre time do Sesc, então nunca sonhei que tinha treino. Quando vim, gostei do que vi, das pessoas, do tipo de treinamento, do ambiente, materiais. Fiquei.

O que motivou a entrar, realmente, foi o acesso ao vôlei, né, eu realmente já gostava de jogar e isso me motivou bastante a entrar no Programa. Porque ali tinha aula, eu sabia que tinha aula três vezes por semana e isso foi o que me motivou. Mas o que me motivou a continuar, eu acho, foi a questão, justamente, essa questão de muito aprendizado, de você ter uma – como eu posso falar? –, tipo, meio que uma filiação ali.

A gente tinha um grupo bacana, eu gostava dos professores que estavam ali, então, além do vôlei, era uma coisa divertida, era um aprendizado divertido. Acho que isso me ajudou a me manter. Ajudou a continuar lá, não aprendi só esporte, era de uma forma divertida, então eu tinha prazer de ir até lá jogar vôlei, mesmo que eu não jogasse, mesmo que eu errasse bastante, mas eu saía dali com algum aprendizado.

Eu lembro que no final das aulas tinha uma rodinha lá, professor falava alguma coisa sobre o que tinha acontecido em aula, então eu sempre saía dali com alguma pulga atrás da orelha para poder ficar pensando, eu acho que isso foi bem legal e foi o que me fez ficar lá os três anos.

Acho que o PSE teve bastante significado. Bom, o significado dele foi de construção, foi um momento que eu estava na adolescência, estava aquele momento saindo do ensino médio, teria que decidir o que eu ia fazer da vida. Aí eu lembro que, na época, eu queria jogar vôlei profissionalmente. Mas também foi um período que eu passei a entender que aquela não seria minha profissão, que não era um objetivo muito alcançável (risos). Acho que estava um pouco tarde, vi que era um pouco longe da minha realidade econômica, também. Eu vi, passei a ir jogar em outros lugares, aí entendi, tipo, que eu precisava de muito mais investimento, muito mais cedo, então já era um pouco tarde pra eu buscar essa questão profissional.

Comecei a pensar o que eu iria fazer a partir disso, tinha entre 16 e 17 anos, aí foi quando eu comecei a frequentar o Sesc. Os professores tinham esse intuito de ensinar o vôlei, mas também ensinavam questões da vida, tinha questões no grupo, relações de grupo, a gente aprendia muito sobre convivência, aprendia a lidar uns com os outros, aprendi a superar limites em questões de competição, de jogo, até mesmo em questão pessoal mesmo, de não acertar uma bola, ou de não acertar um fundamento, tinha muito essas questões, eu acho que foi isso que me ajudou a pensar sempre positivo em relações a essas coisas.

Eu fui a primeira pessoa a se formar na minha família, primeira a me formar no ensino superior, então eu não tive muita essa questão de alavanca, em pensar além, sabe? E, então, eu lembro também que a gente foi uma vez pro Sesc Sorocaba e eu falei “putz acho que é a primeira vez que eu tô viajando assim, num ônibus com uma

galera”, porque eu só tinha oportunidade de viajar com a escola, eu não viajava em família. Eu ficava pensando, “putz que da hora! Imagina ter um *busão* aqui com a minha família inteira?”

Então acho que isso foi me levando a querer algo mais, querer algo que não era ali, próximo da minha realidade. Foi aí que eu acredito que a gente foi se formando. Ali, dentro do Esporte Jovem, muita relação de grupo, muita relação de responsabilidade, de horário e tudo o mais. Eu acho que tudo isso agregou pra que eu fosse uma boa profissional, uma boa estudante na faculdade, então é isso que eu vejo como um significado da minha participação no Esporte Jovem.

Eu não me tornei atleta profissional, não, mas eu acho que me tornei uma pessoa, assim, mais focada, mais disciplinada e responsável com meus objetivos, com algo que eu almejasse! Trazer na alma, produzir na alma! Bacana... e aí eu consegui, né, fazer uma graduação!

O Programa influenciou na minha escolha profissional. Quando eu jogava vôlei, eu tinha que ir pra muito longe pra poder conseguir jogar, eu já ficava pensando, “putz cara”, eu lembro que eu passei a jogar no Ipiranga e tinha aluna lá do Ipiranga que morava atravessando a rua, o prédio era atravessando a rua do clube! E eu ficava “caraca, eu to levando duas horas pra vir até aqui!”. E, tipo assim, pra você ver a diferença né, social.

Eu ficava nessa, “nossa, tenho que, se eu não for fazer isso, eu vou pelo menos levar isso pras pessoas”, né? Tanto que é um dos meus objetivos, eu conseguir pelo menos ter um acesso ali melhor, porque acesso tem, mas é algo, tipo assim, “vamos lá bater bola!”. Não é algo que possa dar uma possibilidade realmente da pessoa ser uma profissional, porque é algo muito escasso.

Então, isso influenciou, fui vendo isso também no Sesc Itaquera, eu via que era um programa que tinha essa mesma intenção, de levar a iniciação esportiva pras pessoas de baixa renda, então com certeza isso foi o que me falou assim “nossa, legal, eles já tão fazendo isso, eu também posso fazer”, entende? Então, foi só a certeza de que eu tinha que ir pra área mesmo.

Eu vou falar a respeito do que eu sentia falta na época. Eu era muito competitiva (risos) e acho que isso também era bom, porque ser competitiva, vai levando você a querer sempre melhorar. Eu sentia falta de ter um pouco mais disso, tipo, competição ali, pra motivar o grupo. Teve algumas competições, teve festival, lembro que tinha festival e ainda tem. Mas era uma, duas vezes no ano, acabava que era muito disperso.

Nossa, mas era fantástico né? A gente se preparava um tempo antes, “ah vai ter festival ano que vem!”. “Mês que vem!”. E aí a gente ali, naquela preparação, naquela ansiedade, ficava conversando sobre, “como a gente vai fazer?”, a gente ficava dando mais toques no coleguinha, tipo, “cê tá errando isso”, “presta atenção no jogo!” (risos). “Foca nisso”, acho que era bem legal, porque motiva, a gente tinha algo a mais pra poder ficar pensando em melhoria.

Tipo, era um momento de estresse, mas a gente, naquele período próximo à competição, se unia mais também, a gente tentava melhorar, não só eu, mas tentava buscar a melhoria do grupo, porque eu sabia que ia depender do grupo também. Então tinha isso, mas acho que é a única sugestão que eu lembro agora que poderia aprimorar no Esporte Jovem, seria um pouco mais de motivação pros alunos.

Quantidade de aula eu acho *ok*, pelo menos eu fazia os três dias da semana, então acho que a questão de aula tá *ok*. A questão de alunos, talvez ter uma separação por idade, faixa etária, porque aí o grupo que estaria mais avançado não teria uma aula tão iniciante em relação àquele grupo que está iniciando. Talvez também seria uma boa, mas teria que ver se seria viável. Mas isso também seria uma sugestão, né? Separar por faixa etária, ou um grupo que está iniciando agora, tipo, talvez um grupo que iniciou em junho, faz tal aula, enquanto o grupo que está iniciando ali em dezembro vai fazer outra aula diferente, porque está iniciando. Eu acho que só essas duas coisas, no mais, assim, eu achava bem completo o Programa.

Sujeito 3. Pseudônimo: Roxo. 21 anos. Feminino. Solteira. Branca. Ensino médio em Instituição pública. Ensino Superior em Jornalismo (Instituição Pública). Renda familiar de 1 a 3 salário mínimos. 3 anos no PSE. Vôlei e handebol de 2019 a 2021.

Eu jogava vôlei e ainda jogo. O que me motivou a entrar no PSE foi o esporte mesmo, eu queria melhorar meu vôlei. A ficar, foi o mundo que encontrei ali dentro. O Sesc Itaquera parece uma ilha no meio das comunidades, tipo, tem o Gleba de um lado, o Helian num pedaço, a Nove de Julho. Então você entra, tem quadras bonitas, piscina, teatro, e cê fala “nossa! vim a pé!” (risos). Achei muito surreal e nunca mais parei.

O que me motivou era a simples prática de continuar o vôlei, simplesmente era isso, continuar praticando o vôlei, pra eu continuar melhorando, por que já na minha escola de ensino fundamental não seria mais possível, porque eu estava finalizando. Aí eu fui buscar o Sesc para continuar e encontrei um cenário totalmente maior do que o esporte, não tinha o que dizer, eu ia fazer aquilo, entendeu?

Eu ia continuar o vôlei porque eram pessoas que me motivavam, era um ambiente de amor, era um ambiente de acolhimento, eu via que eu podia crescer mais na vida, então tudo me motivava a continuar.

O espaço lá é incrível, eu não teria escolhido outro Sesc de modo algum, eu amo o Sesc Itaquera porque eu acho que ele é melhor ainda do que todos os outros, a área dele verde, os espaços *kids*, as piscinas, tudo muito, muito, muito bonito. Eu não faria esporte em outro Sesc, não faria e ainda mais por ser na periferia, cara! Ter um Sesc daquele, perto da gente, tipo 15 minutos, é muito bom, é como se você trouxesse qualidade pra periferia sabe? De verdade!

Quando você dá acesso a material de qualidade, ferramentas de esporte, sejam bolas, fitas, coisas de qualidade, uma piscina boa, uma área *kids* que dá pra você colocar seus filhos, considerando uma periferia que acaba tendo essa questão social de ter muitas crianças, isso é muito importante, muito importante! Principalmente com qualidade.

Eu comecei fazer vôlei no Sesc com a intenção de continuar minha prática, eu estava terminando o fundamental na minha escola e queria continuar jogando vôlei de alguma forma, aí teve um campeonato no Sesc e me falaram que tinha turma de vôlei lá. Eu falei, “ah bacana isso aqui, vou começar a frequentar para ver se eu consigo continuar jogando por aqui!”. E aí eu conheci o Sesc.

Nossa senhora! Que lugar incrível! Era absurdo, assim, tudo muito grande, tudo muito limpo, as pessoas eram muito legais, eu pensei, “gente, eu quero continuar

aqui!”. Aí eu vi que era mais do que o esporte, era uma família, eram pessoas que trabalhavam felizes no lugar, era um lugar de acolhimento. Assim que eu passava do portão era outra energia, era um lugar de abrigo mesmo, sabe? E os problemas lá fora, eram lá fora!

Eu tinha duas horas, ou três, sei lá, pra estar lá e eu estava lá e era tudo muito bom, meu Deus do céu, eu colocava meu corpo pra funcionar e minha mente, também, era tudo muito gostoso, e o lanche então (risos). Eu sempre cito o lanche do Sesc, porque sem dúvida era excepcional, aí começaram a surgir alguns valores que eram pra além do esporte, no momento em questão eu tinha acabado de terminar o fundamental, então eu estava no ensino médio, me envolvendo em questões de vestibulares e da mente da gente começar a falhar de tanta cobrança.

Isso reflete no esporte, também, afinal o esporte não é só o seu corpo né, é a maneira como você se desenvolve na quadra, mas também no seu psicológico. Se você não está bem na cabeça, não vai conseguir transparecer aquilo pra fora né? E aí, eu comecei a trazer essas questões pra dentro do vôlei, já que era uma família e eu me sentia muito acolhida lá. Uma das pessoas que eu cheguei a buscar foi você, porque era incrível assim, acho que você sempre teve essa noção de que o esporte ali não era só o esporte, era além disso, né?

E aí, mesmo a gente estando lá só pra jogar, você sempre estava pondo uma sementinha na nossa cabeça, de que era possível fazer mais, seja isso dentro do esporte, ou sei lá, se tornando educador, ou pra fora mesmo, se tornando uma pessoa acadêmica com experiências maiores na vida, você sempre colocando isso nas nossas cabeças. Mais do que isso, da gente mesmo se transformar em pessoas melhores, em ajudar as pessoas dentro de casa, a não xingar, não falar palavrões, a não chegar atrasado, então eram valores pequenininhos que eram colocados em todos os jogos pra gente.

Isso vai mudando a gente, porque é uma comunidade periférica, então algumas coisas podem não ser passadas pra gente né, são informações que não chegam, tipo, que você pode ser mais, que você pode ser um acadêmico, pode entrar em uma faculdade pública, são informações que não chegam para gente, é um universo que parece estar do centro pra frente.

Porque eles vêem a gente como pessoas que não precisam ter acesso mesmo a isso, não precisa dar motivação se você não vai chegar lá. Você sempre vai trabalhar num mundinho pequenininho, você vai ter um salário mínimo e não precisa ter muita instrução pra isso, não precisa fazer uma faculdade, pode fazer um Jovem Aprendiz e depois ser efetivado, não precisa disso. E quando você veio pra gente, eu lembro um dia que a gente terminou depois de um jogo, todos sentamos na sua frente e você começou a falar do seu irmão que morava fora, que você tinha ido lá visitar, você tava tentando fazer outra faculdade, isso me inspirou muito, vendo aquilo eu pensava, “gente eu consigo ser mais! Eu sei que eu posso e consigo ser mais!”

Quando eu mostrava pra você os meus textos, porque na época do vestibular eu estava com uma questão com a redação, eu chegava em você e falava assim “prô, você que tem mais conhecimento, você que já participa desse mundo acadêmico aí, me ajuda! Deixa eu fazer qualquer texto pra você ler, pra ver se tem futuro isso aqui?”. E aí eu lembro que você falou assim, “tá, escreve alguma coisa”. E eu pensei, “mas que coisa?”. Daí você falou: “escreve o que você achou da aula de hoje”. Eu lembro que eu escrevi dois parágrafos, eu mostrei e você falou assim: “ah, dá pra arrumar isso

aqui, dá pra arrumar acolá”, foi aí que eu comecei a me empenhar mais nisso de escrever.

Tipo, eu precisava melhorar minha redação, eu chegava em pessoas da minha escola, pedia ajuda também, assim como eu pedia pra você, recebia muitos retornos, e nesse meio tempo eu consegui um trabalho. Infelizmente eu tive que sair do vôlei e foi muito triste.

Desapegar foi muito difícil, foi extremamente complicado, eu tinha uns 16 pra 17 anos, ia tomar a tarde e eu não tinha mais como ir. Foi muito triste, minha mãe até lembra, foi muito triste porque eu realmente amava aquele lugar e eu amo até hoje, eu sentia uma paz muito grande quando eu tava lá dentro, todo mundo é muito amor lá, todo mundo gosta muito do que faz, faz tudo com muito amor.

Eu sinto muita falta disso até hoje, eu gostaria muito de continuar, nossa! Mas enfim, não deu, eu continuei trabalhando no meu psicológico, trabalhando nas minhas redações. Eu lembro que nos jogos você falava assim: “esse é o seu vestibular, se você não estiver com sua cabeça focando naquilo que você está fazendo, você não vai acertar nem na prova nem na quadra”. Eu lembro que você falava isso, e eu tinha que focar na minha segurança, botar minha cabeça no lugar pra acertar o movimento, mas também pra acertar na hora da prova.

Isso me ajudou muito, porque o meu psicológico foi o que meu deixou mais forte, porque eu fiz os vestibulares, fiz todos no meu terceiro ano do ensino médio e eu fazia ensino técnico, então foi ensino médio, ensino técnico, cursinho, tudo pra passar de uma vez, já que eu tinha na minha cabeça que eu ia estudar o suficiente para passar. Eu não ia estudar mais não, não ia ficar anos e anos fazendo aquilo, porque era um sufoco gigantesco, aí fui prestar os vestibulares e vi que realmente eu tinha que estar com o psicológico alinhado, porque eram mais de 4 horas de prova, Enem acho que eram 5 horas de prova.

Eu pensava “esse aqui é meu vestibular, eu tenho que estar aqui”. Acabou que eu consegui duas universidades públicas, duas universidades privadas e tirei uma boa nota no Enem. Escolhi a USP, dessas públicas, e o que me salvou, o que me deu realmente a vaga foi a minha redação. A minha nota de redação foi a maior de todas, eu peguei a última vaga, eram 12 vagas pra escola pública e eu peguei a décima segunda. Fiquei pensando como tudo isso reflete um passado de conquistas e trabalho, porque quando eu te mostrei aqueles dois parágrafos eu não era nem um pedacinho do que eu me tornei no final do meu ensino médio, então é tudo muito calhado, é uma cadência de acontecimentos. Eu sou a primeira a entrar em uma universidade pública da minha família, isso foi um feito particular, também (emoção).

Eu acredito que o Programa precisa ser mais divulgado. Eu penso que as pessoas que estão lá dentro falam pras pessoas que estão de fora e isso faz com que mais pessoas cheguem. Eu percebia esse movimento muito nos meus colegas de aula, eles chamavam uma pessoa na sua escola, que chamava outra e acabava que todo mundo queria ir conhecer, mas eu não percebo isso vindo do Sesc. Uma iniciativa do Sesc dentro das escolas, eu não vejo muita divulgação nas escolas do entorno, nas escolas um pouquinho mais a extremo, já que ainda não existem essas unidades periféricas para além de Itaquera.

Talvez seja interessante fazer essa divulgação um pouco mais incisiva, falar pras pessoas “olha, é possível, é gratuito”, principalmente isso, que é gratuito, que você pode usar, que você vai ter acesso à cultura, porque o Sesc também faz shows e

exposições, “vai ter material bacana lá, que você não tem na sua escola”, falta divulgar isso. Eu sinto que eu conheci porque alguém me falou, mas não porque eu sabia da existência antes, entendeu? Se não fosse alguém falando: “olha, ali tem vôlei”, eu não teria conhecido o Sesc e nada disso seria possível. Certamente falta uma divulgação melhor.

Sujeito 4. Pseudônimo : Amarelo. 18 anos. Masculino. Solteiro. Pardo. Trabalha em restaurante. Ensino fundamental, médio e técnico em escola pública. Renda familiar de 1 salário mínimo. Está no PSE desde 2017 (tênis) e desde 2022 (vôlei).

Teve muita coisa. Eu acho que foi porque no Sesc eu encontrei algo que ocupasse minha mente, para que eu não ficasse em casa de bobeira. Eu acho que o apoio da professora... antes eu era muito antissocial. Então, eu não tinha muita ligação com as pessoas e o Esporte Jovem me possibilitou conhecer pessoas diferentes, me aproximar de outras pessoas e fazer amizades.

Conheci o PSE através de uns colegas de turma da minha sala, porque num dia que eu faltei, eles me contaram que alguns funcionários do Sesc foram na escola apresentar o projeto. No dia seguinte que eu fui, eles me falaram que eles foram, que foi muito legal, daí eu decidi ir também para ver como que era.

Eu acho que transformou a minha vida por completo, porque antes de participar de um projeto assim eu estava num momento muito difícil, não só psicologicamente, de saúde, também. Então eu ficava em casa o dia todo, eu não tinha uma motivação de, por exemplo, chegar um dia da semana, acordar e falar assim: “hoje é dia de fazer algo que eu amo”, entendeu? Eu acho que o PSE trouxe realmente um motivo para eu sentir que estava viva. Eu acho que problema de saúde foi obesidade, eu era obeso. E aí eu não praticava esporte físico, também era psicológico, era ansiedade.

Eu acho que quando eu comecei a praticar esporte melhorou bastante, porque antes de eu praticar vôlei, como eu ficava trancado dentro de casa em uma bolha, aquilo só alimentava pra eu ficar mais mal ainda. Aí que entra o esporte, ele transformou a minha vida realmente, porque eu consegui emagrecer, eu consegui mais disposição e descobri até coisas que eu não sabia que podia fazer. Encontrei algo que me acalmasse, que eu visse como algo para fugir dos problemas, algo que me ajudasse a lidar com eles.

Eu acho que falta dar mais atenção a problemas psicológicos, porque eu, querendo ou não, mesmo que o Esporte Jovem tenha me acalmado em relação à ansiedade, acabei tendo crises em relação ao esporte mesmo. Então eu ficava muito nervosa em quadra, eu acho que seria legal abordar mais isso. Já que tem profissionais que são especializados em esporte, abordar esses tipos de transtornos em quadra, eu acredito que tem muitos atletas que possuem esse tipo de transtorno.

Sujeito 5. Pseudônimo: Lilás. 18 anos. Masculino. Solteiro. Branco. Estudante do ensino médio em escola pública, pretende fazer Educação Física. Renda familiar de 2 salários mínimos.

Antes eu praticava futebol, eu era goleiro, depois virei lateral e, atualmente, só estou praticando fielmente o vôlei. De vez em quando, tênis.

Eu entrei quando tinha 17 anos, entrei no ano de 2022. Nesse eu consegui participar dos jogos, o meu último ano eu não consegui participar porque eu já completei a idade avançada, que não pode participar dos jogos por conta da idade e tal, que é 2023, então foram dois anos no Programa.

Quem me incentivou, claramente, foi a minha irmã. Ela me incentivava a vir e ela sempre falou que eu jogava muito na escola, ela achava que eu iria ser um bom líbero. Também por causa de algumas coisas que eu assistia quando menor, como um desenho de Haikyuu, que é sobre vôlei, e o próprio Serginho, que é uma motivação para todo mundo. Eu vim para cá, eu gostei, também é um lugar muito acolhedor, tem tantos professores, tantos alunos legais, até com umas *tretinhas* à parte, mas tirando essas *tretas* é perfeito, é um lugar que eu recomendo sempre.

Eu acho que no começo do ano passado, em 2022, não lembro se era a senhora que foi na escola e passou sobre tênis, vôlei e futebol. Na semana, eu não tinha ido, mas eu fiquei sabendo por conta da minha irmã e por conta de uns amigos, depois eu fui incentivado por conta da minha irmã. Aí eu fui sabendo mais com o professor Igor, que me passou todas as instruções. E depois a professora Bia. Então eu entrei e estou aqui, até agora.

A questão social, porque, com isso, você vem para um lugar como o Sesc, que tem muita variedade de pessoas, você aprende a falar com algumas pessoas. Tanto quando a pessoa te trata com arrogância ou quando a pessoa te trata com admiração. Tanto que no final de semana, quando tem recreação de vôlei, você vai ter que falar com todo mundo, não só com a sua turma.

E isso, também, mostra que aqui no Sesc o curso não é focado no jogo em si, apenas, é focado no time. Tanto que, antigamente, por fazer futebol, era focado mais no futebol em si e no individual: se você não sabe fazer tal coisa, você vai se lascar e continua nisso. Já aqui, é sempre mais focado no time. Se você errar, o time paga e isso me ajudou muito. Porque eu era explosivo e agora eu me controlo mais, eu sei diferenciar quando a pessoa está realmente caçoando comigo no esporte ou pessoal.

E também, fazer o esporte sempre é bom, deixa a pessoa mais alegre e mais saudável. Normalmente eu convivo com as pessoas, e então pode entrar uma pessoa de fora do Sesc e não gostar de você, isso é algo que você não tem controle, mas você tem que manter a cabeça e pensar direito. Então sobre isso não tem muito o que fazer: ou você também pode topar com um cara arrogante, tem que aprender a jogar com ele, porque o vôlei é isso, não tem como jogar com o outro sem respeitar o próximo, mesmo ele não te respeitando.

A questão boa é que você aprende a conversar. Você consegue identificar como a pessoa é, consegue arrumar um jeito de conversar com a pessoa sem estressar ela, ou incomodar. Também você vai conhecer muita gente legal, que vai te ajudar. Eu conheci muita gente que veio aqui no final de semana, que me ensinou levantamento e “panqueque”, que são coisas que eu tive que aprender com eles, depois eu tive que aprender sozinho, porque eles só me ensinaram o básico, o resto foi treinamento.

Então, é uma coisa boa em si, no Sesc os professores te ensinam a buscar mais. Tipo, você vê alguém, como meu amigo – ele tem um saque de flutuante muito bom, e eu sempre tentei imitar, na mesma forma que eu imitei outros e sempre tentei imitar por admiração mesmo.

A questão, eu acho que é mais pelo tempo. Porque esse ano mesmo tem muita gente que se atrasa, porque o horário é 14h. Aí podia ser 14h30 e acabar 16h30. Não sei. Mas, tipo, esse ano eu tô vendo mais esse problema, porque muitas pessoas chegam atrasadas e não tem tempo de focar. Certo que tem alguns que não desenvolveram muito. Tem outros que se atrasam porque fazem corpo mole pra vir e não chegam no horário certo. Mas tem alguns que vêm de escola muito longe, tipo Móoca, esse lugar, que tem que passar em casa e depois voltar. Aí o tempo de vir é o tempo deles chegarem aqui, em cima da hora, isso atrapalha muito, eles precisam entender o treinamento, mas também o tempo de se aquecer e se alongar, para não correr o risco de se machucar.

Sujeito 6. Pseudônimo: Dourado. 18 anos. Masculino. Solteiro. Branco. Ensino médio em escola pública, profissão pretendida: designer gráfico. Renda familiar de 1 a 3 salários mínimos.

Faço levantamento de peso (LPO) na academia e pratico vôlei. Participei em 2022 e 2023 do PSE no vôlei.

Foi na minha escola que começaram a falar sobre esportes masculinos, pelo menos eu entendi assim. Só depois que soube que eram aulas de esportes pra todos, não era só futebol para meninos. Lembro que eles foram lá na escola em fevereiro, mas eu só fui mesmo ao Sesc no mês seguinte.

Comecei sem ter praticado esportes antes, então quando comecei era um pouco sedentário. Isso me ajudou muito. A gente fica muito cansado quando não pratica esporte, mas quando comecei a praticar, comecei a melhorar. Não me sentia mais cansado, mais indisposto.

O Sesc me apresentou muita gente. Tinha gente que já estava lá e tinha gente que estava na minha escola, mas eu não tinha esse contato que passei a ter. Então tive contato com essas pessoas por causa do vôlei e porque comecei a frequentar aqui. Na verdade, eu nunca tinha vindo ao Sesc antes, até meu pai me trazer, mas ele estava muito ocupado com o trabalho, então só vim depois que fiquei mais velho, com 16 para 17 anos. E acho que muita coisa mudou.

Eu até saí uma vez do Programa, depois voltei e saí de novo, agora. Mas acho que não posso mais voltar, porque tenho 18 anos, estou começando a vida agora. O que mais me marcou foi o conhecimento do voleibol, eu sabia um pouco, mas muito por cima. Eu mudei muito em termos de disciplina, amizade e coisas negativas que sentia, como estar deprimido, triste. Sinto que houve uma mudança afetiva. O vôlei é um esporte que trabalha muito coletivamente. Então aprendi a trabalhar melhor em equipe. Acho que trabalhei bem em equipe, mas com o tempo fui melhorando a questão de conviver mais com pessoas diferentes, respeitar as pessoas diferentes e ainda conviver com elas.

Então acho que ajudou bastante na disciplina, porque no vôlei a gente pagava *burpee*¹⁰ sempre que algo dava errado, se houvesse algo errado. Então estávamos sempre pensando em não errar, não na questão de errar no voleibol, mas em coisas que envolvessem respeito e disciplina, como: não dizer palavrões, não chegar atrasado.

¹⁰ Flexão-Burpee ou Burpee é um exercício corporal completo de flexão com salto utilizado em treinamento de força e exercício aeróbico.

E quando eu penso isso pra minha vida, entendo que se você se atrasar, pelo menos por pouco tempo num primeiro emprego, por exemplo, pode ser ruim, então essas coisas vai ajudar na nossa carreira. Na escola já temos isso, mas no trabalho é inaceitável. Então eu acho que deveríamos respeitar as regras, não deixar sujeira na quadra. Então sempre fizemos o nosso melhor para tentar não quebrar essas regras. Haviam várias regras pra gente ficar na linha (risos).

Eu acho que me trouxe muitos benefícios todas essas regras, eu era tipo ajudante da professora, então tomava muito cuidado com essas regras. Sempre lembrava que, se alguém fizesse alguma coisa errada, eu pagaria também. Tipo, se eles cruzassem a linha, eu pagaria e faria os outros pagarem. Eu lembro que uma vez perguntaram porque todos pagavam, e a professora respondeu que era um esporte coletivo, que precisávamos entender o tempo todo que uma ação, boa ou ruim, influenciaria as 15 pessoas do time, os técnicos e todo mais.

Lembro que [a professora] até usou o exemplo das eleições, que viver em uma democracia era aceitar a escolha do grupo, mesmo que eu discordasse. Isso não significa que seria bom ou ruim pra quem votou em quem ganhou, seria pra todos. Se estou fazendo alguma coisa boa, acho que todo mundo tem que fazer, não só para o povo que votou, mas também para o coletivo, que é uma parte muito importante. Muitas vezes, se alguém fizesse alguma coisa, toda a equipe pagaria, esse senso de coletividade eu levei pra minha casa, pra escola, isso me ajudou a entender muitas coisas que iam muito além da quadra e do vôlei.

Não penso tantas coisas [que poderiam mudar] porque acho que é um programa muito bom. Eu acho que os equipamentos, os equipamentos que a gente tem aqui, são ótimos. Não existe isso no Campeonato Paulista de Vôlei. Então eu realmente não penso sobre isso. Mas é mais sobre o cronograma. Porque hoje em dia temos muitas escolas perto. Então eu acho que é difícil todo mundo ter esse acesso. Tanto é que o Sesc é um local disponível gratuitamente para quem trabalha no ramo.

Então acho que todo mundo tem esse acesso nessa parte, mas a questão de participar do curso é um pouco mais difícil por causa do horário. Tanto que a maior parte da equipe é formada por pessoas que estudam na minha escola, que é uma das únicas da região que não está integrada. Então eu apoiaria colocar outros horários, como de manhã, mesmo que seja um pouco difícil, porque de manhã tem o Esporte Jovem dos idosos¹¹. Então eu acho que é mais uma questão de horários.

Sujeito 7. Pseudônimo: Laranja. 20 anos. Masculino. Solteiro. Branco. Renda Familiar de 1 a 3 salários-mínimos. Ensino médio em escola pública, atualmente cursando ensino superior em faculdade privada, com bolsa-atleta pelo vôlei.

Eu jogo vôlei em vários times e trabalho em uma empresa de telefonia celular. Antes eu jogava frisbee, basquete, capoeira, muay thai, jiu-jitsu e vôlei, que é o principal esporte de todos. Joguei vôlei aqui no Sesc Itaquera de 2018 a 2019.

¹¹O entrevistado se refere aqui ao Esporte Idoso – Vôlei no Sesc Itaquera. O Trabalho Social com Idosos (TSI) teve início em 1963, seguido pelo Programa Atividades Físicas para Idosos em 1974. No início da década de 1980, essa trajetória reflete sobre as práticas esportivas para esse público dentro das unidades, resultando no Esporte Idoso.

Comecei a jogar vôlei na escola e, no último ano escolar, chegou uma nova professora de educação física, que gostava muito de vôlei. Ela nos deu aula, a bola e comecei a gostar muito, mas aí acabou o ano.

Primeiro o Sesc foi até a escola, eles se apresentaram e conversaram sobre o projeto, como funcionava e tudo mais. A gente se interessou e então vim aqui, fiz a aula teste para ver como era e tudo mais, gostei muito e resolvi entrar.

Eu já gostava bastante do esporte, mas não sabia de nada, praticamente. Eu era só jogador de vôlei na escola, então a gente jogava sem regra. Mas, quando cheguei aqui no Sesc, vi que tudo era diferente. Eu cheguei lá e a professora explicou que tinha uma questão de 5x1, 4x2, 6x0¹², como funcionava, ela explicou as posições, que cada um tem sua posição.

Então eu cheguei aqui e aprendi muito. Eu gostei muito do esporte. Tanto que tive muitas outras oportunidades no Sesc. Fizemos muitas viagens e aprendi muito sobre ser educado, respeitar os outros e entender que as pessoas não são suas inimigas na vida. Então, foi algo que realmente afetou minha vida. Eu usei muito tudo que aprendi aqui.

Do Programa no Sesc, eu fiquei sabendo porque eles passaram na minha escola. Então eles foram em cada sala de aula, foram explicando, deram pra gente uma folha explicando melhor como funcionava tudo. Aí, eu e meus amigos nos interessamos, tanto da minha sala quanto do pessoal de outras salas também, e a gente decidiu todo mundo junto vir pra cá, pra ver como é que funcionava e tudo mais, pra ver como era e se realmente todo mundo podia participar.

Chegando aqui, a gente realmente gostou e continuou a vir, antes disso eu só tinha vindo duas vezes, três, pra não falar que foram só duas, uma eu vim pra passear mesmo, as outras duas eu vim pra jogar, mas eu vim pra jogar futebol.

Eu não sabia que existia tantas coisas aqui no Sesc, por exemplo, na minha época, tinha o programa das Estrelas do Futebol, que era das meninas, tinha do tênis, do basquete, do futebol, do vôlei e do futebol também, no masculino. Então, eu realmente não sabia que existia tudo isso. Eu só fui descobrir depois que eu vim pra cá, que eu vim fazer o teste pra entrar no Esporte Jovem e tudo mais.

Eu era uma pessoa meio que estressada, digamos assim. Eu sou paciente, mas antigamente eu era um pouco mais estressado. Então, pela questão do futebol, que é um esporte de contato físico, que tem muita briga, muita pressão, então, pra discutir e pra arrumar briga ou algo do tipo é bem mais fácil, né? Então, assim, quando eu entrei no vôlei aconteceram certas coisas que realmente me estressavam também, mas como sempre teve muita conversa, tipo como quando a gente fazia a lavagem de roupa suja, eu não me sentia exposto, mas ouvido.

Por exemplo, quando alguém falava mal de outra pessoa ou alguém tinha rixa com outra pessoa do time ali, a gente sentava todo mundo, todo mundo conversava sobre esse problema e tentava resolver. Isso aconteceu e eu fui vendo que eu podia melhorar e que eu não tinha que me estressar com tanta coisa, entendeu? Então, assim, eu consegui mudar de, meio que de um cara estressado, que era lutador, jogador de futebol, que brigava com praticamente todo mundo, para um cara que hoje em dia é muito mais tranquilo e entende muito mais situações.

¹² Modos de rodízio.

Eu entendo que existem pessoas que não têm a mesma conduta que eu, tipo, tem gente que pode ser mais difícil de aprender, tem gente que pode ser mais fácil de aprender, eu não preciso me estressar com uma pessoa que praticamente começou agora e eu já quero que ela seja meio que do meu nível. Então eu puxei muito isso pra minha vida também, a questão de educação, de ser mais educado, de falar menos palavrão e tudo mais, porque aqui também tem esses negócios de questão verbal, a gente aqui trabalha muito mais com educação! A gente trabalhou muito mais com educação em tudo. A questão de como se comportar, como falar e tudo mais. Então isso também levei bastante pra vida.

Levei muita coisa para fora do Sesc, uma delas foi também a questão da minha visão sobre as mulheres no esporte, que era diferente do que agora, entende? Então assim, eu não gostava, acho que era um preconceito, porque me incomodava muito! Quando a gente entrou, eu tinha uma facilidade a mais do que elas em fazer certas coisas, então eu meio que me estressava muito e eu não gostava de fazer certas coisas, mas eu gostava de fazer as coisas certas. Eu me estressava muito com elas e tudo mais.

Só que aí, depois de um tempo, a gente foi conversando, a gente foi entendendo melhor as coisas, eu fui pesquisando melhor, fui escutando mais elas, escutando mais minha professora. Então assim, eu consegui entender que as coisas podem fluir e funcionam bem juntas, porque nosso time também era misto e tudo mais. Então assim, eu consegui entender que muitas coisas que eu pensava eram nada a ver. Então foi isso, eu consegui levar isso pra minha vida também. Respeitar diferença de gênero, respeitar as mulheres na quadra e fora delas.

Eu tinha meio que também, não sei ao certo. Não era um preconceito, digamos assim, mas era algo que me incomodava. Porque quando eu vinha pra cá sem ser no treino, tinha muitos gays aqui, entendeu? Então, geralmente, eles davam em cima da gente e tudo mais. Só que aí eu procurei respeitar, entender, porque já tinha aprendido sobre as meninas, com o tempo a gente fez mais amizade, eu entendi um pouco mais o lado deles e tudo mais. Hoje em dia a gente é muito amigo, e um monte de gente que jogava aqui, vários gays, mulheres, enfim, viraram amigos e isso eu levo pra minha vida também.

Então, tipo, todo lugar novo que eu chego, que eu conheço e tudo mais, eu não tenho mais preconceito, ou algo assim com nenhuma pessoa. Então sempre, quando alguém tem preconceito ou algo assim do tipo, eu também chego, converso e falo, "mano, você tem que entender que as coisas não são assim que funcionam, não é só dessa forma que você pensa" e tudo mais, porque – querendo ou não –, às vezes a pessoa acaba sendo até arrogante ou grossa, ou querendo desmerecer outra pessoa porque tem outro gênero, ou a pessoa pensa diferente, ou uma pessoa é gay, ou é mulher... eu aprendi a respeitar e ter mais paciência com quem ainda não aprendeu a respeitar.

Então assim, hoje em dia quando eu esbarro nessas pessoas eu procuro meio que explicar também o meu lado, o que aconteceu comigo e a maneira meio que certa de se pensar hoje em dia.

Existe muito preconceito em cima da questão de gênero, então assim, é algo que na minha visão podia até ser passado em escola. Porque não entender o por que de tal pessoa ser assim, porque esse menino é, sei lá, é meio afeminado ou coisa assim. Então, são coisas que a gente podia ter aprendido melhor na escola, porque

querendo ou não, eles meio que abordam, mas não abordam da maneira correta, pelo menos pra mim. Porque eles falam, mas falam meio que por cima, entendeu?

Então, aqui no Programa Sesc de Esporte, os professores falavam e aqui foi falado abertamente, foi explicado, foi demonstrado e tudo mais. Então foi bem melhor, deu pra ser bem melhor explicado, deu pra entender bem melhor do que nas escolas, e nem sempre eram ensinado com aula falada, sabe? A gente era colocado em rodinhas pra conversar no fim da aula, pra desabafar, jogar nossos medos, o que nos magoava, ouvir que o preconceito machucava as meninas e gays, me fez sentir mal, meio que culpado, então eu aprendi a mudar.

O Programa Sesc de Esporte também me influenciou a estudar, eu queria ser professor de educação física, mas quando eu comecei a ver a fisioterapia no esporte, questão de lesão e tudo mais, chamou minha atenção e eu mudei de escolha, fui fazer peneira numa faculdade particular e ganhei 80% de bolsa com o vôlei. Então eu jogo pela faculdade, treino, estudo e pago o que consigo, porque sem a bolsa eu não teria condições. Então o Sesc não só me influenciou na escolha da profissão como também me deu o meio pra conseguir chegar aqui. Isso é muito legal, eu não imagino onde eu estaria se não tivesse passado por aqui.

Não vejo muita coisa não pra mudar, na época sofri porque ficamos sem ginásio, jogava no calor, no sol e quando chovia, a gente ia pro palco e fazia só [treino] físico. Então acho que uma lugar como o Sesc deveria ter pensado numa opção de acolhimento pra gente, porque foram muitos anos sem ginásio, então o maior Sesc da zona leste não ter espaço coberto, era incompreensível.

Sujeito 8. Pseudônimo: Preto. 20 anos. Masculino, cisgênero, heterossexual. Solteiro. Branco. Renda familiar de 1 a 3 salários mínimos. Ensino médio em escola pública, cursando o ensino superior em instituição privada com bolsa atleta (vôlei). Atual recepcionista na Federação Paulista de Taekwondo, faz faculdade de fisioterapia e joga vôlei, futebol e rugby.

Pratico vôlei, futebol, rugby, taekwondo e muay thai. Fiz PSE em 2017, eu fazia a modalidade do voleibol junto com a senhora, que era minha professora, fiquei dois anos.

No começo, eu vim porque eu sempre fui criado no futebol e no rugby. Quando eu tive que entrar para o ensino médio, o esporte principal era diferente das outras escolas, era o vôlei. Todo dia na quadra estava montada a rede de vôlei e eu comecei a me interessar, só que eu precisava de algum lugar para treinar e tinha colegas meus que já treinavam aqui, eles me indicaram aqui e quando eu cheguei vi que era um lugar bom e comecei a treinar. O que me motivou a ficar, além dos meus colegas também, era como a senhora tratava a gente, sempre com muito respeito e carinho, sempre procurava no individual dar a melhor opinião, explicar a melhor técnica, o melhor formato, a melhor forma de fazer a técnica, então é mais ou menos isso, é como vocês me tratavam.

Bom, o Sesc eu conheço desde pequenininho, quando eu jogava futebol na quadra de lá de fora. Sempre escutei muito barulho do voleibol no ginásio, porque o voleibol aqui é sempre muito barulhento durante os fins de semana e, quando eu estava estudando – como eu havia falado, no ensino médio – eu tinha amigos meus

que já conheciam aqui, que já treinavam aqui, eles me trouxeram para cá e foi assim que eu conheci o voleibol do Sesc Itaquera.

Bom, agora é a hora que eu vou lavar um pouquinho das minhas próprias roupas sujas (risos). Quando eu entrei aqui, eu tinha muito preconceito com gênero, era muito desatento com tudo, falava muito palavrão e era muito “risadinha”. E aos poucos você foi moldando não só a mim, mas ao time todo.

Não podia falar palavrão, senão pagava *burpee*, não podia ter preconceito com ninguém, porque senão é *burpee*, não podia ter nenhuma atitude desrespeitosa com ninguém, e se faltasse com atenção no treino, também. Além do *burpee*, a gente tinha que seguir as regras. Tinha essa parte de fazer correto porque tem regras e regras servem para serem questionadas com educação, seguidas, essa parte foi uma das coisas que mais mudou na minha vida após o projeto.

Hoje eu sou uma pessoa um pouco mais centrada, gosto de todo mundo, não tenho preconceito com ninguém. Não sou tão violento quanto eu era, porque eu era muito estressado. Hoje eu brinco nos horários certos e sei trabalhar nos horários certos. Com o vôlei daqui, eu fui capaz de conseguir uma bolsa na minha faculdade. Então só tenho a agradecer ao vôlei do Sesc Itaquera e, sendo mais específico, a você.

Não me sentia ofendido pelas regras e pelo *burpee*, eu aceitei da maneira tranquila, até porque todos os nossos colegas faziam também, entrou da maneira bem natural, bem orgânica. E, também, não era só você que passava as regras, eram construídas por todos juntos, as aulas eram muito descontraídas, não tinha como a gente aceitar isso de uma forma ruim, se sentir obrigado, porque você não falava nada brigando, você só falava e a gente cumpria. Todo mundo sempre te respeitou porque você sempre foi uma pessoa muito carinhosa e muito cuidadosa com a gente, então, obviamente, todo mundo se sentia acolhido e acabava fazendo o que você falava.

Bom, eu também era uma pessoa bem desatenta e hoje eu procuro, em tudo que eu vou fazer, focar muito. Eu era muito inseguro dentro de quadra e hoje eu tenho muita segurança, e isso refletiu não só dentro da quadra, mas em qualquer lugar que eu vou.

Eu aprendi que tenho que estar seguro de mim, porque se eu ficar inseguro eu não vou conseguir fazer o meu melhor. E se eu não fizer o meu melhor, vai ser realmente a minha insegurança que tomou conta, e o que me deixou inseguro é porque realmente vai se concretizar, eu sei que eu tenho a oportunidade de realmente mostrar o que eu posso fazer e o que eu não posso fazer. Isso me ajudou bastante.

E outra, você sempre incentivou a gente a estudar bastante, sempre procurou falar bastante de estudo, falava de Enem, de vestibular, passava *links* de cursos pra gente no grupo. Sempre cuidou dessa parte também, da gente. Não deixava a gente ser só atletas, não éramos só atletas, você sempre incentivou a gente a fazer bastante coisas.

E foi assim que eu fui atrás de faculdade, que eu comecei a procurar ser alguém na vida, a gente usa a senhora como espelho, não só eu, mas muita gente que estava naquele ano no Esporte Jovem, hoje segue uma carreira, faz uma faculdade, mas foi por causa disso, também, por conta da senhora, que sempre motivou bastante a gente e agora estamos felizes que você está grávida, muitos querendo ser esse filho, pra estar sempre perto de você.

Bom, o que já melhorou foi a estrutura, que mudou pro ginásio na parte de dentro, que a gente treinava num sol de rachar o coco. De melhorar, acho que você sempre deu muita atenção, sempre deu um voleibol muito dinâmico, sempre passou do voleibol, sempre teve aulas dinâmicas, aulas de físico. Eu acho que poderiam voltar os nossos [treinos] físicos, que era da nossa época, pra esse pessoal que está chegando e parecem ser todos muito cansados, eles precisam de um físico (risos).

Sujeito 9. Pseudônimo: Branco. 21 anos. Masculino. Solteiro. Branco. Renda familiar de 1 a 3 salários mínimos. Ensino médio completo em instituição pública. Trabalha com logística e joga vôlei.

Eu conheci muitas atividades físicas, mas a que eu pratico atualmente é o vôlei. Joguei basquete, natação e handball. No PSE, [joguei] nos anos de 2016, 2017 e 2018 na modalidade vôlei.

O que me motivou a vir foi a vontade de jogar, porque onde eu moro não tem muito vôlei. Em Guaianazes não tem muito lugar para jogar, então me falaram do Sesc. Aí eu vim no dia da semana e descobri que tinha aula de vôlei, decidi ficar e, conforme fui ficando, fui me enturmando e fazendo bastante amizade, que foi o que mais me motivou a continuar.

Na verdade eu não sabia do Sesc, eu fiquei sabendo através de um amigo na escola, que ele já jogava no Sesc. Aí ele me falou que jogava no Sesc e eu falei, “então vou ir lá pra ver se ainda tem alguém jogando por lá”. No dia que eu vim, estava tendo treino, foi quando eu falei com o professor e entendi que podia vir treinar aqui. Fiquei três anos, mas sempre volto. Agora frequento outras [unidades do] Sesc também, agora não me falta informação que o Sesc também é pra mim.

Então, eu comecei a jogar na escola, lá em Guaianazes, e lá nessa escola tinha um amigo meu que jogava vôlei muito bem. Na época, como eu estava começando com o esporte, pra mim ele era um ótimo jogador. Ele falou pra mim que já havia jogado aqui no Sesc, mas só que eu não fazia ideia de como funcionava, se era pago, se era só vir jogar, se era alguma coisa mais privada, eu não fazia ideia, nunca tinha visto, nunca ouvi falar, minha família mesmo nunca veio pro Sesc.

Eu não tinha informação, aí eu falei com ele, ele falou que podia vir normal e jogar normal. Só que tem algumas pessoas que têm a carteirinha, mas ele não me explicou muito bem. Quando eu decidi vir, se eu não me engano, vim em uma quarta ou quinta à tarde, que estava tendo o treino lá, aqui dentro na quadra, no ginásio, eu falei com o professor Igor e ele falou que eu podia ficar lá vendo. Como eu já estava chegando no final do treino, ele falou que eu podia observar o treino e depois eu podia conversar com ele e saber mais.

Aí ele me explicou sobre a carteirinha, aí falou da senhora, da Bia, que era para vir no outro dia para falar com você. No dia seguinte eu voltei, falei com você, você me falou sobre a carteirinha, me explicou direitinho e eu me lembro que na época eu tinha feito a carteirinha só para modalidade esportiva, que era a carteirinha gratuita, porque eu não tinha condição de pagar os 10 reais, na época, pra acessar a piscina.

Também, porque eu tava meio que fazendo tudo sozinho. Como eu só tava interessado na atividade física, então eu vim só para conhecer o esporte, sabe? Para mim, mesmo aqui dentro, eu não tinha muito contato com as outras atividades realizadas pelo Sesc. Era mais o vôlei do que qualquer outra atividade, eu não sabia,

por exemplo, que o almoço tinha mais vantagens pra quem tem a carteirinha plena, ou então o acesso da piscina pra mim também, eu não sabia como que era.

Hoje eu tenho a carteirinha plena e hoje eu consigo ver o quanto eu perdi, que eu poderia ter tido muito mais. Depois que eu comecei a vir, comecei a participar mais, fui conhecendo, assim, hoje eu conheço um Sesc muito maior do que eu conhecia antes, já joguei em bastante Sesc graças ao PSE, os treinos que proporcionou, alguns desafios, torneios, visitas, passeios para outros Sesc.

Também já joguei por fora do Sesc, dentro de um Sesc, por exemplo, já joguei no Belenzinho, já joguei no Bom Retiro, já joguei também no Sesc Consolação, já joguei no São José dos Campos. Agora que eu sei que o Sesc é para todo mundo, sinto a vontade de entrar em qualquer Sesc, principalmente porque agora, sabendo as vantagens que eu tenho, se torna muito mais fácil. Eu não sabia que tinha academia no Sesc, eu não sabia a vantagem que tinha academia para uma credencial plena e hoje eu sei, isso me ajuda muito.

O Sesc mudou tudo, me mudou praticamente em tudo. Porque eu era uma pessoa tímida, era uma pessoa que não gostava muito de conversar e não gostava muito de ter contato com outras pessoas. Só que depois que eu vim pra cá, pro Sesc, conheci o PSE, eu descobri novas amizades, pude descobrir outros lugares, pude ser mais eu.

Saí um pouquinho da bolha que eu me colocava e pude ser uma pessoa diferente. Consegui fazer novos amigos, consegui me soltar mais. Hoje eu não sou tão tímido, hoje eu não sou tão reservado, hoje eu brinco bastante com as pessoas. Quando eu tô em quadra então, que foi o que mais me motivou a continuar no esporte, o que mais me motivou a continuar no Programa aqui no Sesc foi exatamente isso, porque jogando pelo Sesc, eu conhecia outros lugares, eu conhecia outras pessoas, eu jogava com outras pessoas, eu podia me soltar com outras pessoas, porque são pessoas diferentes de mim.

Porque aqui dentro eu jogo vôlei, e vôlei pra mim é uma coisa muito importante, é o que eu mais gosto de fazer, entende? E como eu já vinha pra cá, já estava fazendo aquilo que eu gostava de fazer, e gostava muito de fazer, e ainda por cima tinha pessoas legais, amigos que hoje eu me orgulho de ainda ter contato. Também a professora mesmo, que se tornou minha amiga e eu ainda mantenho o contato.

Teve um tempo que eu infelizmente fiquei sem jogar por motivos de saúde, motivos de saúde não, motivos de lesão, aí eu fiquei dois anos sem jogar, mas depois eu consegui voltar e me recuperar, mantive a mesma amizade, mantive contato com o esporte que eu gosto, hoje eu me sinto muito bem continuando. Hoje eu não faço mais parte do Programa, mas ainda mantenho contato e já tenho contato com os novos alunos, hoje eu não faço parte desse treino com os novos alunos, mas tenho contato com eles, é como se treinássemos juntos, como eu treinava antes, então isso é bem bacana.

Tem algumas pessoas que eu jogo contra, tem algumas pessoas que jogam comigo em um clube por fora do Sesc, então tem um convívio ainda, isso é uma coisa bem bacana também. Se parar para pensar, porque tem pessoas que se esquecem, tem pessoas que só somem, mas nós conseguimos construir uma amizade muito boa. Para mim ter criado laços de amizade dentro do esporte é uma coisa muito boa.

É uma coisa que mudou a vida, porque antes eu não focava muito em amizades, antes, na escola mesmo, eu era muito sozinho, então quando eu vinha pro

vôlei fazer uma coisa que eu gosto e tinha pessoas próximas que também eram legais, isso foi o que mais me ajudou.

Então, hoje quando sou procurado como exemplo, como ponto de apoio, isso reflete uma coisa muito importante. Porque na época – eu me lembro que, quando eu entrei, eu entrei antes dos meninos que eu conheço hoje, depois de um ano eles entraram – e, na época, eles ainda estavam aprendendo, eles não sabiam jogar muito bem. Eles me viram jogando, pensavam e me olhavam como referência. Isso me fazia sentir bem, também, porque é uma coisa que te estimula a sempre melhorar e não ficar para trás.

Só que hoje eles evoluíram também, e o bacana é que eles continuam me vendo como referência. Eles continuam com o mesmo respeito. A gente brinca, sabe? Tem aquela brincadeira de um provocar o outro, que faz parte da amizade, é uma coisa bacana, mas é uma brincadeira com respeito. É uma brincadeira porque eu sei que eles ainda têm o respeito por mim. Aquele respeito que eles tinham quando eu estava começando, eles ainda têm hoje, entende?

No começo me assustou muito eles me terem como referência. Principalmente depois da minha lesão, que eu fiquei dois anos sem jogar. Aí eu fui voltando aos poucos e, quando eu os reencontrei, eles já estavam bem lá na frente. Como eu estava em recuperação dessa lesão, eu ainda estava no mesmo lugar, ou tipo, voltei à estaca zero, então quando eu vi que estava muito para trás, estava errando muito, estava muito desgastado por causa da lesão, eu fiquei um pouco preocupado, tipo, “será que eles ainda me veem como referência?”.

Só que aí eu voltei a treinar, hoje eu estou 100% de novo, né – 100% não, uns 90% porque ninguém é 100%, né – nós estamos procurando evoluir e melhorar cada dia mais.

Hoje eu sinto que eles voltaram a ter aquela coisa, a me ter como aquela referência que eles tinham antes, a me ter com o respeito que eles tinham antes. Isso me deixa ainda mais preocupado, principalmente agora, porque um deslize que eu dou é uma coisa que pode provocar reação pra eles, mesmo. É uma consequência que pode virar para eles também, entende?

Que nem eu, eu tenho um amigo que, nossa, ele foi uma referência como líbero, porque ele jogava muito bem mesmo. Só que, hoje, devido a muitas lesões e também ao estilo de vida dele, ele decaiu muito no vôlei. Por isso, hoje ele é conhecido como uma pessoa ruim, meio que ele prejudicou a história dele, entende? E isso, eu olho isso e penso, “eu não quero que isso aconteça comigo, porque isso é uma coisa totalmente ruim para mim e também para aquelas pessoas que eu tive influência no treino deles, no processo de crescimento deles”. Então, isso me faz pensar em como eu tenho que agir.

Nossa, eu descobri que posso ser muito tímido, mas quando eu tenho que ir pra quadra eu me solto muito mais, então eu acabei levando isso da quadra pro meu dia-a-dia. Teve uma época que eu estava me desgastando muito fora da quadra, sabe, porque era muito pressionado, tinha muita pressão e eu era muito tímido, então eu não sabia lidar com as coisas fora da quadra. Até que teve um dia que eu parei para pensar e decidi meio que trocar, ou então trazer um pouquinho das coisas que eu passo dentro da quadra para fora da quadra, tipo a espontaneidade, aquilo de se soltar – porque uma pessoa tímida, eu percebi, que não consegue ter segurança e acesso, acaba perdendo muitas oportunidades. Então eu parei pra pensar, quando eu estou no

vôlei, eu me solto muito, eu não sou muito tímido, eu ganho muitas oportunidades, então vou tentar tirar um pouquinho disso pra me beneficiar fora.

E eu descobri que realmente ajuda muito, por exemplo, hoje eu tenho um trabalho bom, com pessoas ótimas, porque eu agarrei uma oportunidade ótima. Se eu fosse uma pessoa tímida, retraída e que não procurasse fazer amizade, eu já não estaria mais onde estou trabalhando hoje, mas porque eu trouxe esse meu jeito de dentro de quadra, essa minha característica dentro de quadra pra fora, isso me ajudou. Porque lá no trabalho, por incrível que pareça, eu brinco com o meu gerente, eu brinco com o meu chefe, eu brinco com as pessoas fora do meu convívio, eu brinco em casa. Sim, sem perder o respeito, claro. O clima mais leve é muito confortável, eu sei me colocar no meu lugar, sabendo que, tipo, ele é meu chefe, ela é minha gerente, e tem os outros que tem mais tempo lá na empresa do que eu, mas sempre com uma brincadeira, sempre para deixar o clima mais leve, não deixar um clima pesado no trabalho, e tem um momento que é sério.

É mais ou menos o que acontece na quadra, então, às vezes o técnico, a professora vai dar uma bronca, mas não é nada pessoal, dá uma cobrada na hora, e eu consegui transferir pra vida, deu muito certo, vem dando muito certo. Também agora, ano que vem eu vou começar a faculdade de Educação Física e tem muita influência do programa, foi aqui que eu descobri que queria estudar Educação Física.

Antes – eu sempre tive vontade de me envolver na área da Educação Física porque eu gostava – só que eu tinha um receio por conta do meu pai mesmo, porque meu pai era muito em cima pra que eu fizesse alguma coisa que desse mais lucro, entende? Eu tinha que fazer arquitetura, porque eu sou um ótimo desenhista, aí ele queria que eu fosse arquiteto, só que eu também sou bom em exatas, aí ele me sugeriu fazer engenharia, porque ele é engenheiro, só que aí eu falei que eu não queria engenharia, e ele falou, “então faz a arquitetura, que aí nós montamos a empresa”. Ou então, quando ele queria que eu fosse advogado, porque eu era muito inteligente, gostava muito de ler, eu era muito bom em retrucar, sabe? Muito firme naquilo que eu faço, em argumentar, ou então, quando ele falou, “por que não faz medicina?”.

Ele sugeriu um monte de coisas que eu não queria fazer. Aí eu fui entrando na onda, sabe? Tanto é que eu perdi três... três... Não, eu perdi quatro anos da minha vida pensando no que eu ia fazer por conta dessa pressão. Só que aí, durante esse ano que eu voltei pro vôlei, descobri novos caminhos, descobri minha personalidade própria, sabe? Eu me descobri. Eu me descobri em tudo, né? E isso me ajudou a descobrir o que eu quero pra minha vida. Então, mesmo que eu saiba que ele vai ficar chateado, eu só quero me sentir feliz, me sentir bem.

Eu me lembro que, quando eu fazia o treino aqui no Sesc, era você que dava aula. Eu me lembro de algumas vezes você trazer atletas seus do passado, que você já treinou, atualmente eu sou um desses! E é muito bacana, porque eu percebi na época que você meio que leva essas amizades muito para a sua vida, eu percebi o quão fazia bem para você na época, e eu me espelhei muito em você na época.

Porque, tipo, você era uma técnica muito solta, muito participativa, muito comunicativa, muito brava, mas eu acho muito legal, tanto é que, quando – eu acabei não citando, mas quando eu fui técnico no meio desses dois anos de lesão, que eu fiquei afastado por conta dessa lesão – fui técnico e terminei essa minha jornada como técnico no começo do ano. Foi um tempo muito bom, porque eu me lembrei de como

você treinava a gente e eu desenvolvi isso no meio do treino. Por incrível que pareça, até a parte das broncas, mas é muito bacana porque por eu me espelho muito em você. Por exemplo, eu senti a responsabilidade que você tem com gente, foi a mesma responsabilidade que hoje eu tenho com os meus amigos que jogam comigo.

Esse grupo que eu fui técnico é lá de Guaianazes mesmo, tinha algumas pessoas que eu conheci, que me conheceram, descobriram que eu jogava, que eu jogava bem, acho que me viram em algum lugar jogando e me perguntaram. Aí eu peguei e falei: “se quiser eu posso ajudar a treinar”. Daí foi entrando um monte de gente, um monte de gente... É, meio que eu fiz um projeto social, aí eu escolhi uma escola pra gente treinar, consegui doação de algumas bolas, aí meu, o projeto, no final das contas, evoluiu muito!

Hoje, eles são amizade fortes. Hoje, uma dessas pessoas que eu conheci está comigo atualmente. Então, foi uma coisa bacana. E, através desse projeto, eu consegui me descobrir, entende? E foi uma coisa que partiu daqui do projeto do Sesc, porque se eu não conhecesse o projeto Sesc, eu não ia saber lidar com isso. E eu não ia ter levado o que eu aprendi aqui pra fora, entende? Então, hoje eu sou o que eu sou graças ao projeto do Sesc.

Quando eu tava treinando esse time, eu treinava, procurava passar uma coisa de tudo que eu aprendi, sabe? Hoje eu não consigo mais passar literalmente tudo que eu aprendi. Tem coisas que eu aprendi que eles ainda não sabem, mas eu sei que tem alguns atletas, tem algumas pessoas que eu treinei que não continuam jogando, outras pessoas que jogam por hobby, outras pessoas que jogam bem, evoluindo. Tem, por exemplo, essa pessoa que está comigo atualmente, ela joga comigo direto, tá sempre evoluindo, evoluiu muito atualmente, então é uma coisa muito bacana.

Porque, que nem, por mais que tenham sido poucos que se mantiveram, foi uma coisa que eu pude passar e continuo passando, ou então quando eu vejo, quando a gente joga junto, ainda tem aquilo de passar um pouco mais, sabe? Porque a cada jogada que passa, a cada jogo que passa, é uma coisa nova que nós aprendemos, é uma coisa nova que nós podemos ensinar. Então, é uma coisa bacana e eu descobri que eu gosto de ensinar. E, principalmente, de ensinar uma coisa que eu gosto. E é por isso que eu escolhi a Educação Física.

Primeiramente, [no PSE] poderiam melhorar aumentando o nosso lanche. Eu acho que deveria ser almoço, por exemplo, é uma sugestão. Poderia ser almoço – não, porque aí o pessoal ficaria muito lento. Mas um lanche melhorzão, poderia ser um lanche um pouquinho mais forte, sabe? Porque, às vezes, eu me lembro que quando eu vinha treinar, eu estudava integral. Então eu saía da escola e não almoçava. Aí eu vinha pra casa, como eu morava em Guaianazes, eu tinha que sair de lá 13h. Então eu não conseguia almoçar. Aí eu saía da escola, pegava o ônibus, chegava aqui, passava a tarde inteira! Quando era o intervalo, estava literalmente faminto. E só ia conseguir comer quando eu chegasse em casa, ou seja, umas 19h.

Então isso acaba sendo um problema... Hoje eu percebo que era uma coisa que me prejudicava muito como atleta. Como atleta, prejudica muito você ficar muito tempo sem comer, porque gera desgaste e fadiga muscular. Hoje eu sinto algumas consequências por isso. Então, tipo, só conversar mais, para entender a situação de cada atleta, de cada aluno, né? Porque, que nem, tinha alguns dias que eu tinha condição de almoçar, tinha alguns dias que eu tinha condição de comprar alguma coisa, mas tinha dias que eu não tinha, então tinha que depender só do lanche. Então,

durante a semana, também, de vez em quando, era sorteado, sobrava um pouquinho de lanche, então tentava aproveitar e comer mais, isso era bom. Então era isso.

Aumentar a quantidade. A qualidade sempre foi ótima, sempre teve ótimos profissionais nessa parte e isso eu nunca critiquei. Agora, a quantidade é um problema. Tudo em fase de desenvolvimento e comendo pouco, né?

Então, o que dá pra melhorar, também, eu acho que é o tempo de treino, eu acho que 1h30 é muito pouco, poderia melhorar, porque – que nem hoje, toda semana eu treino, e durante a semana o meu treino chega a ser de 3h, 4h por dia, mais ou menos. Então, é uma coisa que tem como você absorver bastante, porque tem mais tempo. Como tem mais tempo, então tem mais coisa pra ensinar, então acaba tendo uma oportunidade pra focar melhor naquilo que você tá aprendendo. Agora, 1h30 você tem que fazer tudo correndo, aí, como tem muitos alunos, não tem como você focar muito tempo.

Eu falo isso porque eu já treinei um time, na época eu treinava 4h, teve dias que eu já tirei 6h pra treinar um time e, claro, a gente leva lanche e tal pra poder alimentar todo mundo. Eu focava muito pros atletas levarem alguma coisa, perguntava muito pra eles, por exemplo, “se você não conseguir levar alguma coisa pra comer, você fala que aí a gente tentava arrumar alguma coisa pra levar”, então é uma coisa em que todos se envolveram muito. Eram 4h de treino, mas mesmo assim nós tínhamos que fazer tudo muito rápido, não era todo mundo que eu podia observar com calma, pois era só eu treinando as 31 pessoas, era difícil, eu vejo isso. Trazendo isso pra cá, pro treino no Sesc, porque é 1h30, ou seja, tem que treinar tudo rápido, é ainda mais difícil você focar nos erros de todo mundo, tipo, você tem que ir sempre escolhendo, “ah, hoje eu vou olhar esse atleta, hoje eu vou olhar aquele atleta”, mas aí, por exemplo, surgiu uma coisa, eu tenho que sair desse atleta e ir pra outro atleta...

Emocionalmente, também, tem essas coisas de um atleta que não tá passando por bons momentos em casa, aí acaba trazendo pra quadra, então quer se distrair e você não sabe, ele tá aguardando aquilo, entende? Então é uma coisa que você tem que sempre estar preparada, porque uma palavra que você diz em um momento errado com uma pessoa errada pode causar um erro trágico pra aquela pessoa, né? Então eu falo isso porque já aconteceu comigo e eu não desejo isso pra outra pessoa.

Hoje, graças a Deus, eu consegui recuperar isso e trazer essa pessoa pra perto de mim de novo, né? Mas é uma coisa que me fez entender que eu ainda não tenho o preparo que vocês tem aqui. Porque você está sozinha, ou mesmo quando tem outro professor, são muitos alunos, todos com questões pessoais que trazem pra cá. E ter que ensinar vôlei pra tanta gente, em pouco tempo! É por isso que quero fazer Educação Física, aprender a lidar com tudo isso errando menos.

Sujeito 10. Pseudônimo: Marrom. 18 anos. Masculino. Solteiro. Preto. Renda familiar de 1 a 3 salários mínimos. Ensino médio em escola pública, cursando Educação Física (particular) com bolsa-atleta (vôlei). Trabalha com manutenção de celular e joga vôlei.

Antes do Sesc, eu não praticava nada, só na escola, [nas aulas de] educação física. Agora, depois do Sesc, eu pratico mais vôlei, que é o meu esporte favorito, que não tem outro igual. Fiz parte do PSE nos anos de 2017 e 2018 no voleibol.

Na verdade, eu vim só fazer um passeio no Sesc mesmo, vi uma aula de vôlei e perguntei se poderia participar. Então o professor falou para eu voltar no dia seguinte, às 14h, pra eu fazer uma aula teste, para ver se eu ia gostar do projeto, ele me passou tudo. Aí eu gostei, continuei e hoje estou aqui.

Foi um esporte novo, né, que eu conheci, o voleibol, tipo, começar desde o zero e eu evolui junto com as outras pessoas que estavam do grupo, não só no esporte! As amizades que eu conheci, que estão até hoje aqui, eu fiz e tenho dois melhores amigos que eu trato como irmãos. Então foi algo transformador na minha vida, sabe? Tipo, eu conhecer, passar por isso e estar aqui hoje.

Eu morava na região, [há] uns 30 minutos do Sesc e aí eu vim só passear, olhei e achei interessante, descobri que era muito mais que interessante. Na verdade, para ser bem sincero, o Sesc tinha passado uns meses antes em escolas da região falando sobre esse projeto, só que eu não tinha me dado conta, só depois eu fui perceber.

Para ser bem sincero, eu não era um tipo de pessoa que tinha amigos, que iam para minha casa, tudo mais. Então a primeira e principal parte que mudou isso foi essa questão da amizade, tipo, conhecer novas pessoas, saber como lidar com as pessoas, além da parte do respeito, que entrou pra minha vida: aprender a respeitar uns aos outros, principalmente coleguinhas meninas. Foi muito amplo, essa parte de não só saber jogar, mas também saber como se comportar dentro de quadra e nos outros lugares. A gente não tá representando só um clubezinho, entendeu?

E também ajudou na questão financeira, me ajudou muito, pois no Programa do Sesc era tudo de graça, forneciam a alimentação, material, tudo, a gente tinha tudo e ajudou mais na minha vida financeira, porque depois que eu saí do Sesc eu entrei na Federação de Vôlei, e [lá] eles pagam uma ajuda de custo, isso me ajudou muito, chama bolsa-atleta.

E também me ajudou em questão de tudo, cara! Se não fosse o começo ali, eu não seria a pessoa que eu sou hoje. Uma pessoa que sabe conversar, alegre. Sabe, eu não sei explicar, mas eu me soltei mais, fui mais livre e consegui ser eu mesmo. Então, a partir daqui, eu consegui me identificar e saber quem eu quero ser, melhorei nas atitudes, como que eu tenho que tratar as pessoas, como que eu tenho que lidar com as diferenças, entendeu? Isso em questão de tudo, tudo.

Exemplo, quando a gente vai fazer alguma seletiva, a gente tem que saber como se comportar, tem que saber o básico que a gente aprende no esporte, mas também na questão do respeito, você [tem que] saber como falar com as pessoas, como se comportar em cada ambiente, entendeu? Então, tipo, ajudou muito, muito, e foi o que eu falei, se não tivesse isso, tudo que aprendi aqui, eu nem passaria nas seletivas.

A pessoa que eu era antes era uma pessoa onde a [outra] pessoa mandava, eu só obedecia, entendeu? Era difícil. Mas hoje em dia não, eu consigo fazer o que eu quero, consigo me impor mais, principalmente dentro de quadra, falar o que tem que mudar, o que tem que resolver, quais são os problemas. Eu era muito reprimido, não conseguia falar com as pessoas. Então, tanto que no meu primeiro ano, que eu cheguei, o time inteiro era da mesma escola, só eu que era diferente, então pra eu me encaixar no grupo foi bem difícil. Mas depois de um tempo todo mundo me acolheu, todo mundo foi incrível. Eu consegui me soltar mais, consegui ser quem eu era e descobri meu valor.

Eu comecei a trabalhar com 13 anos, então era bem difícil, eu saía da escola e já ia pro serviço. Saía do serviço correndo, vinha treinar, saía do treino e já voltava pro serviço de novo. Tinha que lidar com tudo, mas não queria ficar fora do vôlei de jeito nenhum, mesmo eu me matando. Mas até que foi bastante fácil lidar com o tempo na época.

E o vôlei é um tipo de esporte onde você precisa ter muito psicológico bom, entendeu? Então, você tem que falar, se comunicar. Se você errar, não adianta você ficar só com você, remoendo o porquê de você estar errando e estar atrapalhando o time. Então o time vai ter que vir conversar com você, então o time vai ter que saber como conversar com você. Você tem que saber escutar e se impor – e desculpar também, reconhecer o erro. E tanto ao contrário, você vê que um dos seus colegas não está indo muito bem, você sabe chegar lá, conversar, você está vendo o jogo de um ângulo diferente, você vê e fala um jeito melhor para a pessoa conseguir lidar, sair daquela situação difícil.

Na vida é a mesma coisa, eu vejo na vida dos meus amigos uma situação de um ângulo diferente, então eu tento conversar e passar meu ponto de vista, entendeu? Assim como hoje, na minha vida, se alguém perguntar o porquê isso aconteceu, eu falo o que acontece comigo, entendeu? Do Programa eu levei o respeito, eu levei muito, muito mesmo.

Hoje eu dou aula em um time, hoje eu falo “a gente é um time, entrou dentro de quadra tem que treinar juntos, aprender juntos e se respeitar”. Cumprimentar todo mundo, não pode desrespeitar em momento nenhum, nem na hora da raiva, [não pode] falar um palavrão, tem que respeitar. Você tem que saber que ali é quadra, é jogo, então tem que levar a sério. A pontualidade foi um ponto crucial, porque uns 10 minutos que você atrasa, você já perde muita coisa, entendeu? Então é que nem hoje: hoje, no jogo, o cara que tá com uniforme atrasou 5 minutos, a gente tem que jogar de colete, sendo que a gente tem uniforme... ou mesmo tomar um W.O por atraso.

A minha transformação foi desde o primeiro ano que eu comecei. Passou um ano e no segundo ano eu queria levar as coisas mais a sério, então eu fui observando tudo na aula, observando os meus treinadores, tudo. Eu via eles como exemplo, então foi dali que eu comecei a falar, “é isso que eu quero pra minha vida”. Então já comecei a correr atrás, já comecei a ver como, a me identificar, pensei, “eu vou fazer Educação Física, ou vou fazer Fisioterapia, mas vou trabalhar com esporte”, entendeu?

E aconteceu da gente montar um time da cidade, feminino, e ele precisar de treinador e técnico. Então como eu tenho uma experiência, uma bagagem que eu ganhei aqui, que eu adquiri de vários jogos, e [também] depois vários times que eu passei, pela Federação, bolsa-atleta, então por tudo isso eles me chamaram. Eu aceitei e hoje em dia eu tô dando aula, tô correndo atrás e me mexo pra isso. Quero fazer essas transformações que o vôlei e o Esporte Jovem fizeram pra mim, pra mais gente, porque é muito bom isso. Você vê uma pessoa que tem futuro e conseguir auxiliar ela pra aquele futuro que você enxerga acontecer, pra – como jogadora, ou pessoa comum – ela crescer.

Atualmente eu treino masculino e feminino, um projeto comunitário, mas dou mais suporte pro feminino, porque foi mais no começo mesmo. E é bem difícil, porque eu sou uma pessoa muito estourada, então eu tenho que me desconstruir e construir de novo. Porque tem momento que não dá pra gritar, tem pessoas que eu tenho que

gritar, tem pessoas que só funciona gritando, tem pessoas que não dá pra resolver assim.

Isso é questão de treino, também. Eu chego em treino e fico cobrando muito, só que eu também tenho que ter a consciência que não é fácil para elas. Eu já estive lá, já estive do outro lado, então é bem difícil, mas tem que saber lidar. Falaram até que eu sou muito parecido com você, professora: sou bravo, grito (risos), o pessoal corre, a gente começa a aula e eu começo a passar treino, só que o pessoal começa a errar e pra eu me acalmar eu falo pra todo mundo beber água. Daí eu respiro, volto todo mundo para a quadra e, se continuar errando, eu já começo a falar que vão pagar 10 *burpees*, se a bola cair e ninguém tocar na quadra vai pagar mais 10, cair de novo é 20 e vai dobrando, vai dobrando. Chegou atrasado, 20 voltas. A gente vai jogando, faz um jogo de 15 pontos, aí a bola caiu de graça, ou errou por desatenção na aula, essas coisas vai aumentando de 10 *burpees*, mais 10 abdominais, e vai aumentando.

Mas isso não é ruim, eu mesmo já paguei muitos *burpees*, então é bom porque você vê que você tem um respeito das pessoas, sabe? As pessoas te respeitam, mesmo você estando ali só pra ajudar, as pessoas entendem isso, tipo, que você vai tirar seu máximo, porque o que eu penso é: você evolui quando você está exausto. Porque dali você vai tirar um gás, um pouquinho mais, vai conseguir evoluir. Então não adianta nada a pessoa errar e eu não falar nada, porque ali é um treinamento, eu estou ali pra ensinar a pessoa a treinar, a aperfeiçoar os movimentos dela, tem coisa que você tem que chegar e falar certinho, com calma, ser legal também é importante.

Eu sou treinador, então você tem que me respeitar lá e fora de quadra, eu sou amigo, companheiro, tudo. Mas não pode misturar, então, você tem que saber lidar com isso. Quando eu vou jogar em outros times, as pessoas vão me ver, vão saber como é que eu trato meu técnico, como eu trato meus professores, meus treinadores. Então, você ser exemplo é muito difícil. Porque você tem que meio que pisar em ovos, saber lidar. Entendeu? Então, é bem difícil.

É uma sensação confusa de ser eu mesmo, mas lembrar que estou dando exemplo. Ao mesmo tempo, é incrível, incrível. É aquela famosa pergunta: se me perguntassem há 5 anos se eu me enxergava aqui, eu não ia saber responder a essa pergunta. Porque, de verdade, eu me transformei completamente, eu superei a mim mesmo. E várias vezes, tipo, a cada momento, a cada dia, a cada jogo, você tem que se superar, você tem que se transformar, porque são situações diferentes onde você tem que saber lidar. Aprendi muito aqui.

Uma coisa que eu enxergo muito é que os alunos de hoje em dia não conseguem evoluir muito. Tem muita gente, acho que tá muito cheio pra pouco tempo. Claro, todos tem chance de evoluir e tem muita gente que tem muito futuro, só que não consegue evoluir por conta que é muita gente pra ser treinado em pouco tempo, entendeu?

Eles têm material, eles têm quadra, têm suporte, têm tudo. Só que é muita gente, então não tem como você aprender do zero com muitas pessoas na aula. É o que eu falo quando eu dou aula, lá também tem muita gente na aula, é difícil ensinar bem assim. Então, eu vou fazer a minha parte e vocês fazem a parte de vocês.

Então, uma questão que pesa muito, que eu acho muito, é muita gente pra uma quadra só, pra dois professores, entendeu? Mesmo tendo recurso de bolas, quadra, rede, então eu acho que as pessoas não conseguem evoluir por conta disso, mas a favor tem bastante coisa: os eventos, campeonatos, jogos e, claro, um ginásio! Cara,

na minha época não tinha ginásio, era sol quente, era chegar atrasado, correr no sol quente, chovia, tinha que rezar pra não chover, porque era pior do que quando tinha sol. [Quando chovia] a gente subia pra um palco, fazia físico, cara, era físico o dia todo, físico, físico, físico, não dava (risos).

Mas o meu grupo era menor e eu acho que teve mais evolução por causa disso, pelo fato dos professores conseguirem auxiliar mais, conseguirem passar uma base melhor, entendeu? Identificar dificuldades e saber lidar com elas, pois não adianta nada você preparar um treino, por exemplo, um treino de ataque, que tem uma pessoa que já consegue atacar, mas outra pessoa que nem sabe a passada ainda, entendeu? Então tem que passar um treino desde o começo. Aí fica voltando, vai ficar sobrecarregando as pessoas que já estão meio avançadas.

Eu acho que deveria separar isso, separar, colocar avançados e iniciantes separados. Na minha época teve isso até, uma passagem que separou isso. Os alunos que estavam com a Bia eram mais avançados e os que estavam com o Igor eram mais iniciantes, então quando chegava lá no final a gente estava com o mesmo nível técnico, entendeu?

E isso [de treinarem todos juntos] causa discórdia entre o grupo, porque um tá querendo jogar, o outro não sabe ainda e começa a se estressar. Então isso acaba corroendo a pessoa por dentro, vai deixando todo mundo nervoso. Mas essas seriam minhas sugestões. Menos pessoas por grupo seria cruel, sei que tem muita gente querendo entrar, mesmo sendo fim de ano, porque, cara, não tem o que temos por aqui, aqui por perto – é uma região carente. Mas tipo, atender 35 alunos com dois professores por 1h30 é cruel também.

Sujeito 11. Pseudônimo: Vermelho. 18 anos. Masculino. Preto. Solteiro. Ensino médio em rede pública. Renda familiar de 1 salário mínimo.

Eu praticava futebol, hoje eu pratico voleibol. Fiz PSE em 2022 com o vôlei, em 2023, atualmente com o vôlei também.

Bom, eu moro no entorno, mas o que me motivou a vir pra cá foi a procura do Sesc, por ter ido lá na minha escola, meus amigos também, que me incentivaram a vir. Eu sempre quis mudar muito de esporte, porque eu só jogava futebol, mas eu também gostava um pouco da cultura japonesa, que é o anime, eu via um anime de vôlei e eu sempre me interessei muito. Com isso, eu quis conhecer, quis ver como era. Quando eu entrei aqui, eu me maravilhei com pessoas legais, com professores muito bons, com um ambiente legal, e foi isso que me motivou a voltar.

Dentro do Sesc eu nunca fiquei sabendo que tinha esse programa, eu só conhecia os programas do Curumim e o Juventudes, se não tivessem ido lá na minha escola eu nunca teria sabido [do PSE], porque quando eu vinha aqui no Sesc, no Curumim, eu nem sabia que tinha esse programa de Esporte Jovem. E o Curumim é para menor, quando eu era mais novinho, então posso dizer que eu frequentava o Sesc há alguns anos e mesmo assim não tinha conhecimento do que acontecia aqui dentro. Não tinha conhecimento que tinha mais esse esporte para eu praticar, esse Programa. Que é um Programa que ajuda muitas pessoas. Foi pela escola mesmo, quando foram na minha escola convidar a gente.

Eu acho que uma palavra que pode definir muito minha passagem pelo PSE é resgate. Eu me resgatei aqui dentro. Eu me sentia perdido, não sabia o que eu queria

fazer da minha vida. O Programa Sesc de Esportes Jovem fez eu me resgatar, me descobrir, hoje eu sei quem eu sou.

Aprendi de uma maneira extrovertida, de uma maneira leve, percebi como as coisas na vida não precisam ser tratadas só como um peso e isso me motivou a ser melhor, sabe? Se não tivesse entrado aqui, eu acho que eu seria uma pessoa muito triste, eu falo isso com convicção, porque eu tava vindo de um momento muito ruim, momento pandêmico, tinha acabado de perder alguém importante, e praticar o esporte, ver o incentivo que o Sesc – apesar de não ter muita procura –, ver o incentivo que o Sesc dava pra gente praticar esporte me ajudou.

Os professores, também, sempre ajudando, então eu fui me resgatado aqui dentro, hoje eu sou uma pessoa que eu nunca imaginei ser. Eu me sinto um líder, apesar de meus erros e falhas. Eu aprendi a ser uma pessoa melhor, ser uma pessoa mais comunicativa, a ajudar os outros da minha maneira, mas a sempre buscar incentivar, a melhorar, a buscar sempre evoluir. Acho que a evolução também é uma coisa que me marcou muito e, se não fosse isso, eu não sei o que seria de mim.

Eu acho que, como eu fazia futebol antes, né, antes do meu exercício atual, eu fazia porque é algo que tá na cultura brasileira, do menino querer aprender a jogar futebol, querer saber jogar futebol. Sempre foi algo do meu interesse, porque eu sou muito fanático do futebol, mas eu gosto mais é de torcer, foi no vôlei que eu consegui me encaixar. Eu percebi que nem tudo é uma bolha. Eu saí, eu estourei a bolha, sabe?

E estar aqui me mostrou como eu posso ser de verdade. Não foi só o vôlei que eu aprendi, eu aprendi com os professores a conversar, a sempre debater com respeito, sempre correr atrás dos meus sonhos, incentivaram a gente a fazer vestibular, não falava só sobre o vôlei. O vôlei me mostrou como é a vida, mas não só o vôlei, os professores, eles me mudaram a minha vida.

Acho que líder não é mandar, mas sim ser um ponto de apoio. Eu vejo que o pessoal se apoia muito em mim e por isso eu tento me manter muito forte para ajudar. Apesar de ter meus momentos de tristeza, obviamente, eu tento sempre estar ajudando. E isso mostrou como eu sou bom nisso, eu sou bom em ser um ponto de apoio para as pessoas. Eu fui moldando isso com o passar do tempo, fui sabendo lidar com pessoas diferentes. Eu acho que ser líder é saber lidar com pessoas, saber tratar elas. Então, acho que líder não é só mandar, é saber organizar, saber como tratar, saber como falar. E aí, isso reflete um pouco em como lidar com as pessoas em suas diferenças.

Eu acho que eu vou tratar as coisas com mais leveza, com mais sinceridade, é difícil explicar, pensar como eu vou fazer isso, porque eu estou indo para uma área totalmente diferente do vôlei, que é TI, então eu vou pegar tudo isso que eu absorvi no vôlei e vou levar para o mundo. Como, “olha, não é só assim que a gente tem que viver, não é esse olho para frente e não olhar para os lados, não ver quem está atrás de você, quem está pensando na sua ajuda”, então é isso, o vôlei me mostrou que se você não está conseguindo, pede ajuda. Se você está vendo quem não está conseguindo, então vai lá e ajuda. Então acho que é isso que eu vou tentar levar para fora, essa empatia. A empatia foi algo que me mostrou muito no vôlei, então acho que eu vou conseguir levar isso para fora, mostrar isso do meu lado para o mundo.

Dentro de casa eu melhorei bastante, vou falar que eu era meio desleixado, hoje eu ajudo mais, procuro sempre entender o lado da minha mãe. Desde que ela perdeu minha avó, eu sempre tô ali, perto dela. Mas o que isso tem a ver com o

esporte? O que eu levo do esporte pra dentro de casa? Aqui aprendi a ser resiliente, ser paciente, esperar a minha vez chegar, esperar a minha hora, ver como organizar as coisas, ter mais coisas em mente, pensar, pensar, literalmente pensar, porque o vôlei não é um esporte que você só vai dar pancada, você não vai fazer as coisas sem pensar, você tem que pensar antes do que você vai fazer. Tem uma estratégia, então você monta uma estratégia, vai vendo as coisas dentro de casa, pensando, “ó, eu tenho tempo de fazer isso”, então vou organizando meu tempo.

O esporte me mostrou a ter estratégia, ter um plano na minha mente. Isso tem a ver com TI, né? TI também é uma coisa que é objetiva, mas o TI eu acho que já é uma profissão não tão coletiva, assim, digamos, né, quanto o esporte. Tipo, uma empresa, pode ser terceirizado ou não, que eu já vi várias pessoas – eu tenho um amigo que me incentivou a ir pra essa área também –, então, tipo, tem um grupo de pessoas, essa grupo de pessoas vão ter que entregar um trabalho, então, mas vão ter que se unir e, tipo, cada um fazendo a sua etapa, fazendo a sua parte, pro trabalho chegar lá no final com um êxito, com sucesso. E se der errado, tem a bola pra frente. É igual aprender a perder, faz parte, nem sempre a gente vai conseguir ganhar. Importante é o próximo ponto, né?

No esporte, sempre que eu puder estar jogando, eu vou tentar vir, até mesmo de semana. Se eu conseguir, dependendo do emprego que eu vou estar e da faculdade que eu vou fazer. Mas, ano passado, até desisti desse dois – desisti não, adiei – porque eu queria muito levar o vôlei para a frente. Mas, infelizmente, eu não tenho a altura para isso, né?

Eu sou uma pessoa baixa para o vôlei profissional, então eu vou continuar jogando entre amigos, brincando de jogar. As amizades eu vou levar pra vida, as amizades me transformaram aqui dentro, eu fiz amigos de verdade, amigos reais que vão estar sempre comigo, amigos que me apoiaram muito e que eu sempre também vou estar apoiando.

Eu acho que o convívio de estar sempre ali, sempre ajudando o outro, sempre dando um toque assim, ali, “ó, tá fazendo isso aqui de errado, vamos melhorar isso aqui”, unidos como um time. Eu acho que é, tipo, quando a gente tá na sociedade em si: mesmo se a gente for da mesma sala ou não, a gente tem essa coisa da sociedade de pensar só em si mesmo, e é isso aí – individualismo né? – pensar, “eu preciso da minha nota, então é isso que eu vou pensar, isso que eu vou fazer”, “tô ali na escola, e é isso, vou focar nisso, dane-se o resto” – mas aqui, não! Aqui, você vira um time, você vira uma família. Quando a pessoa conta as coisas da vida dela pra você, você também, vice-versa, vai formando uma amizade que dura anos.

Eu acho que também tem desafetos aqui. É mínimo, mas tem. Tem pessoas, obviamente, que não são amigas, mesmo sendo do mesmo time, mas o companheirismo entra na quadra no jogo. [A gente] sabe que aquela pessoa ali está por você, e você está por ela. Então é isso que move, sabe? E é isso, basicamente. Um objetivo comum que faz superarem as diferenças. Esse objetivo que é, obviamente, vencer a partida, faz a gente superar as diferenças. Você fala assim, “ó, você conta comigo que eu vou estar ali para te ajudar, vou estar lá subindo a bola, vou estar atacando o seu levantamento”, entre outras coisas.

Eu não estivesse aqui, eu acho que eu seria uma outra pessoa, para falar bem a verdade: uma pessoa depressiva. Aqui eu me sinto realizado, independente da derrota ou da vitória, de estar com as pessoas, eu me sinto realizado por estar

praticando uma coisa que eu gosto. Eu não percebi esse amor que eu tinha pelo vôlei, e aqui no Esporte Jovem o amor cresceu, sabe? Como uma paixão mesmo, um relacionamento, você vai construindo essa paixão, você vai conhecendo a pessoa e tal, aí quando você vê, está muito apaixonado. Eu me sinto muito apaixonado por vôlei, por cada ponto, por cada vitória, então me sinto uma pessoa muito realizada.

Eu acho que [falta] divulgação. Tem que ter muito mais divulgação. Porque tem muitas pessoas que precisam do esporte. Como eu precisei, como eu estava no limbo e aqui eu me reencontrei. Tem pessoas que estão assim, tem pessoas lá fora que estão nas drogas, com 15, 13, 14 anos de idade e se veem perdidos. Então, tem que divulgar, tem que chegar mais nessas pessoas.

E, dentro do Programa, eu acho que [tem que] saber trabalhar nosso tempo, acho que 1h30, que a gente tem esse treino, é pouco. Às vezes eu acho que falta mais um tempinho, apesar de ser horário ali que bate com as pessoas que estão saindo da escola mais cedo, do horário matutino, né? Então eu acho que regular mais esse tempo, mesmo sendo um esportivo... Aumentando, aumentando, mais tipo uns 10 minutos, 15 minutos, que são algo diferente. Saber ali trabalhar melhor esse tempo.

E, apesar de ser um esporte misto, eu sinto que quando as meninas estão em quadra, por a rede estar alta, falando especificamente do vôlei, por a rede estar mais alta, eu sinto que elas não têm tanta confiança para cortar, bloquear. Então [precisa] saber dosar, tipo, “ah, um dia vamos jogar com a rede aqui mais alta, para os meninos baterem, para os meninos aprenderem”. Com a rede [alta] elas vão poder saltar, mas às vezes por serem baixinhas não vão conseguir fazer um ataque bom. E com a rede delas... saber intercalar esses treinos para ajudar os dois lados.

Obviamente, o vôlei ajudou muito estar aqui no esporte. Pegar uma bola e descontar toda essa raiva, toda essa tristeza. A conversa com os professores – eu passei por três professores diferentes, o professor Sérgio, a professora Bia, o professor Igor, cada um tem uma maneira diferente de levar o treino, mas eles são “paizão”, pais e mães para a gente –, então foi muito importante estar com eles. Eles foram pessoas que me moldaram, mudaram meu caráter, então foi algo muito bom verdade. Acho que o Esporte Jovem realizou um sonho para mim, o de me encontrar.

APÊNDICE 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) Senhor(a),

Convido você a participar, como voluntário(a), do estudo intitulado **“Implicações do Programa Sesc de Esportes na educação integral de jovens na região de Itaquera - SP (2016 à 2023).”**, o qual apresenta como objetivo geral ao considerar a regionalidade e especificidades da unidade Sesc Itaquera, entender como os jovens são impactados em sua formação integral e educação não formal pela sua participação no Programa Sesc de Esportes nos últimos sete anos situadas em regiões socioeconômicas vulneráveis na cidade de São Paulo/SP. O projeto, motivado pelo interesse de se conhecer os resultados do programa em destaque, busca identificar as particularidades do Programa Esportivo do Sesc no contexto dos jovens da região de Itaquera; Entender qual o significado para esses jovens em participar do programa e compreender os limites e possibilidades das ações educacionais desenvolvidas pelo Programa Sesc de Esportes para destacar a importância do aquilombamento em seu uso. Partindo da premissa de que a unidade está inserida em um local carente na zona leste da cidade de São Paulo, onde o acesso ao lazer e à cultura ainda parece excluir parte dessa população periférica, e ao tomar como base relatos de transformação deste cenário através do esporte surge a ideia de analisar as modificações pessoais e sociais causadas pelo PSE na vida desses jovens. Esta pesquisa visa fortalecer a linha de estudo curricular, conhecimento e cultura através de minha experiência profissional como educadora físico-esportiva no Programa Sesc de Esportes nos últimos dez anos.

PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

A sua participação no referido estudo consistirá em:

- Participar de todos os quatro encontros em grupo, orientados por meio de um roteiro de perguntas semiestruturadas, no formato presencial, no Sesc Itaquera. Estima-se a duração de, aproximadamente, 1 hora para cada encontro.

Os dados coletados serão utilizados para realização desta pesquisa, sendo que você receberá os devidos esclarecimentos antes e durante a pesquisa, bem como sobre sua metodologia. Você também receberá uma via deste termo, no qual consta o endereço de e-mail e o número de telefone celular do pesquisador principal, com o qual poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

RISCOS E BENEFÍCIOS

Através deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, você está sendo informada/o de que, da pesquisa a se realizar, pode esperar quanto aos Benefícios:

- Benefícios diretos: contribuir na composição de dados por meio de suas

respostas às perguntas enquanto docente, contendo informações e dados relevantes para realização de análises interpretativas junto ao referencial teórico, com relação ao tema abordado, representando importante parcela de um todo que referenciará a base para orientar o intuito deste estudo.

- Benefícios indiretos: (i) valorização e reconhecimento profissional em relação à potência do trabalho realizado; (ii) possibilidade de melhorias no que diz respeito ao documento norteador do programa e sua aplicabilidade.

Quanto aos Riscos apresentados pela referida pesquisa, informamos que, por se tratar de uma pesquisa acadêmica na área da Educação, não representa riscos físicos, psíquicos e culturais. Não obstante, faz-se necessário destacar que há outras possibilidades de riscos, ainda que mínimos, como os referentes às dimensões intelectual, social e moral, visto lidarmos com informações pessoais. Dessa maneira, ressaltamos, no que diz respeito ao processo de coleta de dados, que:

- a) Você participará dos encontros em data e horário combinados previamente, de modo a não prejudicar a sua rotina de trabalho, estudos e outros;
- b) Você deverá estar no local e hora indicados pelo pesquisador que se compromete a providenciar a checagem das condições necessárias para a garantia das condições de saúde pública, assegurando o seu conforto e a sua integridade durante a coleta;
- c) Quanto à entrevista semiestruturada:
 - Antes de seu início, você terá acesso às perguntas previamente formuladas, de maneira que possa analisar se lhe gerará algum tipo de constrangimento. As perguntas serão realizadas de forma direta, limitadas a uma análise sócio-ecômica para simples efeito de construção de perfil.
 - Caso sinta necessidade, você poderá solicitar ao pesquisador que leia a pergunta formulada quantas vezes forem necessárias até que a compreenda em sua totalidade;
 - Importante destacar que, para melhor possibilidade de análise dos dados, os encontros serão gravados, sendo que você, no momento da mesma, será comunicado/a do início e término da gravação. Além disso, o pesquisador se compromete a lhe fornecer uma cópia da transcrição dos encontros, de maneira que tenha condições de analisar possíveis constrangimentos;
- d) As informações e os dados coletados nessa pesquisa serão amplamente divulgados, mas a sua participação é voluntária, de modo que você poderá desistir de participar a qualquer momento e/ou não responder alguma questão em que não se sinta confortável por algum motivo.

SIGILO E PRIVACIDADE

Caso aceite participar da realização deste estudo, garantimos o sigilo e anonimato, não revelando a sua identidade e qualquer dado secundário que possa levar à sua identificação. Também nos responsabilizamos pela guarda e confidencialidade dos dados, bem como a não exposição dos dados de pesquisa. Asseguramos o sigilo total quanto a não identificação de seu nome na pesquisa (utilizaremos siglas ou códigos para mencionar o participante, por exemplo: A, B) e a sua imagem não será divulgada. Ao aceitar participar, você nos autoriza, enquanto pesquisadores, a utilizar os dados fornecidos na coleta para análise de acordo com os objetivos da pesquisa e produção científica.

AUTONOMIA

Asseguramos assistência durante toda pesquisa, bem como garantimos seu livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois de sua participação. É seu direito a retirada do consentimento a qualquer tempo, sem ônus, prejuízo ou temor de represália. As informações coletadas destinam-se exclusivamente para pesquisa acadêmica e a divulgação dos resultados desta, em eventos, preservando integralmente o anonimato dos participantes, como afirmado anteriormente.

RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO

Sua participação neste estudo não acarretará desembolso ou investimento de nenhum recurso ou taxa, assim como não haverá solicitação de qualquer compensação ou pagamento.

De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente de sua participação no estudo, você será devidamente indenizado, conforme determina a lei.

CONTATO

Caso permaneça alguma dúvida, disponibilizo meu contato pessoal de e-mail bestrizsouper@hotmail.com e celular (11) 983638703. Caso queira, poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, o qual foi responsável pela avaliação ética deste trabalho, pelo e-mail cometica@pucsp.br. Após esses esclarecimentos, solicito o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa com o preenchimento dos itens que se seguem.

DECLARAÇÃO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto, meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste Termo de Consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo, desde que salvaguardado meu direito ao sigilo e anonimato:

Dados do participante:

Nome completo:

Telefone:

E-mail:

_____, _____ de _____ de 2023.

Nome completo

Assinatura do Participante da Pesquisa

Nome completo

Pesquisador